



O MODELO DE JOGO NO FUTEBOL DE FORMAÇÃO

Estudo sobre a concetualização e operacionalização do modelo de jogo de treinadores de futebol Infantojuvenil

José Luís de Carvalho Goulão

Orientadores

Professor Doutor João Júlio de Matos Serrano

Professor Doutor Rui Miguel Duarte Paulo

Dissertação apresentada à Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco, para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Atividade física, realizada sob a orientação científica do Professor Doutor João Júlio de Matos Serrano e do Professor Doutor Professor Rui Miguel Duarte Paulo, do Instituto Politécnico de Castelo Branco.

Março/2018

Composição do júri

Presidente do júri

Doutor João Manuel Patrício Duarte Petrica

Professor Coordenador da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco

Vogais

Doutor Manuel André Filipe Teixeira e Seabra

Professor Auxiliar da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto

Doutor João Carlos Rodrigues Rocha

Professor Adjunto Convidado da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco

Doutor João Júlio de Matos Serrano

Professor Adjunto da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco

Agradecimentos

Aos meus pais, pela educação e valores transmitidos assim como pelo apoio e incentivo constantes.

À Minha esposa pela compreensão, paciência e carinho, suportando-me incondicionalmente nos momentos menos bons.

Aos meus filhos pelo incentivo e apoio e pela minha ausência.

À minha restante Família por tudo o que significam para mim.

Ao Professor Doutor João Serrano e Professor Doutor Rui Paulo pelos ensinamentos e apoio no decorrer do Mestrado assim como pela disponibilidade demonstrada e acompanhamento efetuado, ao longo da elaboração da dissertação.

Ao Professor André Ramalho pelos ensinamentos sobre análise temática.

Ao Presidente e Treinadores do Clube de Futebol onde foi feito o estudo, pela maneira como colaboraram comigo.

Aos amigos, que ao lerem esta palavra nela vêm o seu nome.

Resumo

O Modelo Jogo (MJ) no futebol assume-se como parte fundamental, nas preocupações dos treinadores, sendo um referencial de extrema importância para toda a estrutura do clube, culminando numa forma de jogar em que todos percebam e saibam o que fazer em qualquer momento do jogo. Autores como Castelo (1996) ou Garganta (1996, 2000, 2005) referem que se constitui como o ponto de partida que é determinante para a orientação da ação e organização de uma equipa e que tem uma importância essencial no comportamento tático dos jogadores.

Neste sentido, o principal objetivo do nosso estudo, foi perceber como é que os treinadores de futebol das equipas/escalões de formação de um clube de futebol, que participam nos campeonatos distritais e nacionais, concetualizam e operacionalizam o seu modelo de jogo e verificam as diferenças, tendo em conta a idade, experiência como treinador, a formação académica e a formação FPF.

Participaram no estudo 11 treinadores de futebol de um clube de formação, que participa nos campeonatos distritais e nacionais. O instrumento usado na recolha dos dados foi uma entrevista semiestruturada, partindo do guião de entrevista de Gonçalves (2009), após adaptação ao contexto de estudo e de validação por peritos. Os principais resultados encontrados, levam-nos a concluir que, a “Ideia de Jogo” é prioritária para a conceção e criação do seu MJ e que “os cinco momentos do jogo”, “o desenvolvimento dos atletas” e “conhecimento do jogo”, são fundamentais para a conceção do mesmo. Quem deve participar na formulação e conceção do MJ é a equipa técnica e que o contexto do clube pode influenciar o MJ. As qualidades e características dos jogadores, a alteração do método de jogo, a alteração da forma de treinar e a alteração do posicionamento dos jogadores são condicionalismos que podem influenciar o MJ, assim como reajustamentos que os treinadores fazem no seu MJ ao longo do tempo. As pessoas que devem ter um conhecimento claro sobre o MJ adotado são a Equipa Técnica, o MJ deve ser um elemento orientador do processo de treino e de jogo da equipa, os exercícios não devem ser padronizados e as características dos Jogadores são importantes para a posição que ocupam no MJ.

Palavras-chave: Futebol, Modelo Jogo, Formação, Treinador

Abstract

The Game Model (GM) in football is assumed itself as an essential part in every coach's worries, being a very important reference for the whole structure of the club, culminating in a way of playing in which everyone understands and knows what to do at any time of the game. Authors like Castelo (1996) or Garganta (1996, 2000, 2005) mention that it is seen as a starting point which is decisive for the orientation of the action and organisation of a team, and it has a fundamental importance in the tactical behaviour of the players.

Therefore, the main objective of our study is to understand how football coaches of teams / formation classes of a football club, who take part in district and national championships, think and implement their game model, as well as check their differences, bearing in mind, the age, coach experience, the academic qualifications and the training of the Portuguese Federation of Football (PFF).

Eleven coaches of a training football club, who have participated in our study, take part in district and national championships, considering that they have different ages, qualifications and training of the PFF. The instrument used in data collection was a semi-structured interview, taking the interview script of Gonçalves (2009), after adaptation to the context of study and validation by experts. The main found results make us come to the conclusion that the "Idea of Game" is prior to the conception and creation of their Game Model (GM) and that "the 5 moments of game", "the athletes' development" and "getting to know the game" are essential for the conception of it. The ones who should participate in the creation and conception of the Game Model (GM) is the technical team and the context of the club can also influence the GM. The qualities and features of the players, changing the method of the game, changing the training and the position of the players are constraints which may influence the GM as well as the readjustments that coaches carry out over time in their GM. The people who should have a clear knowledge about the adopted GM are the technical team. Besides, the GM must be a guiding element of the training process and of the team game; the exercises should not be standardized and the players' features are important for the position they have in the GM.

Keywords: Football, Game Model (GM), Training, Coach

Índice

1. Introdução.....	2
1.1. Pertinência do estudo	3
1.2. Estrutura do estudo.....	3
2.Revisão da Literatura.....	6
2.1.0 Futebol enquanto Fenómeno Social e Mundial.....	6
2.2. O Papel do Treinador de Futebol e sua importância	9
2.2.1 – O Treinador do Futebol Infanto-juvenil	12
2.3. O Modelo de jogo no futebol.....	15
2.3.1. Definição conceptual de modelo de jogo e importância de um modelo de jogo no futebol.....	18
2.3.2. Modelo de jogo no futebol adulto e no futebol infantojuvenil.....	22
2.3.3. Operacionalização de um modelo de jogo.....	24
2.4. Estado da Arte.....	30
3.Objeto de estudo	36
3.1. Objetivo geral.....	36
3.2. Objetivos específicos	36
3.3. Enunciado do Problema.....	37
3.4. Questões do estudo.....	37
3.5. Variáveis do estudo.....	38
4. Método.....	40
4.1. Introdução.....	40
4.2. Tipo de estudo	40
4.3. Participantes.....	40
4.4. Procedimentos para recolhas de dados	41
4.5. Instrumento utilizado para a recolha de dados.....	42
4.6. Modelos de Classificação	42
4.6.1. Definição dos Modelos de Classificação	45
4.7. Tratamento estatístico dos dados	50
5. Apresentação dos Resultados.....	52
5.1. Caracterização dos participantes.....	52
5.2. Análise das entrevistas.....	52
6. Discussão dos resultados	62

7.Conclusões	70
7.1.Considerações Finais	71
7.2. Perspetivas de Investigação: limitações e sugestões	72
8. Referências Bibliográficas	76
ANEXOS	85

Índice de figuras

- **Figura 1.** Modelo Unitário de organização do jogo em futebol (adaptado de Cervera & Malavés, 2001)
- **Figura 2.** Indicadores a ter em conta na construção do MJ, segundo Tamarit (2013)
- **Figura 3.** Modelo de Jogo (adaptado de Oliveira, (2003)

Índice de Quadros

- **Quadro 1** - Principais diferenças entre o futebol infantil e futebol de adultos (adaptado de G. Ruscas, 1999, cit. por Pacheco, 2001, p 20)
- **Quadro 2** - Princípios transversais (fundamentais e específicos) do jogo de futebol (adaptado de Worthington, 1974; Hainaut & Benoit, 1979; Queiroz, 1983; Garganta & Pinto, 1994; Costa et al., 2009)
- **Quadro 3** - Princípios Globais de jogo
- **Quadro 4** - Princípios Específicos do jogo
- **Quadro 5** - Modelo jogo para iniciantes para idades dos 11 aos 13 anos
- **Quadro 6** – Modelo jogo regular para idades dos 14 aos 16 anos
- **Quadro 7** – Modelo jogo regular para idades entre 17 aos 20 anos
- **Quadro 8** - Modelos de classificação para as perguntas 1 e 2
- **Quadro 9** - Modelos de classificação para as perguntas 3 e 4
- **Quadro 10** - Modelos de classificação para as perguntas 5 e 6
- **Quadro 11** - Modelos de classificação para as perguntas 7 e 8
- **Quadro 12** - Modelos de classificação para as perguntas 9 e 10
- **Quadro 13** - Modelos de classificação para as perguntas 11 e 12
- **Quadro 14** - Modelos de classificação para as perguntas 13 e 14

Lista de tabelas

Tabela 1: Caracterização dos participantes (n=11)

Tabela 2: Resultados referentes à questão “O que é para si o MJ?” (n=11)

Tabela 3: Resultados referentes à questão “Qual é o seu MJ?” (n=11)

Tabela 4: Resultados referentes à questão “Quais os objetivos que se pretendem alcançar com a criação do MJ, na sua equipa?” (n=11)

Tabela 5: Resultados referentes à questão “Quem deve participar na formulação e conceção do MJ?” (n=11)

Tabela 6: Resultados referentes à questão “Ao Formular o MJ quais os aspetos a ter em conta?” (n=11)

Tabela 7: Resultados referentes à questão “O Contexto do Clube pode influenciar um MJ? Como?” (n=11)

Tabela 8: Resultados referentes à questão “Quais os Fatores e Condicionaismos que podem influenciar um MJ?” (n=11)

Tabela 9: Resultados referentes à questão “O MJ pode ser reajustado em Função da Prestação da Equipa, dos Resultados e da Evolução do Jogadores? De que forma?” (n=11)

Tabela 10: Resultados referentes à questão “É da opinião que se deva alterar o MJ durante a época? Porquê?” (n=11)

Tabela 11: Resultados referentes à questão “Considera importante ter mais que um sistema tático idealizado para o MJ? Porquê?” (n=11)

Tabela 12: Resultados referentes à questão “O MJ deve ser um elemento orientador do Treino e do Jogo da Equipa? Porquê?” (n=11)

Tabela 13: Resultados referentes à questão “Os Exercícios de Treino devem ser Padronizados de acordo o MJ? Porquê?” (n=11)

Tabela 14: Resultados referentes à questão “As características dos Jogadores são importantes para a posição que ocupam no MJ? Porquê?” (n=11)

Tabela 15: Resultados referentes à questão “Quem deve ter conhecimento do MJ adotado? Porquê?” (n=11)

Lista de abreviaturas, siglas e acrónimos

Federação Portuguesa de Futebol (FPF)

Modelo Jogo (MJ)

União das Federações Europeias de Futebol (UEFA)

Capítulo I

Introdução

1. Introdução

O Modelo de jogo (MJ) para qualquer equipa de futebol é o referencial para todos elementos da equipa, uma estrutura de comunicação e um dos principais orientadores do processo de treino. Uma forma de jogar em que percebam e saibam o que fazer em qualquer momento do jogo. Autores como Castelo (1996) ou Garganta (1996, 2000, 2005) referem que se constitui como o ponto de partida que é determinante para a orientação da ação e organização de uma equipa e que tem uma importância essencial no comportamento tático dos jogadores.

Oliveira (2003) diz que é uma ideia ou conjetura de jogo que decorre dos seus constrangimentos, sejam eles estruturais, funcionais e regulamentares. Castelo (2008) refere que o MJ tem por base, a conceção de jogo do treinador, os constrangimentos do Clube e dimensão estrutural e funcional da equipa; bem como os princípios de orientação de resposta tática durante o jogo. Concordamos com Gonçalves (2009, p.84) quando diz que “a construção e desenvolvimento de um MJ correspondem a um conjunto de roturas entre modos sucessivos de explicação e interpretação do jogo”.

Considerando que o sucesso de uma equipa está muito dependente do modelo de jogo do seu treinador, vamos procurar saber como é que os treinadores de futebol das equipas jovens de um clube de formação concetualizam e operacionalizam o seu modelo de jogo e se a idade dos treinadores, os anos de experiência como treinador e a sua formação influencia essa operacionalização e conceptualização.

Procurou-se saber qual o conceito de MJ dos treinadores; que objetivos se pretendem alcançar quando se cria um MJ para a equipa; quem deve participar na formulação e conceção do MJ, quais os aspetos a ter em conta na formulação do modelo; se na opinião deles o contexto do clube pode influenciar o MJ, Procuramos ainda saber quais os fatores e condicionalismos, que podem influenciar o MJ adotado; saber se o modelo é reajustado em função da prestação da equipa, do resultado, da equipa de arbitragem, ou do desenrolar do jogo; se os treinadores vão reajustando no seu MJ ao longo do tempo; qual a opinião deles sobre quem deve ter um conhecimento claro sobre o MJ adotado, se esse mesmo modelo deve ser ou não um elemento orientador do processo de treino e de jogo da equipa e se os exercícios a propor devem ser padronizados para todas as equipas de acordo com o MJ. A amostra foi constituída por 11 treinadores de futebol de formação. O instrumento usado na recolha dos dados foi uma entrevista semiestruturada. O guião de entrevista usado no nosso estudo foi construído partindo do guião de entrevista de Gonçalves (2009). No seu estudo o autor citado construiu e validou a entrevista que foi dirigida a treinadores UEFA Professional (IV Nível) que treinavam seniores, e por isso, tivemos necessidade de fazer algumas alterações e adaptações e submeter o guião da nossa entrevista a uma validação por especialistas.

Neste sentido, o objetivo geral do nosso estudo, foi perceber como é que os treinadores de futebol das equipas/escalões de formação de um clube de futebol, que participam nos campeonatos distritais e nacionais, concetualizam e operacionalizam o

seu modelo de jogo, e verificar as diferenças tendo em conta a idade, a experiência como treinador, a formação académica e a formação da FPF.

1.1. Pertinência do estudo

Quando um treinador de Futebol assume o comando de uma equipa, uma das suas primeiras preocupações prende-se fundamentalmente com a criação de um referencial para todos os elementos da equipa e de uma estrutura de comunicação entre eles, para que, em qualquer momento da competição, possam responder de forma concertada e concomitante às exigências da situação. Existe assim, uma forte corrente entre os treinadores de Futebol, que inclusivamente alguns apelidam de “moda”, que se personifica no modelo técnico-tático de jogo. Hoje em dia, quase todos sem exceção afirmam possuir um modelo de jogo para a sua equipa. Facto evidenciado num estudo de Santos (2006), onde o autor concluiu que 89% dos treinadores dos clubes da Superliga utilizam o modelo de jogo como elemento norteador do processo de treino das suas equipas. É, no entanto, notório que, apesar de se verbalizar que o modelo de jogo é o elemento vital para a edificação de uma metodologia específica de treino (modelo de preparação), muitos não o possuem. E se o possuem não constroem a sua metodologia à luz desse modelo ou se o constroem não se repercute no jogo da sua equipa. Assim, e dada a dimensão que o Futebol possui no panorama desportivo e económico a nível mundial, é, a nosso ver, premente investigar sobre algo que todos os treinadores dizem acreditar, possuir e trabalhar, mas que na realidade, apesar de muitos acreditarem, poucos trabalham e raros possuem.

São vários os motivos que nos levaram a realizar esta investigação e, dada a sua importância, passamos a apresentar:

- 1- A paixão que temos pela formação no futebol
- 2- A importância de um modelo de jogo no futebol
- 3- O desenvolvimento do futebol de formação no Clube em estudo
- 4- Em Portugal não existem muitos estudos deste género

1.2. Estrutura do estudo

Este estudo é composto por oito capítulos. O primeiro capítulo consiste na introdução. O segundo capítulo refere a revisão de literatura, evidenciando a importância dos temas abordados, identificando a linha de investigação em que se insere, mostrando a importância das variáveis de estudo, dando conta do estado da arte, para podermos fundamentar as opções tomadas ao longo do estudo.

No terceiro capítulo, apresentamos o objeto de estudo, os objetivos e questões de investigação, os objetivos fundamentais/gerais e específicos, bem como a identificação das variáveis. No quarto capítulo, falamos sobre o Material e Métodos usados, identificando aspetos importantes, como, a descrição do estudo; apresentação da população e da amostra utilizada; procedimentos; instrumentos e materiais utilizados para a recolha de dados; forma de contacto/princípios éticos; estudo-piloto dos instrumentos; considerações sobre a fiabilidade e validade dos instrumentos; tratamento estatístico dos dados; e descrição da metodologia (design) seguida no trabalho.

Seguidamente, no capítulo cinco, apresentamos os nossos resultados através de uma análise descritiva. No seguimento deste surge o sexto capítulo que consiste na discussão dos resultados apresentados. O sétimo capítulo sumaria as principais conclusões do estudo, salientando ainda a verificação dos objetivos do estudo, bem como a referência a algumas perspetivas de investigação, nomeadamente a limitações e sugestões decorrentes deste estudo. No final, apresentamos as referências bibliográficas.

Capítulo II

Revisão da Literatura

2.Revisão da Literatura

2.1.O Futebol enquanto Fenómeno Social e Mundial

O futebol é um jogo, é um desporto, é um fenómeno social é uma implementação mundial, é meio de educação. Como diz Morin (1999) se o futebol é arte, então ele é também o culto do relativo, da diferença e se é como pensamos, uma prodigiosa invenção do ser humano, compete-nos ser culturalmente dignos da sua importância, em prol da celebração do Desporto e da vida. O futebol é uma paixão que faz com que milhões de pessoas em todo o mundo sigam este desporto de uma forma muito própria.

O futebol é cada vez mais um fenómeno social e global, é sem dúvida um fenómeno de elevada repercussão no panorama da cultura desportiva contemporânea (Neves, 2013). Quando se coloca no Google a palavra “Futebol”, (Alves, 2011) aparecem-nos mais de 20 milhões de páginas, o que é revelador que estamos perante um desporto muito difundido e divulgado em todo o mundo, havendo mesmo autores que o consideram como “a maior indústria do planeta” (Franco, 2007, p. 180).

O sociólogo Murad (2007), reforça o que foi referido anteriormente, quando afirma que o futebol envolve de forma direta, ou indireta biliões de pessoas em todo o mundo, incluindo aí os adeptos, os jogadores profissionais e amadores, bem como, os mais variados recursos humanos empregados a nível profissional (cozinheiros, preparadores físicos, porteiros, médicos, fisioterapeutas, entre outros). O autor salienta mesmo que a Fédération Internationale de Football Association (FIFA), fundada em 21 de maio de 1904, em Paris, congrega mais países associados do que qualquer outra entidade, superando até mesmo a ONU (Organização das Nações Unidas).

O futebol mobiliza uma grande parcela da humanidade, ele está presente em todos os locais (nas ruas, no trabalho, na escola ou no ambiente de lazer) fazendo parte do dia-a-dia das pessoas. Além disso, também tem uma presença muito forte nos meios de comunicação social (internet, rádio, jornais, TV, redes sociais). O futebol pode mesmo segundo Sousa et al. (2011) expressar a cultura predominante de uma determinada sociedade, é um desporto que apaixona milhões de pessoas em todo o mundo, e onde os preconceitos gerados pelas diferenças de classes sociais, religiões, etnias e sexos se esbatem. Os autores acrescentam que a manifestação social do futebol para o povo é tão excitante e intensa, que pode causar profundos impactos sociais e simbólicos na vida de cada indivíduo, acabando por ser uma manifestação popular capaz de expressar o meio social em que se encontra, através de um conjunto de personagens, regras, valores, ideologias e contradições que lhes são próprios. Silva (2011) corrobora o que foi afirmado anteriormente quando diz que, só é possível compreender sociologicamente o futebol no mundo moderno se o mesmo for encarado como um facto social capaz de superar preconceitos raciais, sociais, culturais e económicos.

Para além do grande impacto que apresenta em termos sociais, o futebol é um fenómeno multidisciplinar, isto é, mantém um contacto muito próximo e grande

influência nos mais diversos setores (indústria, comércio, marketing...) chegando mesmo a influenciar o desenvolvimento urbano, as questões demográficas e até os hábitos e costumes de cada um de nós, por ser capaz de penetrar intensamente no quotidiano de nossas vidas. Sousa et al. (2011) reforçam a ideia anterior dizendo que o futebol é um fenómeno capaz de influenciar diversos segmentos da sociedade (económico, político, cultural, social). Os autores apresentam este desporto como um fenómeno social e cultural, historicamente construído, exercendo um certo controle na vida das pessoas, materializando-se não apenas no seu dia a dia, mas, na alma, no sangue e no coração dos seus torcedores e adeptos. DaMatta (1982) vai mesmo mais longe quando refere que, o futebol dramatiza as particularidades do convívio social de um povo, trata-se de um fenómeno que mexe com o imaginário e o sentimento das pessoas. Este desporto abarca assim uma gama de elementos subjetivos ao homem, como são a paixão, emoção, expectativa, frustração, entre outros, levando-o a sentir uma diversidade de reações físicas, tais como suor, lágrimas, sorrisos, tremedeiras, palpitações, expressões faciais (Sousa et al., 2011). Daolio (2000) refere que o futebol é uma forma que a sociedade encontrou para se expressar e para extravasar as suas emoções, tornando-se um reflexo da própria sociedade. Para o autor, o futebol para além de momentos lúdicos e de lazer permite a vivência de uma série de situações e emoções típicas do homem. Este aspeto vem explicar o alto poder simbólico que o futebol foi adquirindo ao longo do século XX e início do século XXI. Marcel Mauss, considera o futebol como um facto social total (cit. Por Neves, 2013). O autor caracteriza-o desta forma por se tratar de um fenómeno que mobiliza uma sociedade e as suas instituições, impondo uma centralidade social e cultural tendo por base a sua popularidade e universalidade inegáveis. Daolio (2000) acrescenta que o futebol representa uma das principais manifestações culturais de um país, pelo facto de influenciar a sociedade e simultaneamente ser também influenciado por ela. Silva (2001) reforça a ideia dizendo que o futebol é uma forma particular de cultura que influencia a vida das pessoas, pois, diversos vínculos são criados tendo este desporto como pano de fundo, seja através da assistência a espetáculos, debates ou prática propriamente dita.

Tendo em conta o contexto de enorme impacto social e mediático do futebol, o contacto com os média, ganhou um papel bastante importante. Neves (2013) refere que atualmente não existe nenhuma atividade desportiva com um lugar tão central nos órgãos de comunicação social como o futebol. Almeida (2008) reforça a ideia anterior quando afirma que o futebol não teria tão grande impacto nos média de massas se não captasse a atenção de tantos adeptos. Lovisolo (2002) refere que os meios de comunicação se apropriam do futebol devido às audiências, às questões relacionadas com o lazer e emoção que proporcionam, e, além disso, para combater o tédio e aliviar o stresse na sociedade contemporânea. Podemos assim afirmar que, os meios de comunicação projetam-se no futebol com o objetivo de atingirem elevados níveis de audiência e os clubes, por sua vez, devido à visibilidade que aqueles lhes oferecem, conseguem negociar bons patrocínios, possibilitando fortemente o aumento dos lucros (Silva, 2011). Este aspeto revela uma ligação bastante forte entre o futebol e os meios de comunicação refletindo-se na sua interdependência. O impacto deste desporto nos

jornais, rádios, televisões e outros meios, nas suas programações desportivas mostram a importância da mediatização do fenómeno em causa (Coelho, 2001).

A relação que se estabeleceu entre o futebol e os meios de comunicação é visível na negociação dos direitos televisivos com lucros para ambas as partes. O montante pago para exibir os jogos e a venda dos direitos comerciais demonstram a importância deste produto televisivo, verificando-se uma tendência para o aumento dos lucros decorrentes da sua comercialização (Silva, 2011). Hoje em dia pelo seu crescendo enquanto fenómeno internacional, em que os jogos são transmitidos a nível mundial, as diferentes marcas de produtos, veem neste desporto também uma oportunidade para difundirem os seus produtos. Dantas et al. (2009) referem que o crescimento do futebol como indústria está associado à evolução do sistema de receitas desse mercado, tendo tido um crescimento exponencial a partir dos anos 80, quando as televisões apostaram na transmissão dos jogos, que posteriormente passaram também a ser difundidos via satélite, novos media e na Internet. Associado a esta nova vaga de transmissões, os diferentes patrocinadores viram também que tinham ali uma janela de oportunidade para dar visibilidade às suas marcas (Leoncini, 2001). Os jogos de futebol, principalmente os de grande projeção, (Silva, 2011) passam a trazer benefícios, não só aos próprios clubes, mas sim a uma grande panóplia de intervenientes, desde a comunidade local, até aos investidores. Segundo a Deloitte Football Money League, este negócio torna-se benéfico para clubes e investidores, alcançando receitas que passaram de milhões de dólares entre 1992 e 1997, para milhares de milhões de dólares entre 2010 e 2013 (Aguiar & Prochnik, 2010). Os autores acrescentam que o relatório financeiro da FIFA de 2009, refere também que a venda dos direitos de transmissão dos jogos para os meios de comunicação rendeu nesse ano um milhar de milhão de dólares, prevendo-se, que na temporada de 2011 até 2014, os lucros subam para aproximadamente os 3,8 milhares de milhões de dólares.

Estes montantes e os grandes volumes de negócios fizeram com que os clubes evoluíssem, tornando-se em autênticas empresas, usando a mesma linguagem, os métodos e instrumentos destas últimas, com departamentos fortíssimos a nível jurídico, financeiro e de Marketing (Rodrigues & Silva, 2009). O capital resultante dos novos contratos veio também permitir um investimento ao nível dos estádios tornando-os mais cómodos, atraindo desta forma novos públicos. Aliás os estádios deixaram de ser apenas locais de prática desportiva e assumiram-se como estruturas comerciais, contribuindo este fator para uma nova conjuntura económica (Cruz, 2005). Os clubes tornaram-se em enormes organizações que movimentam enormes quantidades de dinheiro explorando este negócio-espetáculo da nova “era da globalização” (Silva, 2011).

Na sociedade pós-moderna o futebol assume-se como um dos fenómenos sociais mais importantes a nível mundial. Os aspetos culturais, económicos, sociais e políticos constroem a sua pluridimensionalidade, sendo por isso considerado um fenómeno social total.

2.2. O Papel do Treinador de Futebol e sua importância

Quando falamos do papel do treinador no futebol atual temos de ter em conta que estamos perante um desporto que evoluiu muito nas últimas décadas. Um desporto de cooperação/oposição com espaços comuns e ação simultânea (invasão), de carácter aberto, que se realizam em ambientes onde predomina a incerteza e a imprevisibilidade (Pinto, 2007).

O futebol é um fenómeno muito complexo e exigente (Araújo, 2008), onde a liderança é muito difícil, porque estamos a falar de um desporto coletivo onde é preciso liderar grupos, e o ser humano na maioria dos casos tem dificuldade em focar-se nos objetivos de um grupo em detrimento dos individuais. Isto, torna-se ainda mais difícil de coordenar quando muitas das vezes os objetivos individuais se sobrepõem aos do coletivo. O treinador tem assim um papel muito difícil, pois, para além de gerir as diferenças individuais dos seus jogadores, terá de ter um conjunto de conhecimentos para que possa ter sucesso na sua função.

A estruturação do treino desportivo é hoje uma das principais condições para obtenção de resultado desportivo em qualquer desporto. A procura por treinos eficazes e orientados apenas de forma empírica foi naturalmente perdendo o sentido e a eficácia com os avanços da ciência, sendo introduzidas teorias de periodização sustentadas pelos dados científicos contemporâneos (De La Rosa, 2001).

Ser treinador é uma profissão difícil, que implica uma elevada responsabilidade e abrangência de funções, estando sempre sujeito às inúmeras opiniões dos que o rodeiam e ao escrutínio dos adeptos do clube que treina (Sousa, 2013). A função de treinador (Brito, 2001) é assim, uma profissão única, original e apresenta características específicas que apenas permitem a sua existência no fenómeno desportivo, sendo aí uma das figuras centrais responsável pela sua dinâmica. Frade cit. Por Sousa (2013) refere que “Ser Treinador” exige um conhecimento multivariado que se adquire ao longo do tempo, fruto da evolução do treino, da competição, das ciências que os apoiam e da sociedade. Esse conhecimento traduz-se nas diferentes intervenções no processo evolutivo da equipa. Lourenço (2005) vai ao encontro do que foi dito anteriormente, acrescentando que, a polivalência dos treinadores é cada vez mais real e efetiva, no entanto, deve também ter-se em linha de conta o conhecimento técnico-científico específico enquanto pilar das lógicas de sucesso desportivo e formativo.

O treinador é o principal responsável por todas as diretrizes de treino como refere Richard (1990) todo o processo de treino consiste na implementação de uma cultura de jogo, em referência a conceitos e princípios. Trata-se de desenvolver rotinas para jogar.

As características de um bom treinador e as competências que deve apresentar têm sido motivo de reflexão por parte de muitos investigadores que têm desenvolvido trabalhos na área do treino desportivo.

Martins (1990) é de opinião que não há um perfil ideal de treinador, poderão, isso sim, ser identificados traços de personalidade comuns a técnicos bem-sucedidos, mas a

diversidade de situações de treino não permitirá que se chegue a uma conduta estereotipada. Relativamente à competência do treinador, Rosado (2000) refere que ela não deve ser entendida como um dom ou uma disposição, nem, como um conjunto de comportamentos particulares que os treinadores devem dominar, mas sim, como um núcleo de saberes ao redor das quais se agrupam ações profissionais concretas. Podemos assim referir, que as qualidades demonstradas pelo treinador no desempenho das suas funções têm sempre um papel determinante no desenvolvimento das competências dos jogadores. O treinador terá de ser um bom gestor, possuindo capacidade técnica, capacidade de relacionamento humano e capacidade concetual (Sousa, 2013).

Castelo et al. (1996) referem que as funções determinantes de um treinador são gerir os seus recursos humanos, liderar todo o processo pedagógico, ser um técnico especializado na modalidade que orienta e saber valorizar o desenvolvimento e formação da comunidade desportiva que conduz. É evidente que para poder dar resposta a estas funções o treinador deve cuidar da sua formação. A este respeito, Araújo (1994) refere que é obrigação do treinador estar permanentemente atualizado, participando em ações de formação ou outros programas, investigando e fazendo o seu próprio auto-estudo, para que assim, possa cumprir o papel de agente promotor de evolução da sua modalidade desportiva. Gomes (2008) realça o papel do treinador ao nível do ensino e aperfeiçoamento de competências nos âmbitos físico, técnico-tático e estratégico e também no desenvolvimento psicológico dos atletas.

O treinador terá de possuir um conjunto de atributos multidisciplinares, onde devem estar os conhecimentos inerentes à tática e à técnica e à preparação condicional na modalidade desportiva em que se especialize (Araújo, 1994), para além disso, deve dominar aspetos pedagógicos e metodológicos relacionados com o ensino e a necessidade expressa de ser um especialista no desenvolvimento do interesse e a motivação dos que consigo aprendem e treinam. O autor acrescenta que a função do treinador implica também a tomada de decisões, de acordo com certos indicadores e mediante determinados critérios e domínios que obedecem a uma certa organização, onde salienta o treino, a liderança, o estilo e formas de comunicação, não descurando as opções táticas e estratégicas decorrentes da observação e análise do jogo, da gestão das pressões contidas na competição, do controlo da capacidade de concentração e emoções, daí a importância da sua formação pessoal e profissional, competências, papel e relação com os atletas (Pacheco, 2005).

Para a maioria dos investigadores, os treinadores de sucesso têm de possuir um conjunto vasto de recursos em conhecimentos e competências (Pacheco, 2005), relacionadas com organização, administração, economia, psicopedagogia, a nível social, capacidade de lidar com os atletas e também na orientação e desenvolvimento do treino. Marques (2001) reforça que no desporto profissional, o treinador exerce uma função pedagógica relevante, devendo através da sua ação, educar e formar que giram à sua volta, não apenas os jogadores, mas também os familiares, dirigentes, e até mesmo os espectadores, deve ser acima de tudo um gestor de recursos e estratégias. Gonçalves (1987) refere que o treinador deve integrar no seu trabalho a organização do treino, ser

cuidadoso na forma como apresenta as atividades, maximiza o tempo de empenhamento motor dos atletas, recorre à observação para intervir de forma eficaz, reage à prestação motora dos atletas, e deve preocupar-se com a criação de um clima positivo. Simão (1998) acrescenta que em relação às competências tidas como desejáveis pelo treinador, se devem salientar para além dos conhecimentos relacionados com a metodologia do treino, a psicopedagogia, a qualidade de informação, o conhecimento do corpo humano, e também os conhecimentos sobre a estrutura desportiva e os fenómenos sócio desportivos. Para Lima (2001) ser treinador é participar num processo que contribua para o desenvolvimento do ser humano e sua integração na vida social, mas também ter em conta os aspetos formativos que tenham em conta a valorização humana proporcionando a oportunidade de participar e progredir na prática desportiva respeitando os direitos fundamentais dos praticantes seja qual for a sua capacidade e origem social.

Araújo (1994) considera também, que para além do papel decisivo no rendimento e qualidade do treino, o treinador deve preocupar-se com a formação dos seus jogadores enquanto sujeitos e não apenas como objetos. O autor acrescenta que é fundamental que seja estimulada uma relação interpessoal responsável, o progresso, que é importante observar, planificar, antecipar, registar e avaliar os resultados, corrigir as estratégias que não estejam a resultar, mobilizar o interesse individual e coletivo do grupo, motivar os atletas e os dirigentes para os objetivos e definir regras claras. Para Quinta (2017), numa equipa, todos ganham e todos perdem. O treinador tem de ser capaz de dar ênfase ao que considera importante em cada exercício para que a ideia de jogo vá sendo interiorizada pelos jogadores e assim construir a sua forma de jogar.

Lima (2001) refere que o treinador deve possuir um “traço” de personalidade que evidencie as suas qualidades e capacidades nas relações sociais, de modo a criar empatias que possam dinamizar todo o processo de aceitação e reconhecimento perante o grupo. O autor salienta que é necessário que o treinador tenha a consciência que a função que desempenha tem um grande alcance social e por isso, os objetivos que define devem integrar a valorização do ser humano, devendo a sua conduta ser exemplar, uma vez que o êxito dos jogadores e da equipa não se confina exclusivamente aos desempenhos desportivos. Embora as relações sociais sejam um aspeto que o treinador deve cultivar, e que uma boa gestão dos recursos humanos seja um dos objetivos do treinador, Vitória (2014), refere que não é consensual que a capacidade para gerir o seu grupo seja uma das características mais relevantes num treinador.

As questões de liderança têm também um impacto forte sobre a performance das equipas que os treinadores lideram (Neves, 2002). O autor salienta que para se atingir a excelência na função de treinador de futebol é absolutamente necessária uma liderança eficaz. Um treinador para ser líder na opinião de Sousa (2013) tem de saber para onde vai, isto é, saber os objetivos a atingir e os caminhos para os atingir e ter a capacidade de persuadir os outros para o seguirem. Billick e Peterson (2001), acrescentam que a liderança pode ser exercida de três formas diferentes: mentalmente, emocionalmente e fisicamente e que uma boa liderança por parte do treinador depende da forma de como

consegue passar a sua mensagem para os atletas, estando por isso a comunicação muito associada à liderança. Para Santos (2003) é importante que a comunicação seja eficaz durante a competição, gerando motivação, autoconfiança e a autoestima necessárias a um ótimo rendimento por parte dos jogadores. O treinador deve por isso dominar técnicas de comunicação eficazes para a gestão da equipa. Sousa (2013) corrobora a afirmação dos autores quando diz que uma boa comunicação entre o treinador e os jogadores é uma peça vital para o êxito da equipa, uma vez que poderá influenciar positivamente a prestação dos mesmos.

Para além dos atributos anteriores e que devem fazer parte das características dos treinadores para que possam ter sucesso, Lyle (2002) acrescenta que é muito importante que o treinador consiga ter uma visão rápida das situações e ter conhecimentos sólidos sobre o treino e os procedimentos que giram à sua volta. Ramirez (2002) acrescenta que o modelo de treino que o treinador usa deve ser harmonioso e eficaz de modo a que conduza ao sucesso desportivo. Oliveira et al. (2006) acrescentam que para Mourinho um bom treinador deve saber conduzir o treino e levar a equipa a concretizar os comportamentos táticos definidos. Lima (2001) entende que treinar é algo mais do que ensinar as técnicas desportivas, conhecer as regras e as táticas, planificar e organizar a preparação, utilizar racionalmente o tempo destinado a cada exercício e dominar a metodologia do treino desportivo. Vitória (2014) corrobora a opinião anterior dizendo que a paixão e a identificação com a modalidade, são determinantes na profissão de treinador. Este tem de ter a capacidade de olhar para a sua equipa com humildade, responsabilidade, e rigor, mas inquestionavelmente como líder e dominar áreas como a comunicação, a pedagogia, o controle emocional, entre outras.

Para terminar e atendendo ao que foi exposto, podemos concluir que o treinador no futebol moderno é um elemento com grandes responsabilidades e fulcral no clube, sendo muito mais que um organizador do jogo da equipa e orientador de treinos e de jogos, deve ser um indivíduo inteligente, competente e possuidor de um conjunto de atributos multidisciplinares.

2.2.1 - O Treinador do Futebol Infanto-juvenil

Ser treinador de jovens é no sistema desportivo atual uma tarefa de extrema dificuldade. O treinador por ser um elemento fulcral no processo, tem grandes responsabilidades na formação desportiva das crianças e jovens. A ele se exige para além de agente socializador, uma forte intervenção pedagógica e infindável número de tarefas, aptidões, atitudes e comportamentos que ajude as crianças e jovens a crescer ao nível das suas habilidades técnicas, capacidades e qualidades físicas como atletas, mas também enquanto pessoas. Uma conceção moderna de treinador (Rosado & Mesquita, 2008) implica que este tenha um conhecimento profundo dos processos de desenvolvimento motor, biológico, psíquico e social, bem como relativos à aprendizagem e treino e a sua aplicação tendo em conta o indivíduo enquanto atleta, enquanto

desportista ou enquanto pessoa. O treinador moderno tem de ser encarado como um profissional competente e com um papel bem definido, que terá uma ação muito diversificada e abrangente que abarca o planeamento, liderança, seleção, comunicação e rendimento e que passe uma mensagem humanista baseada em princípios e valores, voltada para a educação e formação das crianças e jovens, ajudando à formação do seu carácter e da sua personalidade (Rocha, 2006; Gomes & Cruz, 2006). Outros autores (Oliveira, 1994; Araújo, 1994) acrescentam que os treinadores de jovens devem também ser transmissores de regras, ser agentes de transformação e servir de modelo aos seus atletas. Adelino, Vieira e Coelho (2001) reforçam a ideia anterior quando dizem que o treinador através das suas atitudes e valores que transparecerem do seu comportamento do dia-a-dia exercem sobre as crianças e jovens uma importante influência. A forma como os atletas se comportam no treino e a atitude que assumem durante o tempo em que estão a treinar, são também fortemente influenciadas pela atitude e forma de estar do treinador. Os autores acrescentam ainda que o entusiasmo, a disciplina, a organização e a atenção que este coloca no trabalho, são argumentos decisivos que são transmitidos aos praticantes.

Podemos assim dizer que ser treinador da formação vai muito para além do domínio das habilidades específicas da organização, planeamento e condução do treino e das competições, devendo também preocupar-se com o desenvolvimento cognitivo, social, emocional e artístico, estimulando o crescimento das crianças e jovens a nível Psicomotor (Barbanti, 2005). A formação a todos os níveis deve ser uma preocupação a longo prazo de todo e qualquer treinador de jovens (Mendes, 2009). Nguyen (2005) refere mesmo que as crianças com treinadores com espírito desportivo, instrutivo e pouco punitivo têm baixos níveis de ansiedade, grandes níveis de diversão, de motivação intrínseca e alta autoestima.

Adelino, Vieira e Coelho (2001) reforçam a ideia que os treinadores de jovens devem contribuir para a sua formação em todas as suas facetas, inclusivamente no gosto e hábito da prática desportiva regular. Para além disso os treinadores devem também orientar as expectativas dos jovens num sentido realista, promover o seu desenvolvimento físico geral de uma forma equilibrada e harmoniosa não descurando a aprendizagem e o aperfeiçoamento das técnicas básicas. Ser treinador de crianças e jovens é uma função que constitui em si mesmo um permanente desafio e que exige um empenho pessoalmente gratificante. A ação do treinador deve deixar marcas duradouras e de grande significado nos atletas com os quais trabalha (Smoll, 2000), uma vez que, desempenha um papel central e decisivo na definição do ambiente que lhes é proporcionado, que tem impacto na técnica e na tática e influência decisiva no desenvolvimento da sua capacidade física. O treinador torna-se desta forma uma pessoa marcante na vida do jovem atleta conseguindo exercer sobre ele uma influência positiva ao nível do seu desenvolvimento pessoal e social.

De acordo com Pacheco (2001) é fundamental encontrar um equilíbrio entre a ideia de que a formação não interessa ganhar, mas sim competir e a atitude de fazer depender a formação dos jogadores dos resultados desportivos imediatos. Ser um treinador é um conjunto de pequenas coisas e comportamentos que vão sendo aprendidas através da

experiência e treinadas através de uma formação adequada, procurando por isso uma constante busca do saber, baseado no estudo e investigação, sustentado também na experimentação (Neto, 2014).

Segundo Bento (2004), na formação jovens de jogadores é importante o ensino dos elementos técnico táticos do jogo, mas também de extrema importância aprender, através do futebol, a ler e a entender o mundo e exercer a cidadania. A formação do jovem futebolista é trabalho que requer não só conhecimentos ao nível da metodologia de treino, mas também das tendências evolutivas. Para Pacheco (2001) formar não se trata apenas de treinar, é mais do que isso, é educar, é acompanhar o crescimento e maturação, é sentir os problemas dos atletas, é participar, é viver e acompanhar a escola, o namoro e a discoteca. Conroy e Coatsworth (2006) referem que cenários de atividades construídos cuidadosamente, podem ter benefícios positivos no desenvolvimento psicossocial de crianças e jovens.

Atendendo aos pressupostos que caracterizam os aspetos essenciais a ter em atenção no futebol infanto-juvenil e as necessidades dos jogadores, vamos ver a opinião dos investigadores sobre o perfil destes treinadores. Para Pacheco (2001) um treinador de jovens deve ser um treinador motivado, capaz de estabelecer uma boa empatia e relação com os jovens, que tenha experiência como praticante de futebol, que tenha formação, que conheça bem a modalidade e que domine os meios e métodos mais adequados para o desenvolvimento dos jovens. Mendes (2009, p.17) diz que “um treinador de crianças e jovens deverá reunir um conjunto de competências em 3 domínios: Saber. Saber fazer e saber fazer com que os outros façam”.

Segundo Oliveira (2003), para conseguir um ensino mais integral e educativo, o treinador de jovens deverá ter um perfil parecido com o de um maestro, ou um educador, com formação técnica e pedagógica adequada e que oriente e facilite a formação motora. Pacheco (2017) refere que é importante que os treinadores de formação percebam que no jogo são os jogadores que jogam e são eles que tomam as decisões e por isso devem criar-se condições no treino para os jogadores possam jogar sozinhos.

Araújo (1994) realça como qualidades imprescindíveis para um treinador de jovens o saber, a habilidade para ensinar, saber trabalhar em equipa e criar um clima favorável à aprendizagem. Sarmiento (1992) e Sá (1994), numa perspetiva mais pedagógica, comparam mesmo o treinador de jovens a um professor, afirmando que ambos têm desempenhos semelhantes na condução dos processos, como seja a responsabilidade de estimular, preparar e motivar, bem como transmitir conhecimentos. Para os autores, ambos possuem grande influência sobre as crianças e os jovens, através da forma como ensinam e expõem as suas matérias, como transmitem a informação, o tipo de linguagem usado e até o tom de voz. Lima (2000) também nesta linha refere que o treinador deve recorrer a uma intervenção positiva, através de elogios e encorajamentos para reforçar o comportamento desejado nos seus atletas.

O perfil de um treinador de formação (Weiss, 1991; Weineck, 2002) deve obedecer a várias diretrizes: O ensino deve centrar-se na prática das destrezas desportivas; mudar frequentemente de atividades para maior motivação; estabelecer objetivos realistas;

apresentar boas demonstrações e informação curta e simples; não evidenciar os resultados, mas sim as boas execuções técnicas; colocar o esforço antes do resultado; utilizar frequentemente o feedback positivo; as atividades propostas devem ser apresentadas de acordo com progressões pedagógicas; modificar as regras para aumentar a participação e o empenho de todos e mantem um clima positivo permanente nas atividades.

Para Castelo et al. (1996) o treinador de jovens deve ser especialista na modalidade que orienta, deve saber conduzir e liderar o processo pedagógico, deve ser um bom gestor de recursos humanos e valorizar o desenvolvimento e formação da comunidade desportiva que conduz. Para além do exposto tem ainda, a responsabilidade de traçar objetivos realistas e conhecer bem as características dos atletas, pois como referem Cote et al. (2007), ele deve projetar a sua atuação muito para além do perder e ganhar quando trabalha com os escalões de formação, uma vez que as diferentes etapas do desenvolvimento dos seus atletas têm exigências muito diferentes umas das outras. Sobre as diferentes fases de desenvolvimento em que se encontram as crianças, Mesquita (2005) refere o treinador infanto-juvenil é responsável pelo desenvolvimento das mesmas desde a iniciação até à especialização. O treinador terá assim uma atuação diferenciada de acordo com a idade e o nível de aprendizagem individual das crianças com quem trabalha (Hotz, 1999). Smith e Smoll (1997) defendem que no modelo de formação desportiva deve ser promovido num contexto positivo, devendo ser estimulado o esforço e aprendizagem, na base do divertimento, satisfação de pertença a um grupo/equipa.

Pelo exposto, podemos afirmar que o trabalho a desenvolver pelos treinadores que trabalham com crianças e jovens é extremamente interessante e atrativo, mas de grande responsabilidade, pela necessidade de proporcionar atividades estimulantes, pela forma organizada e sistemática que é preciso colocar em prática, pelo clima afetivo na relação com os jovens, pela atitude demonstrada e pela qualidade das intervenções na prática. As funções desempenhadas vão muito para além da transmissão dos aspetos de ensino da tática, da técnica e desenvolvimento das qualidades físicas, abrangendo outras áreas de igual importância.

2.3. O Modelo de jogo no futebol

Este desporto precisa de ideias novas que façam evoluir cada vez mais a modalidade, pensamos que a trilogia futebol, treino e treinador são indissociáveis, como refere Pacheco (2001) para que o Modelo de Formação de um clube seja coerente e racionalmente aplicado, parece-nos fundamental que todo o processo de formação seja norteado por princípios bem definidos que sejam aplicados a todos os escalões do clube. Desta forma qualquer clube deverá ser alicerçado numa filosofia que contemple a existência de um Modelo de Jogo (MJ), o qual, por sua vez, orientará a conceção de um

modelo treino e de um complexo de exercícios, de um modelo de jogador e mesmo de um modelo de treinador.

No Futebol, a exercitação deve basear-se, em larga medida, na aquisição e aplicação de princípios de jogo. Advoga-se, portanto, que o objetivo fundamental do treino passe por dar condições aos jogadores para poderem estruturar as suas ações em jogo em função de um conjunto de regras que, por um lado, são transversais a quem joga (todas as equipas) e, por outro, são especificadoras de um modelo ou conceção de jogo que se pretende implementar (Garganta, 1999).

Para Teodurescu (1984), o MJ é uma referência, construída a partir de outras referências de ordem de rendimento superior que postulam um conjunto de ações individuais e coletivas dos jogadores e da equipa.

Garganta (1997), diz-nos que é possível, observando equipas e jogadores ao longo de vários jogos, encontrar padrões de organização, que permitem tirar conclusões sobre o comportamento de jogo de jogadores e equipas. Esse comportamento tem relação com as características do jogo construído pela equipa, especialmente com o seu sistema organizacional. Para esse autor, o comportamento a que se refere, e suas relações, caracterizam o chamado MJ.

Pensamos que a inexistência de uma estrutura duradoura nos clubes e o não estabelecimento de objetivos são alguns dos fatores que dificultam a definição de um MJ. Desta forma consideramos que qualquer clube deverá ser alicerçado numa filosofia que contemple a existência de um MJ independentemente de ser uma equipa sénior ou de formação. De uma forma mais explícita, concordamos então com Oliveira (2003), quando este refere que o MJ deve constituir-se como o núcleo central de ideias que o treinador pretende que sejam adotadas pela sua equipa. Assim, o MJ deve ter como base os princípios de jogo relacionados com os comportamentos táticos defensivos, ofensivos e de transição defensiva e ofensiva que o treinador pretende que sejam realizados pelos seus jogadores, bem como todo um conjunto de atitudes, comportamentos e valores que permitem caracterizar a organização desses processos quer em termos individuais quer fundamentalmente em termos coletivos. Em suma, e na ótica de um clube formador, o MJ deverá ser a sustentação da formação, criando e desenvolvendo jogadores capazes de, ao longo do seu processo de formação, interpretarem e vivenciarem as exigências e particularidades encontradas, permitindo-lhes no futuro terem mais possibilidades de sucesso tanto na equipa principal do clube, como noutras equipas.

Por sua vez, através de uma análise exaustiva a um extenso conjunto de definições de tática, Garganta (1997) destacou alguns aspetos essenciais que considera passíveis de delimitar da noção de tática e que passamos a citar: i) o conceito de tática expressa os níveis de relação intra-equipa segundo os quais se pode desenvolver – a tática individual e a tática coletiva; ii) o conceito de tática é referido como possuindo uma dimensão espaço-temporal de realização, traduzida pela sua subordinação à estratégia e pelos estrangimentos espaço-temporais das ações de jogo; iii) a tática não traduz, apenas, uma organização das variáveis físicas (tempo e espaço) do jogo mas implica também, e sobretudo, uma organização informacional, pelo que nos jogos desportivos coletivos não devem ser consideradas, somente, as distâncias métricas, mas também o espaço de

interação e a componente decisional; iv) o conceito de tática transcende as missões e tarefas específicas de cada jogador e pressupõe a existência de uma conceção unitária da equipa para tornar o jogo mais eficaz; v) A cultura tática constitui um guia de escolhas na ação, referenciado ao conjunto de valores e perceções que decorrem do corpo de significações criado (princípios, regras e MJ).

Neste contexto, importa perspetivar o jogo a partir de um enfoque unitário de organização dinâmica do jogo. Cervera e Malavés (2001) apresentam uma visão unitária do processo estratégico nos jogos desportivos coletivos (ver figura1), não diferenciando, entre os jogadores da mesma equipa, aqueles que estão diretamente implicados no ataque e os que não estão. Os autores consideram que cada jogador, dentro da sua posição específica, deve colaborar ao máximo quer em ações ofensivas, quer em ações defensivas de acordo com a situação de jogo, independentemente da sua equipa possuir ou não a bola.



Figura 1. Modelo Unitário de organização do jogo em futebol (adaptado de Cervera & Malavés, 2001).

De acordo com Frade (2006), o mais importante numa equipa é ter um determinado modelo, determinados princípios, conhecê-los bem, interpretá-los bem, independentemente do facto de ser utilizado este ou aquele jogador. No fundo é aquilo a que chamamos organização de jogo. Hoje em dia, muito se ouve falar em ideia de jogo ou conceção de jogo de um treinador e a isso se associa invariavelmente a forma de jogar da equipa em questão. Frases como “esta equipa joga à imagem do seu treinador” são muito usuais nos nossos dias, o que revela que a conceção de jogo de um treinador está relacionada com a forma como este entende o próprio jogo, com a forma como pretende que a sua equipa jogue.

O MJ é um processo inacabado pois está em permanente evolução. Esta ideia vai ao encontro do defendido por Castelo (2009), quando diz que o MJ deve ter um caráter evolutivo, adaptativo que tem em conta a características dos jogadores e congruente relação entre MJ e modelo de treino. O autor acrescenta que o MJ atribui uma identidade tática própria e comum a todos os jogadores, que possibilita a cada um deles, em particular, e à equipa no geral, o recurso a um código específico de leitura de cada contexto. Por outro lado, o MJ atribui tarefas específicas aos jogadores que os responsabilizam perante os colegas e o treinador.

2.3.1. Definição conceptual de modelo de jogo e importância de um modelo de jogo no futebol

Magalhães e Nascimento (2010) referem que MJ é, para José Mourinho, como um conjunto de princípios que definem a organização da equipa e que lhe dão uma identidade própria. Construindo-se através da disposição dos jogadores em campo, mas fundamentalmente das relações entre eles, com a bola e os adversários, nos quatro momentos principais do jogo (organização defensiva, transição defesa/ataque, organização ofensiva e transição ataque/defesa) e nos esquemas táticos. Na construção de MJ (Neto, 2014) os treinadores devem ter em conta a dimensão do jogo, fatores como a personalidade, a motivação, o estado emocional e o comportamento são determinantes no momento da tomada de decisão.

Castelo (1996) refere que o MJ permite, por um lado, definir e reproduzir as relações e inter-relações que se estabelecem entre os diferentes elementos da equipa e por outro, a possibilidade, a partir das experiências recolhidas, de tirar novas conclusões, por forma a racionalizar e a otimizar novas ideias e conceções, ou seja, logo aqui existe a ideia de que o MJ não se encerra em si mesmo, mas é evolutivo. O MJ é gerador de comportamentos tático técnicos individuais e coletivos que geram novos comportamentos em função de um código coletivo apenas decifrável por todos aqueles que dele fazem parte.

Valdano (2001) e Guilherme Oliveira (2004) consideram que o jogo não tem apenas duas fases, mas sim quatro momentos: o momento da organização ofensiva, o momento, o momento de transição ataque/defesa, o momento de organização defensiva e o momento de transição defesa/ataque. O MJ não é mais que a operacionalização das ideias do treinador (Guilherme Oliveira, 2004), isto é, um processo de visualização criado pelo treinador que permite que as imagens contidas no modo como se concebe o jogo se tornem realidade por intermédio das ações dos jogadores. Assim, o MJ não se resume apenas a um conjunto de comportamentos e ideias que o treinador tem para transmitir aos seus jogadores, ou seja, na sua “conceção de jogo”, também tem de estar relacionado com os jogadores que têm pela frente e com a cultura do clube que representa (Silva, 2008).

Frade (2006) refere que o MJ nunca está acabado porque o processo, à medida que vai acontecendo, vai dar sempre indicadores a quem o interpreta e dirige, para que se

deem ajustes no sentido de uma melhor qualidade de jogo. No futebol, dada a concomitância no aparecimento dos problemas e na imprevisibilidade dos mesmos, a tomada de decisão emerge durante a ação. Assim, cada decisão deve ser observada como funcionalmente dependente de outras decisões durante o desempenho do jogador, já que no decurso de uma dada ação, as decisões tomadas inicialmente vão constranger as ações e as decisões subseqüentes, ou seja, o jogador tem de realizar sucessões interdependentes de decisões (Araújo, 2005).

De acordo com Oliveira et al. (2006), referindo-se a José Mourinho, existem lógicas processuais como a progressão, distribuição dos conteúdos, o treino a intensidade, o volume e a sustentação da metodologia, sendo com base nesta que iremos criar uma forma de jogar, inventar e operacionalizar um MJ e que o todo deve ser superior à soma das partes. Ter um MJ definido é o mais importante para uma equipa de futebol, e tal modelo é um conjunto de princípios que dão organização à sua equipa.

Muitas vezes, o MJ é confundido com sistema de jogo (Magalhães & Nascimento, 2010) ou com o posicionamento dos jogadores em campo. Para os autores o de MJ é o ADN de uma equipa, que expressa e define a relação entre os elementos da mesma em cada um dos momentos de jogo, ou seja, define os comportamentos (princípios) a adotar por toda a equipa em cada situação de jogo. Os autores acrescentam que o MJ apresenta um conjunto de princípios que definem a organização da equipa e que lhe dão uma identidade própria, construindo-se através da disposição dos jogadores em campo, mas fundamentalmente das relações entre eles, com a bola e os adversários, nos quatro momentos principais do jogo (organização defensiva, transição defesa/ataque, organização ofensiva e transição ataque/defesa) e nas partes fixas do jogo.

Segundo Tamarit (2013) é importante nunca esquecermos que do MJ fazem parte também a cultura do país ou região em que o clube está inserido, a cultura/história do próprio clube, a estrutura organizativa do mesmo, os objetivos definidos pelo clube, as ideias de jogo do treinador, as estruturas ou sistemas táticos preferencialmente trabalhados e as características e nível dos jogadores que o clube dispõe (Figura 2).



Figura 2. Indicadores a ter em conta na construção do MJ, segundo Tamarit (2013)

Para Garganta et al. (2013) no futebol como nos outros desportos coletivos o rendimento tem uma dependência multidimensional, a tática condiciona em grande parte o trabalho dos jogadores e por sua vez, requisita dos jogadores três formas de jogar: 1º um conhecimento tático-técnico específico; 2º um conhecimento específico relacionado com as habilidades técnicas e 3º um conhecimento específico relacionado com o MJ.

Os jogos desportivos são jogos situacionais de oposição ativa, ricos em situações de grande imprevisibilidade refere Garganta (2006). Nesta dimensão o MJ, bem como os princípios que lhe estão associados, são elementos nucleares de uma forma específica de jogar e de expressão tática da equipa perante o processo de treino ou de competição. Cada equipa pode ser caracterizada pelas particularidades e pela expressão tática da sua forma de jogar. Assim, existem tantos modelos como equipas, sendo fundamental proceder à definição e caracterização, de um modelo de jogo e de um conceito de jogo (Castelo, 2008).

Para Castelo (2009), a planificação tática é definida pelo carácter aplicativo e operativo da planificação conceptual e da planificação estratégica, procurando utilizar de forma racional e oportuna durante o jogo, as qualidades físicas, tático/técnicas e psicológicas, individuais e coletivas dos jogadores que constituem a equipa com vista à concretização dos objetivos pré-estabelecidos.

Num MJ (Azevedo, 2011) definimos a existência de 4 momentos no jogo, sendo eles: organização ofensiva e defensiva e transição defesa/ataque e ataque defesa. Jorge Jesus citado por Castro (2013), refere que no seu MJ existem 5 momentos de jogo, organização ofensiva/defensiva, os momentos de transição defesa/ataque e as bolas paradas. De acordo com Sivério e Srebo, (2012) os elementos mentais do jogo importantes para um MJ são: os pensamentos, as crenças e sentimentos, o *stress*, a concentração, a

autoconfiança, o controlo emocional, o planeamento, a análise, a motivação e todas as outras coisa que acontecem na mente.

Para Garganta (2000), a ação dos elementos de cada uma das equipas é caracterizada por uma sucessiva alternância de estados de ordem e desordem, estabilidade e instabilidade, uniformidade e variedade. Na prática, independentemente da equipa ter ou não a posse da bola, deve atacar e defender de forma simultânea, ou seja, ataca-se preparando para defender e defende-se preparando para atacar. O desenvolvimento decisional e comportamental dos jogadores, ao procurar implementar o MJ, obriga a transitar de um nível estrutural e funcional para outros mais consistentes ou precários, consoante as alterações provocadas na configuração tática que se verifica em cada situação de jogo.

É importante ter presente que tradicionalmente relaciona-se o desempenho do jogo de futebol com base em quatro dimensões: a tática, a técnica, a fisiológica ou física e a psicológica (Burzlaff, 2014). As situações de bola parada ou partes fixas do jogo são conseguidas através da operacionalização de exercícios para o desenvolvimento de esquemas táticos, cujo objetivo principal é aprimorar a coordenação e a sincronização através de uma sequência comportamental individual e coletiva tentando encontrar as melhores condições de êxito com vista à concretização dos objetivos do ataque ou da defesa (Castelo, 2009). A transição defensiva são os momentos imediatamente a seguir à perda da posse da bola (podem ser de 2 a 5 segundos), suficientes para que se consiga observar as intenções dos jogadores e caracterizar os seus comportamentos (Simão, 2015). O MJ, também pode ser equiparado a um padrão comportamental, pois esse todo indicia uma interdependência de influência das partes. Assim O MJ funciona como denominador comum ou de influência convergente para os padrões comportamentais (Caires, 2016).

Segundo Oliveira, (2003), o modelo de jogo é o resultado da interação entre: as ideias do treinador; os princípios de jogo; o clube; o treino; os jogadores; e o contexto; figura 3.

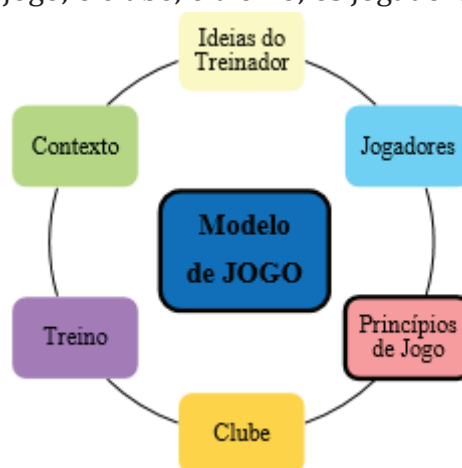


Figura 3. Modelo de Jogo (adaptado de Oliveira, 2003)

O MJ assume definitivamente, a matriz principal para uma certificação do denominado sistema baseado nos momentos do jogo (Chaló, 2016). Um mesmo modelo

de jogo aplicado a diferentes realidades provocará diferentes resultados. Assim, mesmo quando um dado modelo de jogo apresentou no passado, excelentes resultados desportivos, isso não significa que este será sempre o melhor, nem tão pouco o único, quando dialogamos com uma outra realidade (Castelo, 2014).

2.3.2. Modelo de jogo no futebol adulto e no futebol infantojuvenil

Segundo Garganta (2017), formar jogadores implica muito mais que a obsessão por um MJ único, mas sim um cuidado programa de desenvolvimento das competências para jogar, e, em paralelo, se fomente o desenvolvimento pessoal dos praticantes. Deve haver uma clara sintonia entre o clube, a equipa e o projeto de formação.

Treinadores de futebol sénior de alto rendimento como Pep Guardiola, citado por (Perarnau, 2014) referem que ao contrário do que muita gente pensa não lhe interessa a alta posse de bola nem os dados estatísticos, o mais importante é correr muito, correr e correr para desfrutar o jogo. A sua ideia matriz é a evolução constante como norma, a evolução como método, como necessidade e como exigência.

Carvalho (2001), refere que o MJ depende de um sistema de relações que irá articular uma determinada forma de jogar, ou seja, não pretendemos que seja uma forma de jogar anárquica, mas sim estruturada de uma determinada maneira. Das centenas de formas possíveis de treinar e se jogar futebol, torna-se imprescindível considerar a relação custo-benefício, tendo em conta a estreita relação entre o MJ e os jogadores que o irão interpretar (Garganta, 2015).

Segundo Costa, (2016), acredita que o treinador do futuro será aquele que, sem descuidar um conhecimento sobre o lado social e estratégico do jogo, perceberá o que é um corpo (ser) humano em jogo. Só desta forma é possível treinar bem e manter um rendimento regular elevado.

O MJ no futebol infanto-juvenil deve ser ajustado de acordo com as competições, referem Marques e Oliveira (2002) e que devemos ter em conta um conjunto de características, tais como: 1) Contribuir para o desenvolvimento da multilateralidade, através da participação em formas competitivas múltiplas, combinadas e de outros desportos. 2) O conteúdo deve ser diversificado e orientado para a modalidade escolhida. 3) Deve valorizar a aprendizagem da atividade e dos fatores que mais a influenciam. 4) Estimular o desenvolvimento de pressupostos de prestação que serão implantados no futuro. 5) Planear a competição com ênfase em pressupostos coordenativos e tático-técnicos. 6) As competições devem estimular a realização de ações desportivas através de adaptações regulamentares, desenvolvendo o funcionamento estrutural do sistema nervoso central e neuromuscular.

É fundamental que todos os treinadores da formação procurem qualidade de jogo, de forma a desenvolver as capacidades motoras e intelectuais das crianças. Assim, Pacheco (2001) defende que na formação o importante é aprender e que existe tempo para se ganhar finais e trofeus.

Nos clubes em que não existe possibilidade de criar um MJ comum a todas as equipas, é fundamental que se crie um MJ único para os escalões de formação mais baixos até aos juniores (Chaves, 2007). Este facto facilita a progressão das crianças e jovens futebolistas, tornando o processo ensino-aprendizagem mais coerente e sustentado, pois não existe a necessidade constante de uma adaptação a um novo MJ. Na ótica de um clube formador, o MJ deverá ser a sustentação da formação, criando e desenvolvendo jogadores capazes de, ao longo do seu processo de formação, interpretar e vivenciar as exigências e particularidades encontradas (Leal & Quinta, 2001), permitindo-lhes no futuro terem mais possibilidades de sucesso tanto na equipa principal do clube, como noutras equipas.

De uma forma mais explícita, concordamos então com Bettega et al. (2015), quando este refere que o MJ deve constituir-se como o núcleo central de ideias que o treinador pretende que sejam adotadas pela sua equipa. Assim, o MJ deve ter como base os princípios de jogo relacionados com os comportamentos táticos defensivos, ofensivos e de transição defensiva e ofensiva que o treinador pretende que sejam realizados pelos seus jogadores, bem como todo um conjunto de atitudes comportamentos e valores que permitem caracterizar a organização desses processos quer em termos individuais quer fundamentalmente em termos coletivos da referida equipa. Em suma, e na ótica de um clube formador, o MJ deverá ser a sustentação da formação, criando e desenvolvendo jogadores capazes de, ao longo do seu processo de formação, interpretar e vivenciar as exigências e particularidades encontradas permitindo-lhes no futuro terem mais possibilidades de sucesso tanto na equipa principal do clube, como noutras equipas.

Desta forma, Conceição (2014) refere que há a necessidade de existir um MJ único que seja identificado por todos da mesma maneira, para que a formação e o desenvolvimento dos atletas seja, sempre o maior possível, e não se verifiquem desvios nessa formação. No entanto, o mesmo autor alerta-nos para o seguinte facto: atualmente, e principalmente no futebol português, o treinador da equipa sénior não é um treinador estável, implicando, então, que o MJ esteja sempre a mudar. Tal não é favorável para o processo de formação de um jogador e por isso há a necessidade de o departamento de formação ter um MJ definido que considere ajustado à evolução dos atletas de forma a potenciar esses mesmos atletas.

Como diz Quinta, (2013), a primeira preocupação do treinador deverá ser a de estabelecer o tipo de jogo que quer ver a sua equipa praticar, analisar a qualidade dos seus jogadores para perceber se será exequível a sua ideia com o nível dos seus praticantes e a partir daí escolher os melhores exercícios. O MJ assume-se como o aspeto central que baliza o processo de treino, refere Almeida (2014).

Uniformizar os critérios dos treinadores dos diferentes escalões terá efeitos benéficos no processo de formação levado a cabo pelo clube, pois eliminará a possibilidade de conflitos perturbadores da normal evolução do jovem praticante, otimizará os meios, evitará quebras e descontinuidades na sua evolução e evitará acima de tudo a introdução de ideias díspares perigosas para o seu desenvolvimento. Segundo

Neto (2014), os jogadores devem ser rápidos, fortes, e influentes capazes de vencer a resistência na presença da fadiga.

Quadro 1. Principais diferenças entre o futebol infantil e futebol de adultos. (adaptado de Ruscas, 1999, cit. por Pacheco, 2001, p.20)

Futebol Infantil	Futebol dos Adultos
1. Objetivo – Formação do jovem futebolista.	1. Objetivo – Rendimento da equipa (resultado).
2. É uma atividade lúdica desportiva	2. É um desporto
3. É para todos.	3. Seletivo, é só para os melhores.
4. Realiza-se através de sessões de ensino.	4. Realiza-se através de sessões de treino.
5. Dirigido na presença de um educador.	5. Dirigido na presença de um treinador.
6. Ensina-se através de formas jogadas, que induzam ao progresso.	6. Ensina-se através de formas analíticas, que induzam o aumento do rendimento.
7. Estruturas adaptadas à idade dos jovens (bola, balizas, campo, número de jogadores).	7. Estrutura única estandardizada (bolas, balizas, campo, número de jogadores).

O Futebol Juvenil tem impressões digitais próprias, isto é, possui características que lhe dão uma autonomia peculiar, o que pressupõe, evidentemente, uma metodologia que se identifique com as suas necessidades e particularidades. Aquilo que se deve exigir ao jovem futebolista não pode ser uma redução à escala dos processos e conceções do jogo de alto rendimento, pois o mesmo não possui os requisitos necessários para compreendê-los, nem a capacidade de desempenho dessas tarefas. As situações a trabalhar devem estar adaptadas àquilo que são as possibilidades, interesses e necessidades do jovem jogador, a quem se deve reclamar uma participação ativa, inteligente e responsável, contando que as referidas situações de treino sejam desafiadoras de progresso e de superação cada vez mais, pela organização e pelo rigor, na tentativa de elevar o estatuto do futebol praticado pelos mais novos, o que nos dará algumas garantias de utilidade de pensar o presente, não esquecendo o passado, com olhos sempre postos no futuro (Garganta, 2000).

2.3.3. Operacionalização de um modelo de jogo

Frade (2006) dividiu toda a estrutura acontecimental do jogo em quatro grandes momentos, aos quais acrescenta as bolas paradas. Para o autor, todas as ações do jogo estão contidas num desses quatro momentos, por ele denominados de Grandes Princípios. O autor chama-lhes Grandes Princípios porque, dentro de cada um deles, existem os seus respetivos Subprincípios, onde se encontram os Subprincípios dos Subprincípios e assim sucessivamente. Todos subjugados ao MJ e respeitando uma hierarquia de acordo com o nível em que se encontra.

Tendo por base a bibliografia (Frade, 1985; Castelo, 1996 e 2004; Carvalhal, 2000; Resende, 2002; Oliveira, 2003; Santos, 2006;) podemos afirmar que a variável MJ, derivado da sua elevada complexidade, será sempre constituída por um conjunto de sub-variáveis que se podem converter em dimensões, categorias e possíveis subcategorias.

Assim e de acordo com os autores supracitados, os momentos do jogo são: Organização Ofensiva; Organização Defensiva; Transição Ataque-Defesa; Transição Defesa-Ataque; e Fragmentos constantes do jogo (Esquemas táticos). Por sua vez um destes momentos de jogo apresenta as seguintes categorias e sub-categorias:

Na Organização Ofensiva, temos os sistemas de jogo; fases do ataque; construção do processo ofensivo; criação de situações de finalização; finalização; métodos de jogo; ataque posicional, ataque rápido; contra-ataque; racionalização do espaço de jogo; portador da bola; apoios ao portador da bola; largura e profundidade; temporização ofensiva; combinações táticas diretas e indiretas ângulos de jogo; ritmo e tempo de jogo; missões e funções específicas dos jogadores (guarda-redes; defesas laterais; defesas centrais; médios centro; médios ala e avançados).

Na Organização Defensiva, devemos ter em conta os sistemas de jogo; fases da defesa; equilíbrio defensivo; recuperação defensiva; métodos de jogo o defesa individual; defesa à zona; defesa mista; defesa zona pressionante; pressão no portador da bola; coberturas defensivas; concentração defensiva (largura e profundidade); anulação das linhas de passe; organização da última linha defensiva; articulação da última linha defensiva; participação total ou parcial de todos os jogadores; oscilação defensiva (largura e profundidade) temporização defensiva; missões e funções específicas dos jogadores (guarda-redes; defesas laterais; defesas centrais; médios centro; médios ala e avançados).

Na Transição Defesa-Ataque, poderemos elencar o jogo direto; jogo indireto/apoiado; recuperação da posse da bola; concentração vs espaço (largura e profundidade); alteração do processo defensivo para o ofensivo; temporização ofensiva; missões e funções específicas dos jogadores (guarda-redes; defesas laterais; defesas centrais; médios centro; médios ala e avançados).

Na Transição Ataque-Defesa, temos que ter em conta a pressão sobre o portador da bola; coberturas defensivas; perda da posse de bola; concentração defensiva; alteração do processo ofensivo para o defensivo; recuperação defensiva; temporização defensiva; temporização com interrupção de jogo; missões e funções específicas dos jogadores (guarda-redes; defesas laterais; defesas centrais; médios centro; médios ala e avançados).

No momento Fragmentos constantes do jogo, ou seja, situações de bola parada, poderemos elencar o lançamento de linha lateral; livres direto e indireto e pontapés de cantos. Os princípios fundamentais do jogo reportam-se à relação numérica entre os jogadores da própria equipa e os adversários no centro do jogo, ou seja, onde está a bola. Podem ser resumidos da seguinte forma: nas zonas de disputa da bola, uma equipa deve procurar criar situações de superioridade numérica, evitar situações de igualdade numérica e rejeitar a condição de inferioridade numérica (Hainaut & Benoit, 1979; Queiroz, 1983; Garganta & Pinto, 1994). Os princípios específicos representam um conjunto de regras de base que orientam as ações dos jogadores e da equipa ao longo das fases e dos momentos do jogo – defesa, ataque e transições – com o objetivo de criar desequilíbrios na organização da equipa adversária, estabilizar a organização da própria equipa e proporcionar aos jogadores uma intervenção ajustada no jogo. Estes princípios

ocorrem de acordo com uma lógica de luta de opostos, isto é, para cada um dos quatro princípios do ataque (penetração, cobertura ofensiva, mobilidade, espaço) existem outros tantos da defesa (contenção, cobertura defensiva, equilíbrio, concentração) que visam dar resposta a objetivos antagónicos (Queiroz, 1983; Garganta & Pinto, 1994).

Quadro 2. Princípios transversais (fundamentais e específicos) do jogo de futebol (adaptado de Worthington, 1974; Hainaut & Benoit, 1979; Queiroz, 1983; Garganta & Pinto, 1994; Costa et al., 2009)

	Ataque (em posse de bola)	Defesa (sem posse de bola)
Princípios fundamentais	Procurar criar superioridade numérica e inferioridade numérica	Evitar a igualdade numérica e recusar a inferioridade numérica
Princípios específicos	Penetração Atacar diretamente o adversário ou a baliza; Desequilibrar a organização defensiva adversária; Criar situações vantajosas para o ataque em termos numéricos e espaciais.	Contenção Parar ou atrasar o ataque adversário; Propiciar tempo para a organização defensiva; Diminuir o espaço de ação do portador da bola; Orientar a progressão do portador da bola; Restringir opções de passe para um adversário; Impedir a finalização.
	Cobertura ofensiva Garantir a manutenção da posse de bola. Dar apoio ao portador da bola, oferecendo-lhe opções para dar sequência ao jogo; Diminuir a pressão adversária ao portador da bola; Criar superioridade numérica; Induzir desequilíbrio na organização defensiva adversária;	Cobertura defensiva Servir de novo obstáculo ao portador da bola, caso este ultrapasse o jogador que fazia contenção; Transmitir segurança e confiança ao jogador de contenção, para que se afoite na disputa pela bola.
	Mobilidade Criar ações de rotura na organização defensiva adversária; Aparecer em zonas propícias para a obtenção de golo; Criar linhas de passe em profundidade.	Equilíbrio Assegurar a estabilidade defensiva nas zonas de disputa pela bola; Apoiar os companheiros que executam as ações de contenção e cobertura defensiva; Cobrir eventuais linhas de passe; Marcar jogadores que podem receber a bola
	Espaço Ampliar o espaço de jogo efetivo; Expandir as distâncias entre os adversários; Dificultar as marcações defensivas da equipa adversária; Facilitar as ações ofensivas da própria equipa; Dar sequência ao jogo, procurando opções seguras para a manutenção da posse de bola.	Concentração Aumentar a proteção à baliza; Orientar o jogo ofensivo adversário para zonas de menor risco no espaço de jogo; Propiciar o aumento da pressão sobre a zona de disputa da bola.

Segundo Oliveira (2003), o MJ não pode ser rígido, mas sim variável e condizente a uma zona de desenvolvimento proximal dos atletas, já que o cumprimento dos padrões comportamentais (princípios de jogo) poderão se diferenciar durante os anos de formação e também deve ser entendido como um sistema dinâmico que apresenta constante variabilidade para desenvolver criatividade dentro do mesmo e permitir aos potenciais talentos evoluírem para níveis de complexidade mais elevados, sem perda de identidade.

De acordo Bayer (1994), para uma melhor compreensão didática, os princípios de jogo estão divididos em dois grupos: princípios globais (quadro 3) divididos em operacionais e fundamentais, constituindo referências funcionais comuns a todos os jogos coletivos de invasão para orientar a equipe ao cumprimento da lógica do jogo, e os princípios específicos (quadro 4) e seus conteúdos referentes aos diferentes e interconectados momentos do jogo.

Quadro 3. Princípios Globais de jogo

Princípios Globais		
Princípios operacionais		Princípios fundamentais
Ofensivos	Defensivos	
Manter a posse de bola	Recuperar a posse de bola	Recusar a inferioridade numérica
Progrdir o alvo adversário	Impedir a progressão ao alvo	Evitar a igualdade numérica
Atacar o alvo adversário	Proteger o alvo	Criar a superioridade numérica

Fonte: baseado em Bayer (1994) e Garganta e Pinto (1994)

Quadro 4. Princípios Especificos do jogo

Princípios Especificos momentos do jogo			
Organização ofensiva	Transição defensiva	Organização defensiva	Transição ofensiva
Circulação e posse de bola	Pressão coletiva com cobertura	Defesa zona e zona pressing	Retirada da bola da zona de pressão vertical com bola longa
Ataque direto	Pressão individualizada	Defesa individual	
Largura	Compactação	Defesa individual por setor	
Profundidade	Retorno as linhas iniciais de marcação	Defesa mista	Retirada da bola da zona de pressão horizontal com bola longa
Mobilidade	Retorno defensivo orientado	Definição de bloco	
Apoio	Retorno defensivo orientado com trocas de posição	Coordenação entre linhas	
Penetrações	Faltas estratégicas	Compactação defensiva	Retirada da bola da zona de pressão (horizontal ou vertical)
Compensação ofensiva	Equilíbrio defensivo	Coberturas	
Criação de espaços livres		Contenção	
Variabilidade da forma de finalizar		Flutuação	Manutenção da posse na zona de recuperação direcionada para frente, trás ou lado
		Equilíbrio defensivo	
		Referências espaciais	
		Direcionamento para zonas de pressão	

Fonte: baseado em Bayer (1994) e Garganta e Pinto (1994)

É fundamental entender a hierarquização dos princípios de jogo em condições de perfeita articulação e congruência. Para Azevedo (2011) devem-se eleger nos momentos de organização defensiva e ofensiva, de transição defensiva e ofensiva, alguns princípios:

(prioridades da equipa) em níveis de organização maiores e menores (grandes e médios princípios) e também se deve observar que os jogadores só conseguirão realizar determinados princípios corretamente se o compreenderem através dos jogos (metodologia de compreensão tática) e depois identificarem que realmente os princípios são: compatíveis com uma realidade, necessidade, entendimento individual e em equipa (Gomes, 2008).

Apresentamos alguns exemplos de MJ para várias idades (quadro 5,6 e 7):

Quadro 5. Modelo jogo para iniciantes para idades dos 11 aos 13 anos

Princípios ofensivos	Soluções táticas	Princípios defensivos	Soluções táticas
Manter a posse de bola	Comunicação ofensiva Troca constante do setor da bola Variabilidade de passes Aproximação afastamento ao homem da bola	Recuperar a posse de bola	Pressionar o portador da bola Cobertura defensiva
Criação de espaços	Tocar e movimentar Procurar espaços Utilizar todas as referencias espaciais do campo	Fechar espaços	Defesa à zona Comunicação defensiva Noções espaciais Retorno defensivo coletivo
Zonas de finalização	Espaços dec referencia para a finalização Jogadores alvo	Compactar defensivamente	Referencia de linha da bola

Fonte: adaptado de De Souza e Mitchell (2010)

Quadro 6. Modelo jogo regular para idades dos 14 aos 16 anos

Organização ofensiva	Transição defensiva	Organização defensiva	Transição ofensiva
Grandes princípios Ataque rápido Contra ataque Médios princípios Utilizar um homem de referência Utilizar dois homens estrategicamente proximos da bola	Grandes princípios Temporização defensiva Médios princípios Noção espacial de largura e profundidade Compactação entre as linhas de marcação	Grandes princípios Marcação zonal Médios princípios Flutuação Cobertura Dobras	Grandes princípios Tirar a bola da zona de pressão Médios princípios Lançamentos verticais e diagonais Zonas de referência para a disputa de bola

Fonte: adaptado de Casarin e Esteves (2010)

Quadro 7. Modelo jogo regular para idades entre 17 aos 20 anos

Organização ofensiva	Transição defensiva	Organização defensiva	Transição ofensiva
Grandes princípios Circulação e posse de bola	Grandes princípios Pressão coletiva na perda da posse de bola	Grandes princípios Zona pressing	Grandes princípios Retirar a bola da zona de pressão
Médios princípios Mobilidade	Médios princípios Encurtamento das linhas de	Médios princípios Pressão coletiva em	Médios princípios Retirar a bola em
Apoio	passo	todos os setores do	largura
Formação de figuras geométrica	Rápida compactação	campo	Utilizar passes curtos e
		Cobertura	rápidos
		Dobras	Mante a posse de bola
		Flutuação	

Fonte: adaptado de Casarin e Esteves (2010)

Para Garganta (2002), modelar um sistema dinâmico (futebol) significa mapear não apenas os seus comportamentos (princípios de jogo), mas também as variáveis que emergem da interação e inter-relação dos executantes (treinadores-jogadores, companheiros-companheiros, companheiros-adversários) e entender o jogo dividindo-o didaticamente em momentos, para uma melhor compreensão do modelo de jogo.

O futebol é uma modalidade que exige aos jogadores várias capacidades das quais se destacam uma apurada competência técnica, uma boa compreensão tática do jogo, uma atitude mental centrada no rendimento e, para além disso, uma excelente aptidão física (Soares, 2005).

Partindo do princípio que o MJ é o guia de todo o processo de treino, Oliveira (2003) refere que os exercícios propostos, devem tê-lo como referência, em todos os momentos. Por outro lado, se um exercício proporcionar repetidamente comportamentos não adequados ao MJ pretendido. Assim, o treinar passa, em grande medida, por focalizar a vivência consciencializada dos jogadores nos vários extratos de jogo, sem nunca deixar de realizar a articulação de sentido com o todo (jogo).

Portanto, MJ na nossa opinião não é somente a tática usada pelo treinador, mas sim um conjunto de ações, pensamentos e princípios seguidos pela equipa. Ao elaborar os treinos, deve-se levar em conta o MJ previamente definido, ou seja, o processo de treino deve englobar exercícios que seguem o MJ escolhido pelo treinador. E que fique claro que todas as equipas possuem um MJ, independente do método de treino aplicado e do conhecimento do treinador sobre o tema, o que poderá variar é o quão elaborado (ou não) é o MJ que determinada equipa apresenta no campo. Colocar onze jogadores no campo defensivo e “dar chutos para a frente” ou jogar realizando uma zona pressionante são dois MJ com um grau de complexidade bem distinto, desde a forma como se operacionalizar o treino para construí-los, passando pela assimilação dos atletas, até á sua aplicação no jogo.

O treinador, na fase inicial do trabalho deve definir o MJ da equipa junto com sua equipa técnica, levando em conta a sua ideia de jogo, a característica dos jogadores, os

princípios de jogo, a organização funcional e a estrutura do clube. O modelo de jogo deve ter objetivos bem definidos e bem claros (Miranda, 2009).

No Futebol é frequente dizer-se que conforme se quer jogar, assim se deve treinar, o que sugere uma relação de interdependência e reciprocidade entre a preparação e a competição. Tal relação é consubstanciada por um dos princípios do treino, o princípio da especificidade, que preconiza que sejam treinados os aspetos que se prendem diretamente como o jogo (estrutura de movimento, estrutura da carga, natureza das tarefas) no sentido de viabilizar a maior transferência possível das aquisições operadas no treino para o contexto específico do jogo (Garganta, 1997).

2.4. Estado da Arte

Nos últimos anos, diferentes autores, têm desenvolvido as suas investigações, procurando conhecer melhor os aspetos relacionados com o Futebol e que envolvem as questões relacionadas com o MJ.

Gonçalves (2009), num estudo efetuado com treinadores de Futebol, teve como objetivo saber de que forma os treinadores de Futebol conceptualizam, (re)formulam e operacionalizam a problemática relacionada com o MJ; quem são os responsáveis e quais os aspetos que estes devem considerar aquando da sua construção, bem como identificar quais os fatores que o influenciam e alteram. O estudo consistiu na resposta a diferentes questões de uma entrevista semidirigida, previamente validada, a 8 treinadores de Futebol com o curso de treinadores UEFA Professional (IV Nível), do sexo masculino, com uma média de idades de 45,5 + 3 anos. Os resultados sugerem-nos que os treinadores de Futebol utilizavam um modelo de jogo como elemento orientador do processo de treino e de jogo, com o intuito de modelar as atitudes e os comportamentos dos jogadores e da equipa. Assim, definem-no como a organização dos diferentes elementos constituintes do jogo e afirmam que são e devem ser eles os responsáveis pela elaboração do modelo de jogo, devido à sua responsabilidade e ao seu conhecimento técnico. Ainda assim, podem eventualmente contar com a colaboração dos restantes elementos que compõem a equipa técnica. De qualquer forma, consideram não apenas a sua conceção de jogo e os aspetos estruturais, funcionais e relacionais do modelo, mas também as especificidades dos jogadores da equipa, o modelo de jogo da época anterior e mais do que um sistema tático. Independentemente disso, não alteram o modelo de jogo, tanto no decorrer da competição, como na preparação da competição seguinte. Com efeito, afirmam que se devem promover exercícios específicos de preparação, com base no modelo de jogo, onde é efetuada uma manipulação dos seus constrangimentos. Por fim, estes dados indicam-nos que o modelo de jogo deve condicionar o modelo de preparação, o modelo de jogador e o modelo de análise.

Costa (2005), no seu estudo, pretende identificar as perceções dos treinadores de futebol e dos dirigentes desportivos acerca do perfil de competências específicas dos treinadores, acerca das suas necessidades de formação bem como caracterizar as suas

perspetivas relativamente à formação inicial e contínua, verificando a influência de variáveis como a idade, o nível de escolaridade, tipo de formação, experiência profissional, nível e anos de prática como atleta, comparando, ainda, as perceções de dirigentes e de treinadores. Participaram no estudo 116 Treinadores e 50 Dirigentes, tendo-se, para o efeito, construído e aplicado um questionário. O estudo descreve características gerais dos treinadores, a sua formação, o perfil de competências desejado, as condições de acesso percebidas como adequadas, as entidades que entendem ser responsáveis pela formação inicial, as estratégias de formação contínua que valorizam, as necessidades de formação e as características do treinador que consideram justificadas e as fontes de conhecimento profissional percecionadas pelos inquiridos. No Perfil de competências percecionado pelos treinadores, o nível de escolaridade é o grande diferenciador. A experiência profissional e as restantes variáveis introduzem pouca variabilidade. Os treinadores sentem maiores necessidades de formação nas áreas “Técnica e Tática”, “Equipamentos e Tecnologias” e a “Metodologia do Treino”. A perceção das necessidades de formação é independente dos grupos de treinadores e as variáveis que as determinam são, predominantemente, a idade e o nível de escolaridade. Os treinadores valorizam mais as competências que estão diretamente relacionados com as suas tarefas diárias e com a sua atividade pedagógica, e por seu lado, os dirigentes atribuem uma maior valorização às competências relacionadas com as questões sociais, regulamentares e de gestão do treinador, não se notam diferenças significativas ao nível da perceção e valorização das diferentes variáveis.

Lourenço (2005) apresentou um estudo como objetivo conhecer o ideal de perfil do bom treinador de jovens, do ponto de vista dos jovens atletas, seus pais, e dos próprios treinadores, segundo as diferenças socioculturais. Construiu três inquéritos por questionário, aplicado a 155 jovens atletas dos escalões de formação da Associação Académica de Coimbra – Organismo Autónomo de Futebol (AAC – OAF), 150 pais ou figura masculina correspondente, 149 mães ou figura feminina correspondente, e a 12 treinadores dos mesmos escalões de formação. Concluí que os jovens dão maior relevância às características do ethos (carácter), como „ser justo“ e „ser exigente“, sendo que pais e treinadores consideram mais importantes as „competências educacionais“ e a „responsabilidade“ dos treinadores, independentemente das diferenças socioculturais, ainda que aconteça sobretudo nas famílias com maiores habilitações culturais, com ligeira vantagem nas mães do que nos pais, e nestas, sobretudo nas mais jovens, indo ao encontro do sugerido numa das hipóteses. Concluimos ainda que existe maior discrepância nas respostas dos familiares com menores habilitações literárias. As principais conclusões deste estudo foram que o treinador de jovens não deve procurar apenas os êxitos desportivos, mas sim olhar para os jovens numa perspetiva holística, integrando-os socialmente e preparando-os para a vida extradesportiva.

Haro (2010), na sua tese de doutoramento, elaborou um estudo sobre o processo formativo dos jogadores de alto rendimento e que variáveis influenciam a formação do jogador. O estudo foi realizado com jogadores internacionais de futebol desde a

temporada 2000/2001 até 2005/2006. A partir daqui selecionou onze jogadores com suficientes minutos de jogo em jogos oficiais, tendo em conta a posição e local de treino e sete escolas de futebol. Entrevistaram os onze jogadores selecionados, e os técnicos, (coordenador, treinador físico, psicólogo e médico), dos sete clubes escolhidos, investigando em todos aqueles que influenciaram significativamente a vida desportiva do jogador de futebol. Esta tese é descritiva com uma metodologia qualitativa, e o instrumento de utilizada é a entrevista, que foi validada por um grupo de especialistas.

Os resultados da investigação mostram que as dimensões mais importantes são o contexto social, seguido do desporto e da dimensão psicológica individual, seguindo-se os aspetos táticos e técnicos, sendo a tática mais importante que a técnica na formação do jovem jogador. A condição física tem uma importância intermediária, e os aspetos sociais psicológicos e antropometria têm uma baixa influência na conquista do sucesso desportivo. Os aspetos que têm mais relevância no treino do desportista de elite dentro destas dimensões são: apoio familiar, amigos, estudos, treinadores, oportunidades, filosofia do clube, hábitos saudáveis, talento, motivação, capacidade de trabalho, autoconfiança, capacidade de competir, equilíbrio emocional, decisão, perceção, controle, aprovação, velocidade, resistência, força, companheirismo e altura. Em conclusão, o treino do jogador de futebol deve ser abordado a partir de uma perspetiva holística onde se tem mais controle sobre o contexto do jogador e os aspetos psicológicos. Deve prevalecer a tática em relação à técnica e condição física. Todas as sessões de treino devem contribuir para desenvolvimento integral do jogador, levando em conta não apenas as componentes desportivas, mas também as componentes afetivas e sociais.

Costa (2012), neste estudo teve como propósito os seguintes objetivos: 1º avaliar a influência da idade cronológica nas oportunidades oferecidas para a participação dos jovens na prática desportiva, mais concretamente no Futebol; 2º conhecer o pensamento dos treinadores sob a organização e quadros de atividades para crianças e jovens no Futebol; 3º avaliar o tempo de participação desportiva dos jovens. A amostra foi constituída por um total de 30 treinadores de Futebol Jovem masculino dos escalões de Infantis, Iniciados e Juvenis. Considerando os objetivos do estudo, os resultados demonstram que: os jovens nascidos numa data mais próxima do início do ano são beneficiados em relação aos que nascem numa data próxima do fim do ano; os treinadores afirmam ser importante a rotatividade dos jogadores na convocatória; o tempo de participação desportiva dos jovens é desequilibrado, visto os nascidos no 1º trimestre jogarem mais tempo do que os nascidos no 4º trimestre.

Sarmiento (2012), num dos seus estudos procurou determinar variáveis comportamentais, espaciais e contextuais que permitam caracterizar e diferenciar os métodos de jogo ofensivo em equipas com diferentes filosofias de jogo; caracterizar a conceção dos treinadores acerca da especificidade das características do jogo de cada equipa analisada, bem como dos aspetos essenciais a observar no jogo. Recorreu-se à metodologia observacional para a recolha de dados, mediante um desenho de estudo nomotético/seguimento/multidimensional. Posteriormente foram conduzidas

entrevistas semi-estruturadas a 8 treinadores com experiência ($14,9 \pm 8,6$ anos de experiência) como treinadores principais na I Liga Portuguesa de Futebol. Os dados foram analisados através da técnica de análise de conteúdo (Bardin, 2008), tendo as categorias sido definidas *a priori* e *a posteriori*. O software QSR Nvivo 9 foi utilizado na codificação das entrevistas. Através desta parte do estudo foi possível concluir que os treinadores: i) possuíam um entendimento semelhante ao do próprio autor relativamente à interpretação dos padrões de jogo detetados; ii) consideram que os aspetos diferenciadores das Ligas de futebol em estudo se estabelecem sobretudo ao nível dos fatores culturais e estratégico-táticos; iii) não privilegiam o recurso a nenhum método de jogo ofensivo em particular; iv) sustentam o processo de treino sobretudo em quatro grandes tarefas (preparação, observação, avaliação/diagnóstico e intervenção); v) consideram que três das principais tendências evolutivas do jogo/treino são o desenvolvimento de exercícios que incidam sobre: a ligação dos momentos de jogo, a recuperação pré-programada da bola, a execução dos esquemas táticos.

Pinheiro (2013), apresentou um estudo tendo como objetivos a) estudar o comportamento do treinador de futebol jovem na promoção do fair play, b) analisar a opinião dos treinadores sobre a importância do fair play no futebol com jovens, c) Analisar o comportamento dos treinadores com licenciatura em educação física e o comportamento dos treinadores não licenciados em educação física. A amostra foi constituída por oito treinadores de futebol jovem agrupados em duas tipologias: quatro licenciados em educação física e quatro não licenciados. As principais conclusões foram: (1) Os comportamentos promotores e despromotores de fair play ocorrem em ambos os tipos de treinadores; (2) Os treinadores licenciados têm uma maior variedade de comportamentos de fair play, (elogios, incentivo a pedir desculpas e aplauso aos adversários); (3) Os treinadores não licenciados têm uma maior variedade de comportamentos despromotores, (falta de respeito com os seus atletas, reforço da conduta violenta para com os adversários e perda de tempo durante o jogo); (4) Os treinadores licenciados acreditam que todos os intervenientes no desporto são responsáveis pela sua degradação, enquanto os não licenciados consideram que os principais responsáveis são os pais, treinadores e árbitros.

Sousa (2013), delineou como objetivo do seu estudo, definir e analisar o estilo de tomada de decisão dos treinadores de futebol português, bem como a influência de variáveis como o género, o escalão etário, o número de anos de treinador, a função desportiva, o nível de treinador e a associação a que pertencem, podem ter no mesmo. A população deste estudo foi constituída por 40 treinadores de futebol de ambos os sexos, com uma média de aproximadamente 35 anos. Os dados encontrados neste estudo sugerem que os treinadores de futebol português apresentam como estilo preferencial de tomada de decisão o estilo Diretivo. No entanto, tendo em consideração as pontuações atribuídas a cada estilo, chega-se à conclusão que não é possível definir com clareza que os treinadores apresentam um estilo maioritariamente predominante. No que diz respeito às variáveis em estudo, relativamente aos estilos de tomada de decisão (género, escalão etário, anos de treinador, função desportiva, nível de treinador e associação a que pertencem, apenas apareceram diferenças significativas entre o

número de anos de treinador, nos estilos diretivo, analítico e comportamental. Quanto ao nível de treinador encontraram-se diferenças significativas no estilo diretivo, analítico e concetual.

Almeida (2014), num dos seus estudos, referiu-se à importância dos métodos de treino utilizados numa relação de proximidade constante com o modelo de jogo adotado pela equipa. Pretendem-se assim perceber quais os métodos de treino predominantes, quais os principais fatores que contribuem para essa predominância relativa, que elementos inerentes ao funcionamento normal de uma equipa de futebol são mais influentes numa possível alteração circunstancial da metodologia de treino adotada e de que forma se podem contornar esses obstáculos, utilizando e explorando as vastas virtudes conceptuais que os métodos de treino comportam.

Pinto (2015), no seu estudo, fala-nos da disseminação extensiva de modelos de ensino tanto nas escolas como nos clubes. A combinação de modelos e o alargamento do seu campo de aplicação à variedade de jogos desportivos. Procurando dar resposta á extrema complexidade que o “Jogar” encerra, emergiu uma nova realidade metodológica para o fenómeno em consideração, denominando-se de jogos reduzidos/condicionados, que parece ganhar cada vez mais relevo entre os que se encontram diretamente ligados com futebol. Com este trabalho, baseando-se no método de ensino/treino do futebol através dos jogos/reduzidos condicionados, procuramos conhecer esta realidade em que consistem, como podem ser utilizados, com que objetivos. Traçando assim estas ideias como objetivos, assim como se serão efetivamente usados e com que finalidade. Para a metodologia de investigação optamos pela aplicação de um inquérito a professores de Educação Física, podendo ou não estar diretamente ligados ao Desporto Escolar. Perante os resultados obtidos conclui-se que grande percentagem dos inquiridos utiliza este tipo de jogos com três finalidades principais, rentabilizar o espaço disponível, proporcionar aos alunos atletas situações que provoquem conhecimentos de ordem técnica e tática, aumentar o contacto dos alunos com a bola.

Silva (2016), com o seu estudo, teve como objetivo descrever as palestras em dia de jogo de um treinador de futebol no contexto de uma Seleção nacional. Foi utilizada uma metodologia de estudo de caso único com observação participante. A amostra consistiu num total de 27 palestras, nove pré-jogo, nove ao intervalo e nove pós jogo. Os resultados obtidos demonstram que o treinador transmitiu em média mais do dobro de unidades de informação nas palestras pré-jogo que ao intervalo e mais do quádruplo do que nas palestras pós-jogo. O treinador transmitiu, nas palestras pré-jogo e ao intervalo, predominantemente, mensagens sobre aspetos táticos, centrados no modelo de jogo da própria equipa, e, nas palestras pós-jogo referiu, preferencialmente, outras dominantes do desempenho desportivo, como o resultado. O treinador transmitiu mensagens predominantemente de forma descritiva e dirigiu-se essencialmente à equipa em todas as palestras, tendo-se verificado um aumento de informações dirigidas individualmente nos intervalos.

Capítulo III

Objeto de estudo

3. Objeto de estudo

3.1. Objetivo geral

Para Fortin (2003) enunciar o objetivo de investigação é indicar de forma clara qual é o fim que o investigador pretende atingir, leva a especificar as variáveis-chave, a população onde serão recolhidos os dados e o verbo de ação que será orientador da investigação. Sendo o objeto de estudo o modelo de jogo dos treinadores do futebol infantojuvenil, formulamos como objetivo geral desta investigação o seguinte:

Perceber como é que os treinadores de futebol das equipas/escalões de formação de um clube de futebol que participam nos campeonatos distritais e nacionais, concetualizam e operacionalizam o seu modelo de jogo, e verificar as diferenças tendo em conta a idade, a experiência como treinador a formação académica e a formação da FPF.

3.2. Objetivos específicos

Para dar resposta ao objetivo geral é preciso delinear metas mais específicas dentro do trabalho, no fundo pode afirmar-se que é o conjunto dessas metas que conduzem ao desfecho do objetivo geral. Tendo por base a questão principal enunciada, apresentamos de seguida os objetivos específicos que nortearam esta investigação:

1. Saber qual o entendimento dos treinadores sobre o que é um Modelo de Jogo;
2. Conhecer o conceito do Modelo de Jogo (MJ) dos treinadores e que objetivos se pretendem alcançar quando se cria um MJ para a equipa;
3. Conhecer na opinião dos treinadores quem deve participar na formulação e conceção do MJ e quais os aspetos a ter em conta na formulação do modelo;
4. Conhecer o contexto do clube e de que forma pode influenciar o MJ;
5. Identificar os fatores e condicionalismos que podem influenciar o MJ adotado e saber se o modelo é reajustado em função da prestação da equipa, do resultado, da equipa de arbitragem e do desenrolar do jogo;
6. Saber se os treinadores fazem reajustamentos no seu MJ ao longo do tempo;
7. Saber na opinião dos treinadores quem são as pessoas que deve ter um conhecimento claro sobre o MJ adotado;
8. Saber se na opinião dos treinadores o MJ deve ser um elemento orientador do processo de treino e de jogo da equipa;
9. Saber se na opinião dos treinadores os exercícios devem ser padronizados para todas as equipas de acordo com o MJ;
10. Saber qual a opinião dos treinadores sobre as características que devem ter cada jogador consoante a sua posição para o MJ;

3.3. Enunciado do Problema

A pergunta de orientação para um estudo é determinante e indica o “caminho” que o investigador terá de percorrer para lhe poder responder. Fortin (2003) refere que toda a investigação tem uma situação considerada como problemática e que serve de ponto de partida. É com base nesta questão inicial que vamos procurar uma explicação ou, pelo menos, uma melhor compreensão do fenómeno em estudo. Quivy e Campenhoudt (1998) acrescentam que clarificar esta questão inicial é uma forma eficaz de tentar “expressar o mais exatamente possível o que se procura saber, elucidar, compreender melhor” (p.32).

Tentamos assim formular uma pergunta clara, exequível e pertinente que desse a conhecer as nossas intenções, que se adequasse aos recursos pessoais, materiais e técnicos de que dispomos e que tivesse como principal foco uma melhor compreensão do fenómeno estudado. Partindo do pressuposto anterior, formulamos, então, a problemática do nosso estudo que se estruturou e evidenciou através da sua questão principal da seguinte forma:

Como é que os treinadores de futebol das equipas/escalões de formação de um clube de futebol, que participam nos campeonatos distritais e nacionais, concetualizam e operacionalizam o seu modelo de jogo? Haverá diferenças tendo em conta a idade, a experiencia como treinador, a formação académica e a formação da FPF?

3.4. Questões do estudo

Tomando por base cada um dos objetivos a atingir no âmbito do estudo, apresentamos de seguida algumas questões de investigação que se nos levantaram e que as leituras que efetuamos sobre a matéria ajudaram a estruturar. Elaboramos, assim, as seguintes questões de investigação:

1. O que é para os treinadores um Modelo de Jogo?
2. Como é que os treinadores conceptualizam o Modelo de Jogo (MJ) e quais os objetivos se pretendem alcançar quando definem o MJ para a sua equipa?
3. Quem deve participar na formulação e conceção do MJ e quais os aspetos a ter em conta na formulação desse modelo?
4. Como é que o contexto do clube pode influenciar o MJ?
5. Que fatores e condicionalismos podem influenciar o MJ adotado? O modelo deve ser reajustado em função da prestação da equipa, do resultado, da equipa de arbitragem e do desenrolar do jogo?
6. Os treinadores fazem reajustamentos no seu MJ ao longo do tempo?

7. Quem são as pessoas que devem ter um conhecimento claro sobre o MJ adotado?
8. O MJ deve ser um elemento orientador do processo de treino e de jogo da equipa?
9. Os exercícios devem ser padronizados para as equipas de acordo com o MJ?
10. As características dos Jogadores são importantes para a posição que ocupam no MJ?

3.5. Variáveis do estudo

Tendo em conta as questões e os objetivos da investigação torna-se fundamental identificar e explicitar as diferentes variáveis em estudo. Tal como diz Fortin (2003), as variáveis são as unidades de base da investigação e são classificadas de acordo com o papel que exercem numa investigação, podendo ser independentes e dependentes” (p.171).

Para o autor referido "uma variável dependente é a que sofre o efeito da variável independente, é o resultado predito pelo investigador. Variáveis independentes e variáveis dependentes estão em correlação: a variável independente, manipulada pelo investigador, produz um efeito determinado sobre a variável dependente” (p.171).

Enquadrando esta definição com a proposta do nosso estudo, a variável dependente que pretendemos estudar é:

- A Concetualização e operacionalização dos treinadores face ao modelo de jogo.

Relativamente às variáveis independentes Fortin (2003) diz-nos que “uma variável independente é um elemento que é introduzido e manipulado numa situação de investigação com vista a exercer um efeito sobre uma outra variável. É considerada como a causa do efeito produzido na variável dependente” (p.171). No presente estudo as variáveis independentes são:

- Idade dos treinadores (até 30 anos/+ de 30 anos);
- Experiência como treinador (até 5 anos/+ de 5 anos);
- Formação como treinador (ter curso de treinador/não possuir curso de treinador);
- Formação académica (ter formação académica superior / não ter formação académica superior).

Para além das variáveis dependentes e independentes, podemos ainda encontrar variáveis parasitas. Este tipo de variáveis é segundo Sousa (2005) variáveis exteriores à investigação, mas que podem influenciar os resultados, isto é, podem interferir negativamente nas relações entre as variáveis independentes e dependentes. No nosso estudo podemos apontar como variável parasita a seguinte:

- Vivências Desportivas.

Capítulo IV

MÉTODO

4. Método

4.1. Introdução

Neste capítulo, começamos por apresentar o tipo de estudo, apresentamos os participantes e os critérios de seleção, os métodos e procedimentos de recolha dos dados e os procedimentos estatísticos.

4.2. Tipo de estudo

Nesta tentativa de maior compreensão sobre este tema complexo ganham importância os métodos qualitativos, porque facilitam um entendimento mais global e contextualizado acerca do problema em estudo, produzindo uma grande riqueza de informação que nem sempre é possibilitada por outros métodos de avaliação (Valles, 1999). Teremos que reconhecer que muitos aspetos da vida humana, da vida pessoal, profissional e social, não podem ser explicados pelas abordagens das investigações ditas convencionais ou tradicionais (Rosado, 2012). Desta forma, a presente investigação foi desenvolvida tendo em conta uma perspectiva interpretativa. Desta forma, assume-se uma epistemologia subjetivista, onde o conhecimento é construído através da interação do investigador com os participantes, e uma ontologia relativista, isto é, a existência de múltiplas perceções da realidade social (Maykut & Morehouse, 1994).

4.3. Participantes

A população é, segundo Tuckman (2005), “o grupo sobre o qual o investigador tem interesse em recolher informação e extrair conclusões”. De acordo com este autor, “a especificação do grupo que vai constituir a população é uma etapa inicial do processo de amostragem que afeta a natureza das conclusões que se possam vir a extrair de um determinado estudo” (p. 338).

No nosso estudo, participaram 11 treinadores de equipas que disputam os campeonatos distritais e nacionais, nos escalões de infantis, iniciados juvenis e juniores. Os participantes eram todos do sexo masculino, de diferentes escalões etários e com diferentes habilitações académicas e de formação específica, como podemos observar na tabela 1.

Tabela 1. Caracterização dos participantes (n=11)

Experiência	Percentagem (%)
Até 5 anos	54.5
Mais de 5 anos	45.5
<hr/>	
Escalão Etário	(%)
Até 30 anos	63.6
Mais de 30 anos	36.4
<hr/>	
Formação Acad. Sup. CD	(%)
Sim, tem	54.5
Não tem	45.5
<hr/>	
Formação Específica FPF	(%)
Sim, tem	72.7
Não tem	27.3

Ainda na mesma tabela, no que diz respeito ao escalão etário dos treinadores participantes, 63.6% apresentam uma idade igual ou inferior a 30 anos e 45.5% apresentam mais de 30 anos. Relativamente à formação académica, 54.5% têm formação académica superior, em oposição aos 36.4%, que não têm. Por fim, com formação específica de treinador, encontramos 72.5% que têm, pelo menos nível I da FPF, e 27.3% ainda não têm qualquer nível de formação. Esta amostra foi escolhida principalmente por fins pragmáticos (ou seja, tempo), bem como a acessibilidade à escolha dos participantes.

4.4. Procedimentos para recolhas de dados

Inicialmente, foi enviada uma carta ao Presidente do clube a explicar o objetivo deste trabalho e a pedir a sua autorização para realizar as entrevistas aos treinadores.

Posteriormente contactamos os treinadores, individualmente, a solicitar também a sua colaboração no estudo. Os sujeitos participaram no estudo de livre vontade, dando para tal o seu consentimento através da assinatura de um termo de consentimento informado. Neste estudo foram respeitados todos os princípios éticos de proteção de dados e de anonimato de identificação. Previamente à realização das entrevistas foi estabelecida uma relação de confiança com os participantes, uma vez que é um aspeto importante na realização de entrevistas (Smith, 1995).

Os treinadores foram contactados individualmente, foi-lhes explicado o que se pretendia com o trabalho. Todos os treinadores foram entrevistados no mesmo local (balneário do treinador), com condições para estarem tranquilos e sem barulho. Seguidamente, através de um gravador digital, efetuámos a recolha dos dados, em datas acordadas com os treinadores. A entrevista foi gravada com utilização de um gravador Digital. Procurámos colocar as questões de forma clara e objetiva, evitando perguntas

com duplo sentido ou com algum tipo de ambiguidade. Foi usada uma linguagem simples e de acordo com o quadro de referência dos participantes.

As entrevistas foram posteriormente passadas para “protocolo escrito” usando para tal o programa Microsoft Word®. Após a escrita de cada um dos protocolos, foi realizada uma audição total para verificar se estava tudo correto. Posteriormente, foram contactados para uma leitura da transcrição, para suporte papel, dessa entrevista e eventual retificação de imprecisões que possam ter existido.

4.5. Instrumento utilizado para a recolha de dados

O instrumento usado na recolha dos dados foi a entrevista semiestruturada (Bogdan & Biklen, 2007). O guião de entrevista usado no nosso estudo foi construído, partindo do guião de entrevista de Gonçalves (2009). No seu estudo, o autor citado, construiu e validou a entrevista que foi dirigida a treinadores UEFA Professional (IV Nível), que treinavam seniores, e por isso, tivemos necessidade de fazer alterações e adaptações, de acordo com os elementos dos participantes deste estudo. Posteriormente procedemos também a uma validação por especialistas.

A validação do nosso guião de entrevista, seguiu três fases de validação. Numa primeira fase, foi dado a conhecer a três peritos (dois doutores em Ciências do Desporto e um especialista em investigação qualitativa). Posteriormente, a versão revista do guião foi alvo de uma aplicação piloto, a um treinador de futebol, no sentido de aferir a clareza e a precisão do seu conteúdo (Kvale, 1996). Por fim, fizemos as alterações que considerámos necessárias, de acordo com os resultados dessa entrevista, levando o guião à sua configuração final.

4.6. Modelos de Classificação

As comunicações, objeto de análise, podem ser abordadas de diferentes formas. As unidades de análise podem variar: alguns pesquisadores escolherão a palavra, outros optarão pelas sentenças, parágrafos e, até mesmo, o texto. A forma de tratar tais unidades também se diferencia. Enquanto alguns contam as palavras ou expressões, outros procuram desenvolver a análise da estrutura lógica do texto ou de suas partes, e outros, ainda, centram sua atenção em temáticas determinadas (Bardin, 2011).

Quadro 8: Modelos de classificação para as perguntas 1 e 2

MODELO DE CLASSIFICAÇÃO DA PERGUNTA 1	MODELO DE CLASSIFICAÇÃO DA PERGUNTA 2
Ideia de jogo Filosofia de jogo	Modelo baseado nos 5 momentos do jogo Modelo Identificado com os objetivos de clube Modelo que tem por base as características dos jogadores Modelo que preconiza o desenvolvimento do atleta

Quadro 9: Modelos de classificação para as perguntas 3 e 4

MODELO DE CLASSIFICAÇÃO DA PERGUNTA 3	MODELO DE CLASSIFICAÇÃO DA PERGUNTA 4
Criar uma interligação entre treino e jogo Rentabilizar desenvolvimento dos atletas Contribuir para conhecimento do jogo	Coordenador do Clube Equipa técnica do clube Direção do Clube Jogadores País

Quadro 10: Modelos de classificação para as perguntas 5 e 6

MODELO DE CLASSIFICAÇÃO DA PERGUNTA 5	MODELO DE CLASSIFICAÇÃO DA PERGUNTA 6
Os 5 momentos do jogo Desenvolvimento e características dos jogadores Quadro competitivo da equipa Infraestruturas do clube Objetivos do clube Calendário desportivo	Sim Não Justificação Tendo em conta a sua dimensão Tendo em conta a sua filosofia Tendo em conta as suas condições infraestruturais

Quadro 11: Modelos de classificação para as perguntas 7 e 8

MODELO DE CLASSIFICAÇÃO DA PERGUNTA 7	MODELO DE CLASSIFICAÇÃO DA PERGUNTA 8
Qualidades e características dos jogadores	Sim Não
Quantidade de jogadores disponíveis	Justificação Através de alteração do sistema tático
Caraterísticas do envolvimento	Através de alteração do método de jogo
Quadro competitivo em que a equipa participa	Através de alteração da forma de treinar
Caraterísticas do clube	Alterando o posicionamento dos jogadores

Quadro 12: Modelos de classificação para as perguntas 9 e 10

MODELO DE CLASSIFICAÇÃO DA PERGUNTA 9	MODELO DE CLASSIFICAÇÃO DA PERGUNTA 10
Sim Não	Sim Não
Justificação Os jogadores não se adaptam à ideia de jogo	Justificação Oferece mais soluções Permite responder às necessidades e reajustamentos na equipa
Necessidade de fazer reajustamentos	
Só em situações excecionais	

Quadro 13: Modelos de classificação para as perguntas 11 e 12

MODELO DE CLASSIFICAÇÃO DA PERGUNTA 11	MODELO DE CLASSIFICAÇÃO DA PERGUNTA 12
Sim Não	Sim Não
Justificação Vai ao encontro da ideia de jogo	Justificação Maior rentabilização do treino
Os exercícios devem estar de acordo com o MJ	Os exercícios devem ser diversificados mas com estrutura comum
Permite transference entre treino e jogo	Os exercícios devem ter o cunho pessoal do treinador
	Os exercícios devem responder a diferentes objetivos
	Os exercícios devem ser adaptados ao contexto e idade

Quadro 14: Modelos de classificação para as perguntas 13 e 14

MODELO DE CLASSIFICAÇÃO DA PERGUNTA 13	MODELO DE CLASSIFICAÇÃO DA PERGUNTA 14
Sim	Quem?
Não	Coordenador do Clube
Justificação	Equipa técnica do clube
Desde que na fase da especialização	Presidente do Clube
Permite tirar maior rentabilidade do jogador	Jogadores
Jogadores respondem melhor às exigências do modelo de jogo	Porquê?
Nas fases prévias à especialização	Para haver sintonia
	Para perceber o que se está a fazer

4.6.1. Definição dos Modelos de Classificação

PERGUNTA 1

- i) Ideia de jogo: os treinadores entrevistados definem o MJ como uma ideia de jogo, uma forma de jogar, comportamentos que a equipa apresenta;
- ii) Filosofia de jogo: os entrevistados definem o MJ como uma filosofia de jogo, uma maneira de jogar.

PERGUNTA 2

- i) Modelo baseado nos 5 momentos do jogo: o treinador refere que o seu MJ é a sua ideia baseada na organização ofensiva /defensiva, nas transições defesa / ataque, nas bolas paradas;
- ii) Modelo Identificado com os objetivos de clube: o treinador refere que o seu MJ tem em conta o que o clube pretende para os jogadores;
- iii) Modelo que tem por base as características dos jogadores: o treinador refere que o seu MJ considera que tipo de jogadores têm há sua disposição;
- iv) Modelo que preconiza o desenvolvimento do atleta: o treinador refere que o seu MJ pretende o desenvolvimento dos seus jogadores.

PERGUNTA 3

- i) Criar uma interligação entre treino e jogo: o treinador refere que o seu objetivo quando se cria o MJ é que haja uma lógica entre o treino e o jogo, tentar tirar a aleatoriedade do jogo;
- ii) Rentabilizar desenvolvimento dos atletas: o treinador refere que o seu objetivo quando se cria o MJ é a aproveitar todas as características dos jogadores;
- iii) Contribuir para conhecimento do jogo: o treinador refere que o seu objetivo quando se cria o MJ é a aprendizagem do jogo.

PERGUNTA 4

i) Coordenador do Clube: o treinador refere que deve participar na formulação e conceção do MJ é o Coordenador do clube

ii) Equipa técnica do clube: o treinador refere que quem deve participar na formulação e conceção do MJ é a Equipa técnica do clube;

iii) Direção do Clube: o treinador refere que quem deve participar na formulação e conceção do MJ é a Direção do clube;

iv) Jogadores: o treinador refere quem deve participar na formulação e conceção do MJ são os jogadores;

v) Pais: o treinador refere que quem deve participar na formulação e conceção do MJ são os pais.

PERGUNTA 5

i) Os 5 momentos do jogo: o treinador refere que ao formular o MJ tem em conta a organização ofensiva /defensiva, as transições defesa / ataque, as bolas paradas;

ii) Desenvolvimento e características dos jogadores: o treinador refere que ao formular o MJ tem em conta a aprendizagem do jogo, aproveitamento de todas as características dos jogadores;

iii) Quadro competitivo da equipa: o treinador refere que ao formular o MJ tem em conta o quadro competitivo da equipa;

iv) Infraestruturas do clube: o treinador refere que ao formular o MJ tem em conta as infraestruturas do clube;

v) Objetivos do clube: o treinador refere que ao formular o MJ tem em conta os objetivos do clube;

vi) Calendário desportivo: o treinador refere que ao formular o MJ tem em conta o calendário desportivo.

PERGUNTA 6

i) Sim: todas as respostas que apresentem os seguintes vocábulos (sim, claro, óbvio, afirmativo, evidente, etc.) ou que manifestem concordância; e,

ii) Não: todas as respostas que apresentem os seguintes vocábulos (não, nunca, jamais, negativo, etc.) ou que manifestem discordância.

Justificação

i) Tendo em conta a sua dimensão: o treinador justifica que o contexto do clube influencia pois estar num clube com uma grande dimensão é diferente de estar num clube com menor dimensão;

ii) Tendo em conta a sua filosofia: o treinador justifica que o contexto do clube influencia dependente se é um clube formador ou não, se pervigília o resultado ou o desenvolvimento dos atletas;

iii) Tendo em conta as suas condições infraestruturais: o treinador justifica que o contexto do clube influencia tendo em conta as infraestruturas do clube serem ou boas ou más.

PERGUNTA 7

i) Qualidades e características dos jogadores: o treinador justifica que os fatores e condicionalismos que podem influenciar um MJ são as qualidades e características dos jogadores;

ii) Quantidade de jogadores disponíveis: o treinador justifica que os fatores e condicionalismos que podem influenciar um MJ são a quantidade de jogadores disponíveis;

iii) Caraterísticas do envolvimento: o treinador justifica que os fatores e condicionalismos que podem influenciar um MJ são as características da competição, do tipo de clube, da qualidade e quantidade dos jogadores; e,

iv) Quadro competitivo em que a equipa participa: o treinador justifica que os fatores e condicionalismos que podem influenciar um MJ é o quadro competitivo em que a equipa participa;

v) Caraterísticas do clube: o treinador justifica que os fatores e condicionalismos que podem influenciar um MJ são as características do clube.

PERGUNTA 8

i) Sim: todas as respostas que apresentem os seguintes vocábulos (sim, claro, óbvio, afirmativo, evidente, etc.) ou que manifestem concordância; e,

ii) Não: todas as respostas que apresentem os seguintes vocábulos (não, nunca, jamais, negativo, etc.) ou que manifestem discordância.

Justificação

i) Através de alteração do sistema tático: o treinador justifica que o MJ pode ser reajustado em função da alteração do sistema tático;

ii) Através de alteração do método de jogo: o treinador justifica que o MJ pode ser reajustado em função da alteração do método de jogo;

iii) Através de alteração da forma de treinar: o treinador justifica que o MJ pode ser reajustado em função da forma de treinar;

iv) Alterando o posicionamento dos jogadores: o treinador justifica que o MJ pode ser reajustado em função da alteração do posicionamento dos jogadores.

PERGUNTA 9

i) Sim: todas as respostas que apresentem os seguintes vocábulos (sim, claro, óbvio, afirmativo, evidente, etc.) ou que manifestem concordância; e,

ii) Não: todas as respostas que apresentem os seguintes vocábulos (não, nunca, jamais, negativo, etc.) ou que manifestem discordância.

Justificação

i) Os jogadores não se adaptam à ideia de jogo: o treinador justifica que o MJ se deve alterar durante a época se os jogadores não se adaptarem à ideia de jogo;

ii) Necessidade de fazer reajustamentos: o treinador justifica que o MJ se deve alterar durante a época se houver necessidade de fazer reajustamentos;

iii) Só em situações excecionais: o treinador justifica que o MJ se deve alterar durante a época só em situações excecionais.

PERGUNTA 10

i) Sim: todas as respostas que apresentem os seguintes vocábulos (sim, claro, óbvio, afirmativo, evidente, etc.) ou que manifestem concordância; e,

ii) Não: todas as respostas que apresentem os seguintes vocábulos (não, nunca, jamais, negativo, etc.) ou que manifestem discordância.

Justificação

i) Oferece mais soluções: o treinador justifica ser importante ter mais que um sistema tático, em virtude de oferecer mais soluções à equipa;

ii) Permite responder às necessidades e reajustamentos na equipa: o treinador justifica ser importante ter mais que um sistema tático, permite responder às necessidades e reajustamentos na equipa.

PERGUNTA 11

i) Sim: todas as respostas que apresentem os seguintes vocábulos (sim, claro, óbvio, afirmativo, evidente, etc.) ou que manifestem concordância; e,

ii) Não: todas as respostas que apresentem os seguintes vocábulos (não, nunca, jamais, negativo, etc.) ou que manifestem discordância.

Justificação

i) Vai ao encontro da ideia de jogo: o treinador justifica que o MJ deve ser um elemento orientador do treino e do jogo da equipa, permite ir de encontro à ideia de jogo;

ii) Os exercícios devem estar de acordo com o MJ: o treinador justifica que o MJ deve ser um elemento orientador do treino e do jogo da equipa, devendo os exercícios estar de acordo com MJ;

iii) Permite transfere entre treino e jogo: o treinador justifica que o MJ deve ser um elemento orientador do treino e do jogo da equipa, permite o transfere entre o treino e o jogo.

PERGUNTA 12

i) Sim: todas as respostas que apresentem os seguintes vocábulos (sim, claro, óbvio, afirmativo, evidente, etc.) ou que manifestem concordância; e,

ii) Não: todas as respostas que apresentem os seguintes vocábulos (não, nunca, jamais, negativo, etc.) ou que manifestem discordância.

Justificação

i) Maior rentabilização do treino: o treinador justifica que os exercícios de treino devem estar padronizados de acordo com o MJ, permite maior rentabilização do treino;

ii) Os exercícios devem ser diversificados mas com estrutura comum: o treinador justifica que os exercícios de treino devem estar padronizados de acordo com o MJ, permite que os exercícios devem estar diversificados mas com uma estrutura comum;

iii) Os exercícios devem ter o cunho pessoal do treinador: o treinador justifica que os exercícios de treino devem estar padronizados de acordo com o MJ, permite que as tarefas do treino possam ter um cunho pessoal;

iv) Os exercícios devem responder a diferentes objetivos: o treinador justifica que os exercícios de treino devem estar padronizados de acordo com o MJ, permite que as tarefas do treino devem responder a diferentes objetivos;

v) Os exercícios devem ser adaptados ao contexto e idade: o treinador justifica que os exercícios de treino devem estar padronizados de acordo com o MJ, permite que as tarefas do treino devem ser adaptadas ao contexto e à idade

PERGUNTA 13

i) Sim: todas as respostas que apresentem os seguintes vocábulos (sim, claro, óbvio, afirmativo, evidente, etc.) ou que manifestem concordância; e,

ii) Não: todas as respostas que apresentem os seguintes vocábulos (não, nunca, jamais, negativo, etc.) ou que manifestem discordância.

Justificação

i) Desde que na fase da especialização: o treinador justifica que as características dos jogadores são importantes para a posição que ocupam no MJ, desde da fase de especialização;

ii) Permite tirar maior rentabilidade do jogador: o treinador justifica que as características dos jogadores são importantes para a posição que ocupam no MJ, permite tirar maior rentabilidade do jogador;

iii) Jogadores respondem melhor às exigências do modelo de jogo: o treinador justifica que as características dos jogadores são importantes para a posição que ocupam no MJ, permite que jogadores respondem melhor às exigências do modelo de jogo;

iv) Nas fases prévias à especialização: o treinador justifica que as características dos jogadores são importantes para a posição que ocupam no MJ, nas fases prévias à especialização.

PERGUNTA 14

Quem?

i) Coordenador do Clube: o treinador refere que quem deve ter conhecimento do MJ é o Coordenador do clube;

ii) Equipa técnica do Clube: o treinador refere que quem deve ter conhecimento do MJ é a equipa técnica do clube;

iii) Presidente do Clube: o treinador refere que quem deve ter conhecimento do MJ é o presidente do clube;

iv) Jogadores: o treinador refere que quem deve ter conhecimento do MJ são os jogadores do clube;

Porquê?

i) Para haver sintonia: o treinador justifica quem deve ter conhecimento do MJ, para haver sintonia entre todos;

ii) Para perceber o que se está a fazer: o treinador justifica quem deve ter conhecimento do MJ, para se perceber o que se está a fazer.

4.7. Tratamento estatístico dos dados

Após a transcrição das entrevistas para suporte de papel, foi realizada uma análise de conteúdo (Bardin, 2011), tendo por base um sistema de categorias. Depois de ordenados os dados, recorreremos à estatística descritiva, a partir das medidas descritivas básicas e percentuais. O programa estatístico utilizado para codificação numa base de dados foi o S.P.S.S. (Statistical Package for the Social Sciences), versão 23.0.

Capítulo V

Apresentação dos resultados

5. Apresentação dos Resultados

Neste capítulo procedemos, em primeiro lugar, a uma análise descritiva dos resultados. Desta forma, apresenta-se a caracterização dos participantes do estudo, relativamente à experiência como treinador, escalão etário, formação académica e curso de treinador. Recorremos à estatística descritiva (percentuais relativos e absolutos), apresentando os resultados em tabelas e gráficos, comentados posteriormente.

5.1. Caracterização dos participantes

No nosso estudo participaram 11 treinadores, todos do sexo masculino que, relativamente à experiência de treino, podemos constatar, que 54.5% têm mais de 5 anos de experiência, enquanto os restantes 45.5% têm 5 anos ou menos, de experiência como treinador. No que diz respeito ao escalão etário dos treinadores participantes, 63.6% apresentam uma idade igual ou inferior a 30 anos e 36,4% apresentam mais de 30 anos. Relativamente à formação académica, 54.5% têm formação académica superior, em oposição aos 45,5%, que não têm. Por fim, com formação específica de treinador, encontramos 72.5% que têm, pelo menos nível I da FPF, e 27.3% ainda não têm qualquer nível de formação.

5.2. Análise das entrevistas

Relativamente à primeira questão da entrevista “O que é para si o MJ?”, os entrevistados evidenciaram duas categorias: “Ideia de Jogo” e “Filosofia de Equipa” (tabela 2). Nesta pergunta, 63.6% manifestaram que é uma ideia de jogo, enquanto 36.4% eram da opinião que é uma filosofia de equipa.

Tabela 2. Resultados referentes à questão “O que é para si o MJ?” (n=11)

O que é o MJ?	Total amostra	Experiênc.		Esc. Etário		Form. Sup.		Form. FPF	
		+5	-5	+30	-30	sim	não	sim	não
Ideia de Jogo	63.6%	100%	33.3%	75%	57.1%	66.7%	60%	62.5%	66.7%
Filosofia de Equipa	36.4%	0%	66.7%	25%	42.9%	33.3%	40%	37.5%	33.3%

Na resposta à pergunta “Qual é o seu MJ?”, os treinadores entrevistados referiram 4 categorias: “Baseado nos 5 momentos do jogo”; “Identificado com os objetivos do clube”; “Por base as características dos jogadores”; e “Que preconiza o desenvolvimento do atleta”. Podemos constatar na tabela 3, que todos os treinadores manifestaram que no seu MJ, a premissa referente aos 5 momentos do jogo, está sempre presente.

Relativamente à categoria “Por base as características dos jogadores”, 45.5% identificaram-na.

Tabela 3. Resultados referentes à questão “Qual é o seu MJ?” (n=11)

Qual é o seu MJ?	Total amostra	Experiênc.		Esc. Etário		Form. Sup.		Form. FPF	
		+5	-5	+30	-30	sim	não	sim	não
Baseado 5 momentos Jogo	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%
Identif. com objet. Clube	9.1%	20%	0%	14.3%	0%	16.7%	0%	12.5%	0%
Por base carat. Jogadores	45.5%	40%	50%	50%	42.9%	50%	40%	62.5%	0%
Preconiza desenvolv. Atleta	27.3%	20%	33.3%	50%	14.3%	33.3%	20%	37.5%	0%

De referir ainda que (62,5%) dos treinadores com formação da FPF baseia o seu MJ de acordo com as características dos jogadores e preconizam o desenvolvimento do atleta (37,5%) contrapondo com os que não tem formação da FPF que nada referem.

Relativamente à questão “Quais os objetivos que se pretendem alcançar com a criação do MJ, na sua equipa?” foram identificadas 3 categorias: “Criar interligação entre o treino e jogo”; “Rentabilizar desenvolvimento dos atletas”; e “Contribuir para o conhecimento do jogo”. Podemos constatar na tabela 4, que para esta questão, se destacam as seguintes categorias: “Rentabilizar desenvolvimento dos atletas” (54,5%) e “Contribuir para o conhecimento do jogo” (54,5%). E estas duas categorias apresentam valores também consideráveis respetivamente (37,5%) e (100%) para os treinadores com formação FPF e sem formação na categoria “Rentabilizar desenvolvimento dos atletas” e no “conhecimento do jogo” (75%) e (0%).

Tabela 4. Resultados referentes à questão “Quais os objetivos que se pretendem alcançar com a criação do MJ, na sua equipa?” (n=11)

Quais os objetivos?	Total amostra	Experiênc.		Esc. Etário		Form. Sup.		Form. FPF	
		+5	-5	+30	-30	sim	não	sim	não
Interlig. Treino/ Jogo	9.1%	20%	0%	25%	0%	16.7%	0%	12.5%	0%
Rentab. desenvolv. Atletas	54.5%	40%	66.7%	50%	57.1%	50%	60%	37.5%	100%
Contribuir conhec. Jogo	54.5%	40%	66.7%	75%	42.9%	50%	60%	75%	0%

Quanto à questão “Quem deve participar na formulação e conceção do MJ?” identificamos as seguintes categorias: “Coordenador do Clube”; “Equipa técnica”; “Direção do clube”; “Jogadores”; e “Pais”. Na categoria “Equipa técnica” todos eles a

referem como fundamental (100%). Nas restantes categorias é o “Coordenador do Clube” que apresenta um destaque considerável (63.6%). As categorias “Direção do clube” (27.3%) e “jogadores” (36.4%), apresentam alguma incidência também (tabela 5).

Tabela 5. Resultados referentes à questão “Quem deve participar na formulação e conceção do MJ?” (n=11)

Quem?	Total da amostra	Experiênc.		Esc. Etário		Form. Sup.		Form. FPF	
		+5	-5	+30	-30	sim	não	sim	não
Coordenador Clube	63.6%	80%	50%	50%	71.4%	66.7%	60%	62.5%	66.7%
Equipa Técnica	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%
Direção do Clube	27.3%	40%	16.7%	25%	28.6%	33.3%	20%	37,5%	0%
Jogadores	36.4%	40%	33.3%	25%	42.9%	50%	20%	25%	66.7%
Pais	9.1%	0%	16.7%	25%	0%	0%	20%	12,5%	0%

De referir ainda que os treinadores com formação FPF e sem formação referem respetivamente (37,5%) e (0%) que a direção deve participar na formulação e conceção do MJ.

Relativamente à questão “Ao Formular o MJ quais os aspetos a ter em conta?”, os entrevistados evidenciaram 6 categorias: “Os 5 momentos do Jogo”; “Desenvolvimento e Características dos Jogadores”; “Quadro Competitivo da Equipa”; “Infra-estruturas do Clube”; “Objetivos do Clube”; e “Calendário Desportivo”. Podemos observar na tabela 6, que todos (100%) os treinadores referem que o “Desenvolvimento e características dos jogadores” são fundamentais para a formulação de um MJ. Nas categorias “Os 5 momentos do Jogo”, o “Quadro Competitivo da Equipa” e “Infra-estruturas do Clube” a incidência é de 18.2%.

De referir ainda que na categoria “Quadro competitivo Equipa”, os treinadores com formação superior nada apontaram ao inverso 40% dos não tem formação superior evidenciaram esta categoria. Assim como na categoria “Os 5 momentos do Jogo”, 33,3% treinadores com formação superior manifestaram-na, ao contrário dos outros que nada disseram.

Tabela 6. Resultados referentes à questão “Ao Formular o MJ quais os aspetos a ter em conta?” (n=11)

Quais os Aspetos?	Total da amostra	Experiênc.		Esc. Etário		Form. Sup.		Form. FPF	
		+5	-5	+30	-30	sim	não	sim	não
Os 5 momento Jogo	18.2%	40%	0%	25%	14.3%	33.3%	0%	25%	0%
Desenv. Carat. Jogadores	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%
Quadro Competitivo Equipa	18.2%	20%	16.7%	25%	14.3%	0%	40%	12.5%	33.3%
Infra-estruturas do Clube	18.2%	20%	16.7%	25%	14.3%	16.7%	20%	12.5%	33.3%
Objetivos do Clube	9.1%	20%	0%	0%	14.3	16.7%	0%	12.5%	0%
Calendário Desportivo	9.1%	0%	16.7%	0%	14.3%	0%	20%	0%	33%

Ao analisar a tabela 7, constatamos que todos (100%) os treinadores concordam que o “Contexto do clube pode influenciar um MJ”. Na justificação a esta questão, as entrevistas evidenciaram (tendo em conta a sua dimensão; tendo em conta a sua filosofia; e tendo em conta as condições infraestruturais). Ainda na mesma tabela, podemos verificar que a categoria mais focada foi “Tendo em conta a sua Filosofia”, com 54.5%, e as restantes duas (Tendo em conta a sua dimensão e Tendo em conta as condições infraestruturais), obtiveram 45.5%. A categoria “Tendo em conta a sua dimensão” para os treinadores com formação FPF foi referida em 62,5% ao inverso dos outros que nada referem.

Tabela 7. Resultados referentes à questão “O Contexto do Clube pode influenciar um MJ? Como?” (n=11)

Pode Influenciar?	Total da amostra	Experiênc.		Esc. Etário		Form. Sup.		Form. FPF		
		+5	-5	+30	-30	sim	não	sim	não	
Sim	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	
Não	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	
Como?										
Tendo Conta Dimensão	45.5%	80%	16.7%	75%	28.6%	50%	40%	62.5%	0%	
Tendo Conta Filosofia	54.5%	40%	66.7%	25%	71.4%	50%	60%	50%	66.7%	
Condições Infra-estrut.	45.5%	60%	33.3%	75%	28.6%	50%	40%	50%	33.3%	

Quanto à questão “Quais os Fatores e Condicionamentos que podem influenciar um MJ?”, os entrevistados evidenciaram 5 categorias: “Qualidades e Características dos Jogadores”; “Quantidade de Jogadores Disponíveis”; “Características do Envolvimento”;

“Quadro Competitivo”; e “Características do Clube”. Como podemos observar na tabela 8, a categoria “Qualidades e Características dos Jogadores” é a que apresenta uma percentagem maior (90,5%). As restantes categorias apresentam valores muito semelhantes. A categoria “Características do Envolvimento” para os treinadores com formação FPF foi referida em 62,5% ao inverso dos outros que nada referem. Assim como na categoria “Quadro Competitivo” para os treinadores com formação FPF foi referida em 50% ao inverso dos outros que nada referem.

Tabela 8. Resultados referentes à questão “Quais os Fatores e Condicionamentos que podem influenciar um MJ?” (n=11)

Quais?	Total da Amostra	Experiênc.		Esc. Etário		Form. Sup.		Form. FPF	
		+5	-5	+30	-30	sim	não	sim	não
Qualid./Carat. Jogadores	90.9%	80%	100%	100%	85.7%	83.3%	100%	100%	66.7%
Quantid. Jogad. Disponív.	27.3%	40%	16.7%	50%	14.3%	33.3%	20%	25%	33.3%
Carateríst. Envolvimento	45.5%	60%	33.3%	25%	57.1%	50%	40%	62.5%	0%
Quadro Competitivo	36.4%	40%	33.3%	50%	28.6%	33.3%	40%	50%	0%
Características do Clube	36.4%	40%	33.3%	25%	42.9%	33.3%	40%	25%	66.7%

Seguidamente, analisando a tabela 9, verificamos que todos os treinadores foram unânimes em afirmar que o MJ pode ser reajustado, apresentando como possíveis soluções, 4 categorias: “Alteração do Sistema Tático”; “Alteração do Método de Jogo”; “Alteração da Forma de Treinar”; e “Alterando o posicionamento do Jogadores”. A categoria menos evidenciada foi a “Alteração do sistema tático” (9,1%). As restantes 3 categorias apresentam os mesmos valores de incidência (36.4%). A categoria “Alteração do Método de Jogo” para os treinadores com formação FPF foi referida em 50% ao inverso dos outros que nada referem. Assim como na categoria “Alterando o posicionamento do Jogadores” para os treinadores com formação FPF foi referida em 50% ao inverso dos outros que nada referem.

Tabela 9. Resultados referentes à questão “O MJ pode ser reajustado em Função da Prestação da Equipa, dos Resultados e da Evolução do Jogadores? De que forma?” (n=11)

MJ pode ser Reajustado?	Total da Amostra	Experiênc.		Esc. Etário		Form. Sup.		Form. FPF		
		+5	-5	+30	-30	sim	não	sim	não	
Sim	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	
Não	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	
Como?										
Alteração Sist. Tático	9.1%	20%	0%	25%	0%	0%	20%	12.5%	0%	
Alteração Método Jogo	36.4%	60%	16.7%	50%	28.6%	50%	20%	50%	0%	
Alteraç. Forma Treinar	36.4%	40%	33.3%	50%	28.6%	50%	20%	37.5%	33.3%	
Alter. Posic. Jogadores	36.4%	40%	33.3%	50%	28.6%	33.3%	40%	50%	0%	

Analisando a tabela 10, constatamos que nas respostas à questão “É da opinião que se deva alterar o MJ durante a época?”, a maior percentagem (63.6%) recai sobre o “sim”, enquanto o “não”, obteve 36.4%. Na justificação à resposta, surgiram 3 categorias: “Os Jogadores não se adaptam à ideia de Jogo”; “Necessidade de fazer reajustamentos”; e “Só em situações excepcionais”. Nas justificações, a categoria “Necessidade de fazer reajustamentos” destaca-se das demais, com 81.8%, enquanto 45.5% recai sobre “Só em situações excepcionais”. Com apenas 18.2% aparece a categoria “Os Jogadores não se adaptam à ideia de Jogo”.

Tabela 10. Resultados referentes à questão “É da opinião que se deva alterar o MJ durante a época? Porquê?” (n=11)

Deve alterar-se o MJ?	Total da Amostra	Experiênc.		Esc. Etário		Form. Sup.		Form. FPF		
		+5	-5	+30	-30	sim	não	sim	não	
Sim	63.6%	60%	66.7%	50%	71.4%	66.7%	60%	62.5%	66.7%	
Não	36.4%	40%	33.3%	50%	28.6%	33.3%	40%	37.5%	33.3%	
Porquê?										
ñ adapta. Ideia de Jogo	18.2%	20%	16.7%	25%	14.3%	16.7%	20%	25%	0%	
Necessid. reajustam.	81.8%	80%	83.3%	75%	85.7%	83.3%	80%	75%	100%	
Só em situaç. excec.	45.5%	40%	50%	50%	42.9%	50%	40%	50%	33.3%	

Observando a tabela 11, verificamos que 100% dos treinadores responderam afirmativamente (Sim) à questão “Considera importante ter mais que um sistema tático idealizado para o MJ?”. Na justificação à questão enumeraram 2 categorias: “Oferece

mais soluções” com 72.7% e “Permite responder as necessidades e reajustamentos da equipa” com 54.5%.

Tabela 11. Resultados referentes à questão “Considera importante ter mais que um sistema tático idealizado para o MJ? Porquê?” (n=11)

Considera Importante?	Total da Amostra	Experiênc.		Esc. Etário		Form. Sup.		Form. FPF		
		+5	-5	+30	-30	sim	não	sim	não	
Sim	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	
Não	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	
Porquê?										
Oferece mais Soluções	72.7%	100%	50%	75%	71.4%	66.7%	80%	75%	66.7%	
Respond. Neces./reajustam Eq.	54.5%	60%	50%	75%	42.9%	66.7%	40%	62,5%	33.3%	

Relativamente à questão “O MJ deve ser um elemento orientador do Treino e do Jogo da Equipa?”, todos (100%) os treinadores responderam afirmativamente (Sim). Podemos constatar na tabela 12, que na justificação à questão, evidenciaram 3 categorias: “Vai ao encontro da ideia de jogo” com 36.4%, “os exercícios devem estar de acordo com o MJ”, com a maior percentagem (81.8%), e “permite transfere entre treino e jogo”, com 18.2%. Na categoria “permite transfere entre treino e jogo” os treinadores mais experientes 40% afirmaram que a aplicam ao contrário dos outros que nada referem. Assim como na mesma categoria acontece o mesmo relativamente Formação Superior com 33,3% e na Formação FPF. Referir ainda que na categoria “Vai ao encontro da ideia de jogo” 66,7 dos treinadores com Formação Superior referem-na ao contrário dos outros que nada dizem.

Tabela 12. Resultados referentes à questão “O MJ deve ser um elemento orientador do Treino e do Jogo da Equipa? Porquê?” (n=11)

MJ deve ser elemento Orientador?	Total da Amostra	Experiênc.		Esc. Etário		Form. Sup.		Form. FPF		
		+5	-5	+30	-30	sim	não	sim	não	
Sim	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	
Não	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	
Porquê?										
Vai encontro Ideia Jogo	36.4%	60%	16.7%	25%	42.9%	66.7%	0%	37.5%	33.3%	
Exerc. de acordo com MJ	81.8%	60%	100%	100%	71.4%	66.7%	100%	87.5%	66.7%	
Transfer Treino/Jogo	18.2%	40%	0%	0%	28.6%	33.3%	0%	25%	0%	

Analisando as respostas à questão “Os Exercícios de Treino devem ser Padronizados de acordo o MJ?”, observamos que 90.9% dos treinadores responderam negativamente (Não) e que apenas 9.1% responderam que sim. Relativamente à justificação da pergunta, como podemos analisar na tabela 13, os treinadores evidenciaram 5 categorias: “Maior Rentabilização do Treino”; “Os Exercícios devem ser diversificados mas com estrutura comum”; “Os exercícios devem ter um cunho pessoal do Treinador”; “Os exercícios devem responder a diferentes o objetivos”; e “Os Exercícios devem ser adaptados ao contexto e idade”. A que tem a percentagem maior 54.5% é “Os Exercícios devem ser adaptados ao contexto e idade”. Na categoria “Os Exercícios devem ser diversificados mas com estrutura comum” os treinadores com Formação FPF 33,7% referem-na ao contrario dos outros que nada dizem. Assim como na categoria “Os exercícios devem ter um cunho pessoal do Treinador” 40% dos treinadores mais experientes referem-na ao contrario dos outros que nada dizem. Igualmente com 33,3% dos treinadores com Formação superior referem o mesmo para esta categoria. O mesmo se passa na categoria “Os exercícios devem responder a diferentes o objetivos” 50% do treinadores com Formação Superior referem-na ao contrario dos outros que nada referem.

Tabela 13. Resultados referentes à questão “Os Exercícios de Treino devem ser Padronizados de acordo o MJ? Porquê?” (n=11)

Exercícios Padronizados de acordo com o MJ?	Total da Amostra	Experiênc.		Esc. Etário		Form. Sup.		Form. FPF		
		+5	-5	+30	-30	sim	não	sim	não	
Sim	9.1%	0%	16.7%	25%	0%	0%	20%	12.5%	0%	
Não	90.9%	100%	83.3%	75%	100%	100%	80%	87.5%	100%	
Porquê?										
Maior Rentab. Treino	9.1%	0%	16.7%	25%	0%	0%	20%	12.5%	0%	
Exerc. Diversif. mas estrutura comum	27.3%	60%	0%	25%	28.6%	33.3%	20%	37.5%	0%	
Exerc. c/ cunho pessoal Treinador	18.2%	40%	0%	25%	14.3%	33,3%	0%	25%	0%	
Exercícios responder diferentes objetivos	27.3%	20%	33.3%	25%	28.6%	50%	0%	25%	33.3%	
Exercícios adaptados ao contexto e idade	54.5%	40%	66.7%	75%	42.9%	66.7%	40%	62,5%	33.3%	

Na tabela 14, podemos constatar que 81,8% dos treinadores responderam afirmativamente (sim), à questão “as características dos jogadores são importantes para a posição que ocupam no MJ”. Como justificação à resposta, a maior incidência de resposta dos treinadores (45.5%) recai sobre a categoria “permite tirar maior rentabilidade do jogador”. Para a categoria “os jogadores respondem melhor às exigências do MJ” encontramos 36.4% e “só na fase de especialização”, uma percentagem de 9,1%. Na categoria “só na fase de especialização” os treinadores com Formação

Superior e Formação FPF 33,3% e 25% respetivamente referem-na ao contrário dos outros que nada dizem.

Tabela 14. Resultados referentes à questão “As características dos Jogadores são importantes para a posição que ocupam no MJ? Porquê?” (n=11)

As características dos jogadores são importantes ?	Total da Amostra	Experiênc.		Esc. Etário		Form. Sup.		Form. FPF		
		+5	-5	+30	-30	sim	não	sim	não	
Sim	81.8%	80%	83.3%	75%	85.7%	66.7%	100%	75%	100%	
Não	18.2%	20%	16.7%	25%	14.3%	33.3%	0%	25%	0%	
Porquê?										
Só na fase especialização	9.1%	20%	0%	25%	0%	16.7%	0%	12.5%	0%	
Perm. maior rentab. jogador	45.5%	60%	33.3%	25%	57.1%	50%	40%	50%	33.3%	
Jogad. Respon. exigências MJ	36.4%	20%	50%	25%	42.9%	33.3%	40%	25%	66.7%	
Fases Prévias Especialização	18.2%	20%	16.7%	25%	14.3%	33.3%	0%	25%	0%	

Na análise à última questão “Quem deve ter conhecimento do MJ adotado?”, os entrevistados enumeraram 4 categorias: Equipa técnica (100%); Jogadores (90.9%); Coordenador do clube (54.5%); e Presidente (27.9%). Na justificação da pergunta, 63.6% responderam que era “para haver sintonia” e 27.3%, era “para perceber o que se está a fazer”. Na categoria “Presidente” 42,9% dos treinadores com menos idade referiram-na ao contrário dos outros que nada dizem. Assim como na categoria “para perceber o que se está a fazer” 37,5% dos treinadores FPF referem-na ao contrário dos outros que nada dizem.

Tabela 15. Resultados referentes à questão “Quem deve ter conhecimento do MJ adotado? Porquê?” (n=11)

Quem?	Total da Amostra	Experiênc.		Esc. Etário		Form. Sup.		Form. FPF		
		+5	-5	+30	-30	sim	não	sim	não	
Coordenador do Clube	54.5%	80%	33.3%	25%	71.4%	50%	60%	50%	66.7%	
Equipa Técnica	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	
Presidente	27.3%	20%	33.3%	0%	42.9%	16.7%	40%	12.5%	66.7%	
Jogadores	90.9%	100%	83.3%	75%	100%	100%	80%	87.5%	100%	
Porquê?										
Para haver sintonia	63.6%	80%	50%	50%	71.4%	83.3%	40%	75%	33.3%	
Para perceber o que se está a fazer	27.3%	40%	16.7%	50%	14.3%	33.3%	20%	37.5%	0%	

Capítulo VI

Discussão dos resultados

6. Discussão dos resultados

O principal objetivo deste estudo foi tentar perceber como é que os treinadores de futebol, das equipas jovens de um clube de formação, concetualizam e operacionalizam o seu modelo de jogo e se a idade dos treinadores, os anos de experiência como treinador, a sua formação académica e formação FPF, influencia essa operacionalização e concetualização. Nesse sentido, procurou-se saber qual o conceito de MJ dos treinadores; que objetivos se pretendem alcançar quando se cria um MJ para a equipa; quem deve participar na formulação e conceção do MJ, quais os aspetos a ter em conta na formulação do modelo; se na opinião deles o contexto do clube pode influenciar o MJ, Procuramos ainda saber quais os fatores e condicionalismos, que podem influenciar o MJ adotado; saber se o modelo é reajustado em função da prestação da equipa, do resultado, da equipa de arbitragem, ou do desenrolar do jogo; se os treinadores vão reajustando no seu MJ ao longo do tempo; qual a opinião deles sobre quem deve ter um conhecimento claro sobre o MJ adotado, se esse mesmo modelo deve ser ou não um elemento orientador do processo de treino e de jogo da equipa e se os exercícios a propor devem ser padronizados para todas as equipas de acordo com o MJ. O futebol é um desporto coletivo, no qual os intervenientes se encontram agrupados em duas equipas numa relação de rivalidade desportiva, onde, respeitando as leis de jogo, os jogadores procuram lutar pela conquista da posse da bola, com o objetivo de a introduzir o maior número de vezes na baliza adversária e evitar que o mesmo suceda na sua própria baliza, tendo em vista a obtenção da vitória (Castelo, 1994). Os resultados obtidos parecem ir ao encontro da bibliografia consultada. Assim vamos discutir cada uma das questões que foram objeto de estudo.

No que respeita à pergunta 1 “O que é para si um MJ” as categorias mais evidenciadas foram “ideia de jogo” e “uma filosofia de equipa” o que vai ao encontro do que nos diz Bento (2004), de que na formação de jovens jogadores, é importante o ensino dos elementos técnico e táticos do jogo, mas também de extrema importância aprender, através do futebol, a ler e a entender o mundo e a exercer a cidadania. Também, de acordo com Frade (2006), o mais importante numa equipa é ter um determinado modelo, determinados princípios, conhecê-los bem, interpretá-los bem, independentemente do facto de ser utilizado este ou aquele jogador. Hoje em dia, muito se ouve falar em ideia de jogo ou conceção de jogo de um treinador.

Segundo Garganta (1997), é possível, observando equipas e jogadores ao longo de vários jogos, encontrar padrões de organização, que permitem tirar conclusões sobre o comportamento de jogo de jogadores e equipas. Esse comportamento tem relação com as características do jogo construído pela equipa, especialmente com o seu sistema organizacional. Para esse autor, o comportamento a que se refere, e suas relações, caracterizam o chamado MJ.

De uma forma mais explícita, concordamos então com Oliveira (2003), quando este refere que o MJ deve constituir-se como o núcleo central de ideias que o treinador

pretende que sejam adotadas, pela sua equipa. Assim, o MJ deve ter como base os princípios de jogo, relacionados com os comportamentos táticos defensivos, ofensivos e de transição defensiva e ofensiva, que o treinador pretende que sejam realizados pelos seus jogadores, bem como todo um conjunto de atitudes, comportamentos e valores.

Na pergunta 2 “Qual é o seu MJ” a categoria mais evidenciada foi os “5 momentos de jogo”. Um mesmo modelo de jogo aplicado a diferentes realidades provocará diferentes resultados. Assim, mesmo quando um dado modelo de jogo apresentou no passado, excelentes resultados desportivos, isso não significa que este será sempre o melhor, nem tão pouco o único, quando dialogamos com uma outra realidade (Castelo, 2014). No futebol atual existem cinco momentos principais do jogo (organização defensiva, transição defesa/ataque, organização ofensiva e transição ataque/defesa) e os esquemas táticos (Magalhães & Nascimento, 2010), mas Valdano (2001) considera que o jogo não tem apenas duas fases, mas sim quatro momentos: o momento da organização ofensiva, o momento, o momento de transição ataque/defesa, o momento de organização defensiva e o momento de transição defesa/ataque. Não mencionando os esquemas táticos. Na nossa opinião e de acordo com a revisão da literatura no futebol atual existem 5 momentos do jogo, como diz Jorge Jesus citado por Castro (2013) e Santos (2006), refere que no seu MJ existem 5 momentos de jogo, organização ofensiva/defensiva, os momentos de transição defesa/ataque e as bolas paradas. De referir ainda os treinadores com formação da FPF baseia o seu MJ de acordo com as características dos jogadores e preconizam o desenvolvimento do atleta contrapondo com os que não tem formação da FPF que nada referem. Achamos que a formação FPF pode influenciar o MJ.

Na pergunta 3 “Quais os objetivos que se pretendem alcançar com a criação do MJ, na sua equipa” as categorias mais evidenciadas foram “Rentabilizar desenvolvimento dos Atletas” e “Contribuir para o conhecimento do Jogo” e como diz Quinta, (2013) a primeira preocupação do treinador deverá ser a de estabelecer o tipo de jogo que quer ver a sua equipa praticar, analisar a qualidade dos seus jogadores para perceber se será exequível a sua ideia com o nível dos seus praticantes e a partir daí escolher os melhores exercícios. Estamos em total consonância com o referido autor e os treinadores deste clube de formação revelam uma grande preocupação no desenvolvimento dos seus atletas. Estas duas categorias apresentam valores díspares respetivamente para os treinadores com formação FPF, o nos leva a pensar que os primeiros têm mais preocupação com estas categorias.

Na pergunta 4 “Quem deve participar na formulação e conceção do MJ” a categoria mais evidenciada foi “Equipa técnica”. Todos os entrevistados responderam a esta categoria como a mais importante e como diz Miranda (2014), o treinador, na fase inicial do trabalho, deve definir MJ da equipa junto com sua equipa técnica, levando em conta sua ideia de jogo, a característica dos jogadores, os princípios de jogo, a organização funcional e a estrutura do clube. O MJ deve ter objetivos bem definidos e bem claros. De referir ainda que os treinadores com formação FPF contrapondo com os sem formação referem que a direção deve participar na formulação e conceção do MJ. O que novamente achamos que a Formação FPF leva a um conhecimento maior sobre o MJ.

Na pergunta 5 “Ao Formular o MJ quais os aspetos a ter em conta” a categoria mais evidenciada foi “Desenvolvimento e Características dos Jogadores” Segundo Garganta (2017) formar jogadores implica muito mais que a obsessão por um MJ único, mas sim um cuidado programa de desenvolvimento das competências para jogar, e, em paralelo, se fomenta o desenvolvimento pessoal dos praticantes. Deve haver uma clara sintonia entre o clube, a equipa e o projeto de formação. Segundo Neto, (2014) os jogadores devem ser rápidos, fortes, e influentes capazes de vencer a resistência na presença da fadiga. O futebol é uma modalidade que exige aos jogadores várias capacidades das quais se destacam uma apurada competência técnica, uma boa compreensão tática do jogo, uma atitude mental centrada no rendimento e, para além disso, uma excelente aptidão física (Soares, 2005). De referir ainda que na categoria “Quadro competitivo Equipa”, os treinadores com formação superior nada apontaram ao inverso dos não tem formação superior evidenciaram esta categoria. Assim como na categoria “Os 5 momentos do Jogo”, os treinadores com formação superior evidenciaram esta categoria. O que nos leva a pensar que os treinadores com formação superior e FPF estão mais preocupados com os aspetos formativos do atleta e não tanto com a competição.

Na pergunta 6 “O Contexto do Clube pode influenciar um MJ” os entrevistados responderam todos que sim. Segundo Tamarit (2013) é importante nunca esquecermos que do MJ fazem parte também a cultura do país ou região em que o clube está inserido, a cultura/história do próprio clube, a estrutura organizativa do mesmo, os objetivos definidos pelo clube, as ideias de jogo do treinador, as estruturas ou sistemas táticos preferencialmente trabalhados e as características e nível dos jogadores que o clube dispõe. Assim, o MJ não se resume apenas a um conjunto de comportamentos e ideias que o treinador tem para transmitir aos seus jogadores, ou seja, na sua “conceção de jogo”, também tem de estar relacionado com os jogadores que têm pela frente e com a cultura do clube que representa (Silva, 2008). A categoria “Tendo em conta a sua dimensão” para os treinadores com formação FPF foi referida ao inverso dos outros que nada referem, o que nos leva a pensar que a formação FPF leva a refletir sobre essa categoria.

Na pergunta 7 “Quais os Fatores e Condicionamentos que podem influenciar um MJ”, a categoria mais evidenciada é “Qualidades e Características dos Jogadores”. As categorias “Características do Envolvimento”, “Quadro Competitivo” e “Características do Clube” também são referidas e com valores consideráveis. Estas ideias vão ao encontro do defendido por Castelo (2009) que diz que o MJ deve ter um carácter evolutivo, adaptativo que tem em conta as características dos jogadores e congruente pela relação entre MJ e modelo de treino. O MJ no futebol infantojuvenil deve ser ajustado de acordo com as competições, refere Marques e Oliveira (2002) e que devemos ter em conta um conjunto de características tais como: 1. Contribuir para o desenvolvimento da multilateralidade, através da participação em formas competitivas múltiplas, combinadas e de outros desportos. 2. O conteúdo deve ser diversificado e orientado para a modalidade escolhida. 3. Deve valorizar a aprendizagem da atividade e dos fatores que mais a influenciam. 4. Estimular o desenvolvimento de pressupostos de prestação que serão

implantados no futuro. 5. Planear a competição com ênfase em pressupostos coordenativos e tático-técnicos. 6. As competições devem estimular a realização de ações desportivas através de adaptações regulamentares, desenvolvendo o funcionamento estrutural do sistema nervoso central e neuromuscular. A categoria “Características do Envolvimento” para os treinadores com formação FPF foi referida e ao inverso dos outros que nada referem. Assim como na categoria “Quadro Competitivo” para os treinadores com formação FPF foi referida ao inverso dos outros que nada referem. O que nos leva a achar que os treinadores FPF preocupam-se mais com determinados aspetos relativamente aos outros.

Na pergunta 8 “O MJ pode ser reajustado em Função da Prestação da Equipa, dos Resultados e da Evolução do Jogadores” as categorias mais evidenciadas foram “Alteração do Método de Jogo”, “Alteração da Forma de Treinar “ e “Alterando o posicionamento do Jogadores “, Frade (2006) refere que o MJ nunca está acabado porque o processo, à medida que vai acontecendo, vai dar sempre indicadores a quem o interpreta e dirige, para que se deem ajustes no sentido de uma melhor qualidade de jogo. De acordo com Oliveira et al. (2006), referindo-se a José Mourinho, existem lógicas processuais como a progressão, distribuição dos conteúdos, o treino a intensidade, o volume e a sustentação da metodologia. É precisamente na sustentação da metodologia é que iremos criar uma forma de jogar, inventar e operacionalizar um MJ e que o todo deve ser superior à soma das partes. Ter um MJ definido é o mais importante para uma equipa de futebol, e tal modelo é um conjunto de princípios que dão organização à sua equipa. A categoria “Alteração do Método de Jogo” para os treinadores com formação FPF foi referida ao inverso dos outros que nada referem. Assim como na categoria “Alterando o posicionamento do Jogadores” para os treinadores com formação FPF ao inverso dos outros que nada referem. Mais uma vez nos leva a pensar que os treinadores com formação FPF estão mais atentos a situações tática do jogo.

Na pergunta 9 “É da opinião que se deva alterar o MJ durante a época” a maioria dos entrevistados disse que sim. Pacheco (2001) defende que na formação o importante é aprender e que existe tempo para se ganhar finais, trofeus e é fundamental que todos os treinadores da formação procurem qualidade de jogo, de forma a desenvolver as capacidades motoras e intelectuais das crianças. Por estas razões achamos também que se dever alterar o MJ durante a época pensando sempre na evolução do atleta.

Na pergunta 10 “Considera importante ter mais que um sistema tático idealizado para o MJ” todos entrevistados responderam todos que sim. Bettega et al. (2015) referem que o MJ não pode ser rígido, e sim variável e condizente a uma zona de desenvolvimento proximal dos atletas, já que o cumprimento dos padrões comportamentais (princípios de jogo) poderão se diferenciar durante os anos de formação e também deve ser entendido como um sistema dinâmico que apresenta constante variabilidade para desenvolver criatividade dentro do mesmo e permitir aos potenciais talentos evoluírem para níveis de complexidade mais elevados, sem perda de identidade. O treinador terá de possuir um conjunto de atributos multidisciplinares, onde devem estar os conhecimentos inerentes à tática e à técnica e à preparação

condicional na modalidade desportiva em que se especialize (Araújo, 1994), para além disso, deve dominar aspetos pedagógicos e metodológicos relacionados com o ensino e a necessidade expressa de ser um especialista no desenvolvimento do interesse e a motivação dos que consigo aprendem e treinam. O autor acrescenta que a função do treinador implica também a tomada de decisões, de acordo com certos indicadores e mediante determinados critérios e domínios que obedecem a uma certa organização, onde salienta o treino, a liderança, o estilo e formas de comunicação, não descurando as opções táticas e estratégicas decorrentes da observação e análise do jogo, da gestão das pressões contidas na competição, do controlo da capacidade de concentração e emoções, daí a importância da sua formação pessoal e profissional, competências, papel e relação com os atletas (Pacheco, 2005). Pensamos que esta é corretíssima pois trabalha-se com jovens e a variabilidade de processos torna o MJ mais rico e respetiva formação do jogador.

Na pergunta 11 “O MJ deve ser um elemento orientador do Treino e do Jogo da Equipa” todos entrevistados responderam todos que sim. No Futebol é frequente dizer-se que conforme se quer jogar, assim se deve treinar, o que sugere uma relação de interdependência e reciprocidade entre a preparação e a competição. Tal relação é consubstanciada por um dos princípios do treino, o princípio da especificidade, que preconiza que sejam treinados os aspetos que se prendem diretamente como o jogo (estrutura de movimento estrutura da carga, natureza das tarefas, etc.) no sentido de viabilizar a maior transferência possível das aquisições operadas no treino para o contexto específico do jogo (Garganta, 1997). O MJ assume-se como o aspeto central que baliza o processo de treino, refere Almeida, (2014). Na mesma pergunta, na categoria “permite transferir entre treino e jogo” os treinadores mais experientes afirmaram que a aplicam ao contrário dos outros que nada referem. Assim, como na mesma categoria acontece o mesmo, relativamente à Formação Superior e Formação FPF. Referir ainda que na categoria “Vai ao encontro da ideia de jogo” os treinadores com Formação Superior referem-na ao contrário dos outros que nada dizem. Parecem-nos que os treinadores mais experientes e com formação superior e FPF estão mais preparados para organizar o treino e o próprio jogo.

Na pergunta 12 “Os Exercícios de Treino devem ser Padronizados de acordo o MJ”, a maioria dos entrevistados respondeu que não. Garganta et al (2013) referem que o treinador deve projetar a sua atuação muito para além do perder e ganhar quando trabalha com os escalões de formação, uma vez que as diferentes etapas do desenvolvimento dos seus atletas têm exigências muito diferentes umas das outras. Sobre as diferentes fases de desenvolvimento em que se encontram as crianças. Castelo (2014) refere também que os exercícios são instrumento fundamental do processo de preparação de um jogador ou de uma equipa. Quando corretamente selecionado, reflete efeitos positivos, manifestando-se através de uma melhor adaptação e sustentabilidade a curto e longo prazo, uma maior eficácia decisional e comportamental dos praticantes. Por outro lado, quando desajustado ou desenquadrado com as capacidades dos praticantes ou da lógica da modalidade, refletem efeitos negativos. Gonçalves (1987) refere ainda que o treinador deve integrar no seu trabalho a organização do treino, ser

cuidadoso na forma como apresenta as atividades, maximiza o tempo de empenhamento motor dos atletas, recorre à observação para intervir de forma eficaz, reage à prestação motora dos atletas, e deve preocupar-se com a criação de um clima positivo. O que nos parece correto pois trata-se de escalões de formação e cada idade tem o seu tipo de exercício. Na mesma pergunta, na categoria “Os Exercícios devem ser diversificados mas com estrutura comum” os treinadores com Formação FPF referem-na ao contrário dos outros que nada dizem. Assim como na categoria “Os exercícios devem ter um cunho pessoal do Treinador” os treinadores mais experientes e os com Formação superior referem-na ao contrário dos outros que nada dizem. O mesmo se passa na categoria “Os exercícios devem responder a diferentes objetivos” os treinadores com Formação Superior referem-na ao contrário dos outros que nada referem. O que vai ao encontro da bibliografia consultada.

Na pergunta 13 “As características dos Jogadores são importantes para a posição que ocupam no MJ” todos entrevistados responderam que sim. Segundo Garganta (2017) formar jogadores implica muito mais que a obsessão por um MJ único, mas sim um cuidado programa de desenvolvimento das competências para jogar, e, em paralelo, se fomenta o desenvolvimento pessoal dos praticantes. Deve haver uma clara sintonia entre o clube, a equipa e o projeto de formação. Na mesma pergunta, na categoria “só na fase de especialização” os treinadores com Formação Superior e Formação FPF referem-na ao contrário dos outros que nada dizem. O que nos indica na nossa opinião que os treinadores com formação superior e FPF estão mais atentos a estes aspetos.

Na pergunta 14 “Quem deve ter conhecimento do MJ adotado” todos os entrevistados responderam a categoria “Equipa Técnica”. Para Quinta (2017), numa equipa, todos ganham e todos perdem. O treinador tem de ser capaz de dar ênfase ao que considera importante em cada exercício para que a ideia de jogo vá sendo interiorizada pelos jogadores e assim construir a sua forma de jogar. Na justificação à pergunta na categoria “para perceber o que se está a fazer” os treinadores com formação FPF referem-na ao contrário dos outros que nada dizem.

Capítulo VII

Conclusões

7. Conclusões

Com este trabalho concluímos que os treinadores inquiridos referem que a “Ideia de Jogo” é prioritária para a conceção e criação do seu MJ e que “os cinco momentos do jogo”, “o desenvolvimento dos atletas” e “ter conhecimento do jogo”, são fundamentais para a conceção do mesmo. Concluimos ainda que quem deve participar na formulação e conceção do MJ é a equipa técnica e que o contexto do clube pode influenciar o MJ. As qualidades e características dos jogadores, a alteração do método de Jogo, a alteração da forma de treinar e alterando o posicionamento dos jogadores são condicionalismos que podem influenciar o MJ e que os treinadores fazem reajustamentos no seu MJ ao longo do tempo. Podemos ainda concluir, no nosso estudo que as pessoas que devem ter um conhecimento claro sobre o MJ adotado são a Equipa Técnica, que MJ deve ser um elemento orientador do processo de treino e de jogo da equipa, que os exercícios não devem ser padronizados e que as características dos Jogadores são importantes para a posição que ocupam no MJ.

Relativamente à idade, experiência, formação superior e formação FPF consideramos que estas variáveis podem influenciar o MJ. De referir ainda, que os treinadores com formação da FPF baseiam o seu MJ, de acordo com as características dos jogadores e preconizam o desenvolvimento do atleta, contrapondo com os sem formação referem que a direção deve participar na formulação e conceção do MJ. Na análise à categoria “quadro competitivo da equipa”, leva-nos a pensar que os treinadores com formação superior e da FPF estão mais preocupados com os aspetos formativos do atleta e não tanto com a competição. A categoria “tendo em conta a sua dimensão”, leva-nos a pensar que a formação da FPF leva a refletir sobre essa categoria. Nas categorias “Características do Envolvimento” e “Quadro Competitivo” os treinadores com formação da FPF não dão muita importância a estas categorias. A categoria “alteração do método de jogo” e “alterando o posicionamento dos jogadores” leva-nos mais uma vez a pensar que os treinadores com formação da FPF estão mais atentos a situações táticas do jogo. Na categoria “permite transere entre treino e jogo” os treinadores mais experientes afirmam que a aplicam ao contrário dos outros que nada referem. Assim como na mesma categoria acontece o mesmo relativamente à Formação Superior e Formação FPF.

Referir ainda que, na categoria “vai ao encontro da ideia de jogo”, constatamos que os treinadores mais experientes e com formação superior e da FPF estão mais preparados para organizar o treino e o próprio jogo. Na categoria “os exercícios devem ser diversificados mas com estrutura comum”, os treinadores com formação da FPF evidenciam-na, ao contrário dos restantes, que nada dizem e, na categoria “os exercícios devem ter um cunho pessoal do treinador”, os treinadores mais experientes e com formação superior referem-na, ao contrário dos mais novos. Na categoria “os exercícios devem responder a diferentes objetivos”, os treinadores com formação superior evidenciam-na, ao contrário dos outros, que nada referem. Na categoria “só na fase de

especialização”, os treinadores com formação superior e formação da FPF referem-na, ao contrário dos restantes, o que nos indica, na nossa opinião, que os treinadores com formação superior e da FPF estão mais atentos a estes aspetos. As categorias “presidente” e “ para perceber o que se está a fazer”, os treinadores com formação da FPF evidenciam-na, contrariamente aos restantes.

7.1.Considerações Finais

Este estudo objetivou perceber como é que os treinadores de futebol das equipas/escalões de formação de um clube de futebol, concetualizam e operacionalizam o seu modelo de jogo. Desta forma, podemos constatar, que os treinadores entrevistados, no que concerne às várias questões de investigação afirmaram o seguinte:

1- “O que é para os treinadores um Modelo de Jogo?” Os treinadores referem, maioritariamente, que é uma ideia de jogo.

2- “Como é que os treinadores concetualizam o MJ e quais os objetivos se pretendem alcançar quando definem o MJ para a sua equipa?” Todos os treinadores entrevistados referem, que concetualizam o seu MJ baseado nos cinco momentos do jogo. Referem as categorias “desenvolvimento dos atletas” e “ter conhecimento do jogo”, como decisivas para alcançar os seus objetivos.

3- “Quem deve participar na formulação e conceção do MJ e quais os aspetos a ter em conta na formulação desse modelo?” A categoria mais evidenciada foi “Equipa técnica” todos os entrevistados responderam esta categoria como a mais importante.

4- “O contexto do clube pode influenciar o MJ? Como?” Os entrevistados responderam todos que sim valorizando de forma equivalente, as categorias “Tendo Conta a Dimensão”, “Tendo em Conta a Filosofia” e “Condições Infraestruturais”

5- “Que fatores e condicionalismos podem influenciar o MJ adotado? O modelo deve ser reajustado em função da prestação da equipa, do resultado, da equipa de arbitragem e do desenrolar do jogo?” A maioria dos entrevistados respondeu que é “Qualidades e Características dos Jogadores”. E o MJ deve ser reajustado de acordo com as categorias “Alteração do Método de Jogo”; “Alteração da Forma de Treinar “ e “Alterando o posicionamento do Jogadores “.

6- “Os treinadores fazem reajustamentos no seu MJ ao longo do tempo?” A maioria dos entrevistados disse que sim.

7- “Quem são as pessoas que devem ter um conhecimento claro sobre o MJ adotado?” Todos os entrevistados responderam a categoria “Equipa Técnica”.

8- “O MJ deve ser um elemento orientador do processo de treino e de jogo da equipa?” Todos os entrevistados responderam todos que sim.

9- “Os exercícios devem ser padronizados para as equipas de acordo com o MJ?” A maioria dos entrevistados respondeu que não.

10- “As características dos Jogadores são importantes para a posição que ocupam no MJ?” Todos entrevistados responderam que sim.

7.2. Perspetivas de Investigação: limitações e sugestões

Neste capítulo pretende-se, não só apresentar algumas limitações subjacentes à realização deste trabalho de investigação, mas também propor algumas sugestões de investigação.

A primeira limitação prende-se com o instrumento de recolha de dados, em que utilizámos a entrevista semi-estruturada, onde o entrevistado expõe abertamente as suas considerações e opiniões, depois de confrontado com um conjunto de questões elaboradas e transmitidas pelo entrevistador. Para além disso, este instrumento de análise, permite que os entrevistados se expressem oralmente, o que possibilita a recolha de um elevado número de dados diversificados. Contudo, podemos admitir que, um instrumento desta natureza, possa fazer emergir ligeiros desvios entre as diferentes questões colocadas aos distintos treinadores. No entanto, mantivemo-nos seguros do trabalho desenvolvido, tentando formular todas as questões, da mesma forma, a todos os treinadores entrevistados, bem como manter a ordem das mesmas, de acordo com o exposto no guião da entrevista. Consideramos também, que se procure aplicar este instrumento (com eventuais adaptações) a uma amostra maior e a vários contextos desportivos e, eventualmente, a outras modalidades desportivas (JDC). Sugerimos, por conseguinte, ao leitor e a futuros investigadores que considerem estas limitações.

É fundamental que cada treinador tenha o seu MJ, mas não podemos deixar de referir que o mesmo se consubstancia num modelo de jogador e se alicerça e desenvolve -se, através de um modelo de treino e, conseqüentemente, num modelo de exercício. Assim sendo, consideramos ser pertinente a realização de novos estudos sobre estas temáticas, onde se sugere:

- 1- Comparar os dados obtidos, relatados e analisados nesta investigação com a realidade dos treinadores de formação. Neste âmbito, importa averiguar, se o que os treinadores afirmam, é condizente e coincidente com aquilo que operacionalizam;
- 2- Verificar quais as características mais importantes num modelo de jogador;
- 3- Verificar qual o modelo de treino que mais se adequa ao respetivo MJ;
- 4- Verificar qual o modelo de exercício que mais se adequa ao respetivo MJ.
- 5- Verificar qual o modelo de formação que mais se adequa a determinado clube.

Apenas deixamos estes indicadores e sugestões de investigação, com o intuito de contribuir para o desenvolvimento do futebol de formação. Foi também essa, a razão principal do nosso estudo.

Capítulo VIII

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

8. Referências Bibliográficas

A

- Adelino, J., Vieira, J. & Coelho, O. (2001). *O Desporto Juvenil...em perguntas e respostas*. 4.^a edição. Lisboa: Instituto Nacional de Formação e Estudos do Desporto.
- Aguiar, L. & Prochnik, L. (2010). Quanto vale uma partida de futebol? A relação entre televisão e futebol no cenário mediático contemporâneo, *Comunicação e Esporte*,17,2.
- Araújo, J. (1994). *Ser Treinador*. Editorial Caminho.
- Araújo, D. (2005). *Abordagem ecológica da dinâmica da tomada de decisão no desporto: Estudos na vela e no basquetebol*. Tese de doutoramento não publicada. Lisboa: FMH-UTL.
- Araújo, D. (2006). *Tomada de Decisão no Desporto*. (1^a ed.) Lisboa: FMH Edições.
- Araújo, J. (2008). *Gerir é treinar, a alta competição no desporto e nos negócios*. Booknomics.
- Almeida, N. (2011). *De Aprendiz a Maestro: um caminho... para a excelência*. Dissertação apresentada com vista à obtenção do Mestrado em Treino de Alto Rendimento. Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.
- Almeida, R (2014). *Da conceptualização dos métodos de treino à operacionalização prática no quadro do modelo de jogo adotado*. Dissertação de mestrado na especialidade de Treino de Alto Rendimento. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Faculdade de Educação Física e Desporto. Lisboa.
- Azevedo, J. (2011). *Por dentro da Tática*. Prime Books.

B

- Barbanti, V. (2005). *Formação de Esportistas*. Editora Manole. São Paulo.
- Bayer, C. (1994). *O ensino dos desportos coletivos*. Paris: Vigot.
- Bento, J. (2004). *Desporto: Discurso e substância*. In Porto: campo das letras.
- Bettega, O., Scaglia, A., Morato, M. & Galatt, L., (2015) Formação de jogadores de futebol: principios e pressupostos paracomposição de uma proposta pedagógica. *Movimento* [en linea, 21 (Julio-Septiembre)
- Billick, B., & Peterson, J. (2001). *Competitive Leadership – Twelve Principles for Success*. Chicago: Triumph Books.
- Bogdan, R., & Biklen, S. (2007). *Qualitative research for education: An introduction to theory and methods* (5^a ed.). Boston: Pearson Allyn & Bacon.
- Brito, A. (2001). *Psicologia do Desporto*. (2^aed.). Lisboa: Omniserviços.
- Burzlaff, M. (2014). *A Construção do Modelo de Jogo: aliando as virtudes de um futebol atrativo e a decorrente obrigação de vencer*. Monografia final de curso. Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

C

- Casarin, R., & Esteves, L. (2010). Para ganhar no futebol precisa-se treinar, mas o que treinar? *Lecturas, Educación y Deportes, Revista Digital, Buenos Aires*, 14, (142): 25
- Castelo, J. (1994). *Futebol - Modelo técnico-tático do jogo*. Lisboa: Edições Autor.
- Castelo, J. (1996). *Futebol - A Organização do jogo*. Ed. Autor.
- Castelo, J., Barreto, H., Alves, F., Mil-Homens, P., Carvalho, J., & Vieira, J. (1996). *Metodologia do Treino Desportivo*. Lisboa: FMH-UTL;
- Castelo, J. (2002). O exercício de treino. O acto médico versus o acto do treinador de Futebol. *Ludens*, 3 (17), 35-54.
- Castelo, J. (2003). *Futebol - Guia Prático de Exercícios de Treino*. Lisboa: Visão e Contextos.
- Castelo, J. (2004). *Futebol. Organização Dinâmica do jogo*. Lisboa: FMH
- Castelo, J. (2008). *Modelo de jogo. Apontamentos do VI Mestrado em Treino de Alto Rendimento não publicados*. Lisboa: FMH-UTL.
- Castelo, J. (2010). Condicionantes estruturais dos métodos específicos de treino,
Manuscrito não publicado, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia,
Lisboa.
- Castelo, J. (2009). *Futebol. Organização. Dinâmica do Jogo*. Centro de Estudos de Futebol da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. 3ª Edição.
- Caires R. (2016). Modelo de Intervenção – GIZ. *Treino Científico a Revista dos Profissionais*, 30, 7-8.
- Carvalhal, C. (2000). *As coisas duma «Mecânica Silenciada» (mas não silenciosa) ou... A Recuperação no Futebol de Rendimento Superior uma (des) abstracção*. Dissertação de Licenciatura. Porto: FCDEF-UP.
- Carvalhal, C. (2001). *No treino de futebol de rendimento superior. A recuperação é muitíssimo mais que "recuperar"*. Braga: Liminho Indústrias Graficas.
- Cervera, J., & Malavés, R. (2001). Hacia una concepción unitaria del proceso estratégico en fútbol. *Fútbol – cuadernos técnicos*, 19, 64-70.
- Castro, R. (2013). *Matéria Prima Edições. Jorge Jesus 193-197*.
- Chaló, F. (2016). Sistemas e Modelos. *Treino Científico a Revista dos Profissionais*, 30, 30-31.
- Chaves, P.M. (2007). *Importância do modelo de jogo único no processo de formação em futebol com clubes da 1ª e 2ª Ligas*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.
- Conceição, J. (2014). *Conceptualização, criação e reflexão de um Modelo Jogo*. Mestrado. UTAD.
- Costa, J. (2005). *A Formação do Treinador de Futebol: Análise de Competências, Modelos e Necessidades de Formação*. Dissertação elaborada com vista à obtenção do Grau de Mestre em Treino do Jovem Atleta. FMH-UTL.

- Costa, N. (2012). A Importância de Oportunidades de Participação na Formação de Jovens Futebolistas - A Influência da Data de Nascimento e Decisões do Treinador nas Oportunidades de Participação do Jovem Futebolista. Dissertação de Mestrado. Universidade da Madeira.
- Coelho, J. (2001). *Portugal, A Equipa de Todos Nós: Nacionalismo, Futebol e Media*. Porto, Afrontamento.
- Conroy, D., & Coatsworth, D. (2006). Coach training as a strategy for promoting youth social development. *The Sport Psychologist*, 20(2), 128-144.
- Costa, J. (2005). *Análise de Competências, Modelos e Necessidades de Formação*. Dissertação elaborada com vista à obtenção do Grau de Mestre em Treino do Jovem Atleta. UTL – FMH.
- Costa, H. (2016). Treino meu, treino meu diz-me lá quem sou eu! *Treino Científico a Revista dos Profissionais*, 30, 19-20.
- Coutinho, C., & Chaves, J. (2002). O estudo de caso na investigação em Tecnologia Educativa em Portugal. *Revista Portuguesa de Educação*, 15 (1), 221-243.
- Cruz, A. (2005). *A nova economia do futebol: uma análise do processo de modernização de alguns estádios brasileiros*. Universidade Federal do Rio de Janeiro.

D

- Damatta, R. (1982). *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. Pinakotheke.
- Lourenço, D. (2005). O Ideal do Perfil de Treinador de Jovens. O caso da Associação Académica de Coimbra – Organismo Autónomo de Futebol. Dissertação de licenciatura apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física. Coimbra.
- Dantas, M., Silva, J., Stepan, A., & Oliveira, R. (2009). O comportamento do preço das ações de clubes mediante a variação de aspectos contábeis: o estudo de caso do Juventus F.C. – Itália. *Revista Ambiente*, 1(2), 55-67.
- De La Rosa, A. (2001). *Treinamento desportivo: carga, estrutura e planeamento*. 1. ed. São Paulo: Phorte.
- Daolio, J. (2000). As Contradições do Futebol Brasileiro”. In: Carraro, P. (org.). *Futebol: paixão e política*. (29-44). Rio de Janeiro: DP&A Editora.

F

- Festa, F. (2009). Importância, Comportamentos e operacionalização da Transição Ataque-Defesa no Futebol inserida num contexto de jogo coletivo. A perspectiva de treinadores da primeira liga. Dissertação de licenciatura apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.
- Frade, V. (1985). *Alta competição no futebol: que exigências de tipo metodológico*. Porto: ISEF.
- Frade, V. (2006). *Apontamentos das aulas de Metodologia Aplicada I, Opção de Futebol* Porto: FCDEF UP.
- Fonseca, H., & Garganta, J. (2006). *Futebol de rua: um beco com saída: do jogo espontâneo à prática deliberada*. Lisboa: Visão e Contextos.
- Fortin, M. (2003). *O processo de investigação da concepção à realidade*. 3ª ed Loures: Lusociência.
- Franco, H. (2007). *A dança dos deuses: futebol, sociedade e cultura*. São Paulo: Companhia das letras.

G

- Garganta, J., & Pinto, J. (1994). *O ensino do futebol. O ensino dos jogos desportivos*. Porto: Centro de Estudos dos Jogos Desportivos, FCDEF-UP.
- Garganta, J. (1996). Modelação da dimensão táctica do jogo de Futebol. In J. Oliveira & F. Tavares (Eds.), *Estratégia e Tática nos jogos Desportivos Colectivos* (63-82). Porto: Centro de Estudos dos jogos Desportivos, FCDEF-UP.
- Garganta, J. (1997). *Modelação táctica do jogo de futebol - estudo da organização da fase ofensiva em equipas de alto rendimento*. Tese de Doutoramento (não publicada), Universidade do Porto, Porto.
- Garganta, J. (2000). O treino da tática e da estratégia nos jogos desportivos. In J. Garganta (Ed.), *Horizontes e órbitas no treino dos jogos desportivos* (51-61). Porto: FCDEF-UP.
- Garganta, J. (2002). *O Percurso do Gabinete de Futebol da FCDEF-UP: entre o conhecimento e a acção*. Actas das I Jornadas Técnicas de Futebol, 76-89. Vila Real. Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.
- Garganta, J. (2005). Dos constrangimentos da acção à liberdade de (inter acção, para um Futebol com pés ... e cabeça. In D. Araújo (Ed.). *O contexto da decisão: a acção táctica no desporto*. Lisboa: Visão e Contextos, 179-90.
- Garganta, J. (2009). Identificação, selecção e promoção de talentos nos jogos desportivos: factos, mitos e equívocos. In J. Fernandez, G. Torres & A. Montero (Eds.), *Actas do II Congreso Internacional de Deportes de Equipo. Editorial y Centro de Formación de Alto Rendimiento. Universidad de A Coruña* [em CD-ROM].
- Garganta, J., Guilherme, J., Barreira, D., Brito, J. & Rebelo, A. (2013). Fundamentos e práticas para o ensino e treino do futebol. In F. Tavares (Ed.), *Jogos Desportivos Coletivos. Ensinar a jogar* (pp. 199-263). Porto: Editora FADEUP.
- Garganta, J. (2015). Revisitando as oficinas do Futebol atrás do palco. *Treino Científico a Revista dos Profissionais*, 25, 3,5.
- Garganta, J. (2017). A Excelência em Futebol: Equívocos, Evidencias e Desafios. *Treino Científico a Revista dos Profissionais*, 31, 15,16.
- Garcia, R. (2017). Futebol, Transferências e Dinheiro. *Treino Científico a Revista dos Profissionais*, 34, 4,5.
- Gomes, A., & Cruz, J. (2006) Relação treinador-atleta e liderança no desporto: A percepção dos treinadores de alta competição. *Estudos de Psicologia*, 11 (1), 5-15.
- Gomes, M. (2008). *O desenvolvimento do jogar segundo a periodização táctica*. Madrid: MCSports.
- Gonçalves, C. (1987). Formação do Treinador no Âmbito da Pedagogia Desportiva. *Revista Horizonte*, 20, 63-69.
- Gonçalves, R. (2009). *Conceptualização do modelo de jogo - Um estudo efectuado com treinadores de Futebol com o curso de nível IV*. Dissertação de mestrado na especialidade de Treino de Alto Rendimento não publicada. FMH-UTL.
- Guilherme Oliveira, J.(2004). Conhecimento Especifico em Futebol. Contributos para a definição de uma matriz dinâmica do processo ensino aprendizagem/treino do jogo. Dissertação de Mestrado apresentada à faculdade de Ciências de Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto.

H

- Hara, C. (2010). El Proceso de Formación de los Jugadores Españoles de Futbol de Alta Competición. Tesis Doctoral. Universidad de Huelva.

- Hainaut, K., & Benoit, J. (1979). *Le football moderne - tactique-technique-lois du jeu*. Enseignement des pratiques physiques spécifiques. Bruxelles: Presses Universitaires de Bruxelles.

- Hotz, A. (1999). Corrigir apenas o estritamente necessário, variar o mais possível. *Treino Desportivo*, 2, 22-36.

J

- Júlio, L., & Araújo, D. (2005). Abordagem dinâmica da acção táctica no jogo de futebol. In V. e. Contextos (Ed.), *O contexto da decisão - A acção táctica no desporto*. Lisboa.

- Júnior, M. (2007). Razão e paixão no futebol: tentativas de implementação de um projeto modernizador. In: L Ribeiro (org.). *Futebol e Globalização* (213 – 233). Jundiaí, SP: Fontoura.

K

-Kvale, S. (1996). *Interviews: An introduction to qualitative research interviewing*. Thousand Oaks, CA: Sage.

L

- Leoncini, M. (2005). Entendendo o futebol como um negócio: um estudo exploratório. *Gestão & Produção*, 12, 1

- Lyle, J. (2002). *Sport Coaching Concepts - A framework for coaches behaviour*. New York: Routledge.

- Lima, T. (2000). *Saber treinar, aprende-se*. Centro de Estudos e Formação Desportiva. Lisboa.

- Lima, T. (2001). *Com que então quer ser treinador? Basquetebol – da aprendizagem à competição*. Lisboa: Centro de estudos e Formação Desportiva.

- Lobo, L. F. (2009). *Planeta do Futebol*. Prime Books, 3ª edição.

- Lourenço, D. (2005). *O ideal do perfil de treinador de jovens: O caso da Associação Académica de Coimbra – Organismo Autónomo de Futebol*. Monografia de Licenciatura realizada no âmbito do Seminário de Sociologia do Desporto. Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física - Universidade de Coimbra.

- Lourenço, L. (2010). *Mourinho – a descoberta guiada*. Prime Books.

- Lovisoló, H. (2002). Mídia, lazer e tédio. *Revista Brasileira de Ciências da comunicação*. 25(2), 43-66

M

- Magalhães, R., & Nascimento, L. (2010). Aprender a Jogar Futebol – Um Caminho para o Sucesso. 1ª edição. Prime Books

- Marques, A. (2001). As Profissões do Desporto: o treinador. *Treino Desportivo*, 13, 4-8.

- Marques, A., & Oliveira, J. (2002). O treino e a competição dos mais jovens: Saúde versus rendimento. Org.: Barbanti VJ, Amadio AC, Bento JO, Marques (Eds), *Esporte e Actividade Física. Interação entre Rendimento e Saúde*, São Paulo: Editora Manole Lda

- Matias, A. (2013). *Comportamentos de instrução dos treinadores de futebol infanto-juvenil em situação de competição*. Tese de Mestrado em Actividade Física na especialidade de Motricidade Infantil. Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco.

- Maykut, P.S., Morehouse, R. (1994). *Beginning Qualitative Research: A Philosophic and Practical Guide*. London, UK: Falmer Press;

- Mendes, A. (2009). *Perfil do Treinador de Futebol da Formação: Estudo da Percepção de Treinadores acerca das Características de Excelência*. Monografia de Licenciatura. Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.
- Mesquita, I. (2005). *A Pedagogia do Treino. A formação em jogos desportivos colectivos*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Miranda, J. (2009). *Organização estrutural: ponto de partida ou meio para atingir um fim (o modelo de jogo)*. Dissertação de licenciatura apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.
- Morin, E. (1999). *La tête bien faite. Repenser la réforme, réformer la pensée*. Seuil.
- Murad, M. (2007) *A violência e o futebol: dos estudos clássicos aos dias de hoje*. Rio de Janeiro: FGV.

N

- Neves, A. (2013). *O Fenómeno do Futebol em Portugal: Estudo de caso Concelho da Guarda*. Relatório de estágio para obtenção do Grau de Mestre em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário. Universidade da Beira Interior.
- Nguyen, N. (2005). Behavior signatures in youth sport coaches. *Mcnair Scholars Journal*, 5, 81-90.
- Nunes, L. (2014). *O Jovem Futebolista - Uma Proposta Metodológica para o Futebol de 7*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Ciências Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal
- Neto, J. (2014). *Preparar para Ganhar*. Prime Books.

O

- Oliveira, B., Amieiro N., Resende N., & Barreto R. (2006). *Mourinho Porquê tantas vitórias?* Gradiva.
- Oliveira, G. (2003). Organização do jogo de uma equipa de Futebol. Aspectos metodológicos na abordagem da sua organização estrutural e funcional. In *II Jornadas Técnicas de Futebol + Futsal*. Vila Real. UTAD.

P

- Pacheco, R. (2001). *O ensino do futebol. Futebol de 7 – Um jogo de iniciação ao futebol de 11*. Grafiasa.
- Pacheco, R. (2005). *Segredos de Balneário – A palestra dos treinadores de futebol antes do jogo*. Lisboa: Prime Brooks.
- Pacheco, R. (2016). Futebol de Formação: Mais do que “Pontapés na Bola”. *Treino Científico a Revista dos Profissionais*, 26, 16-17.
- Pacheco, R. (2017). A Promoção da Criatividade nos Jovens Futebolistas Que Preocupações ao Nível da Formação. *Treino Científico a Revista dos Profissionais*, 34, 20-21.
- Pacheco, R. (2001). *O ensino do futebol de 7: um jogo de iniciação ao futebol de 11*. Porto: Edições Grafiasa.
- Perarnau, M. (2014). *Herr Pep*. Roca Editorial de Libros, S.L.
- Pinto, A. (2007). *Se não fosse para ganhar ... A importância da dimensão tática no ensino dos jogos de desportivos colectivos*. Campo das letras, Editores, S.A.
- Pinto, M. (2015). *Jogos Reduzidos / Condicionados na aquisição da Cultura Tática de futebol nos Jovens do Desporto Escolar*. Dissertação apresentada à UTAD.

- Pinheiro, V. (2013). O Comportamento do treinador em competição na promoção do fair play. Um estudo nos escalões de Futebol de Formação. Tesis Doctoral. Universitat de Lleida.

Q

- Queiroz, C. (1986). *Estrutura e Organização dos Exercícios em Futebol*. FPF. Lisboa.

- Quinta R. (2013). A importância do exercício no treino. *Treino Científico a Revista dos Profissionais* 15, pag7.

- Quinta, R. (2017). Falar de Futebol. *Treino Científico a Revista dos Profissionais*, 34, pag6.

- Quivy, R., & Campenhout, L. (1998). *Manual de Investigação em Ciências Sociais - Trajectos*. Lisboa: Gradiva Publicações.

R

- Ramirez, M. (2002). Caracterización del Entrenador de Alto Rendimiento Deportivo. *Cuadernos de Psicología del Deporte*, 2, 16-37.

- Resende, N. (2002). *Periodização Tática. Uma concepção metodológica que é uma consequência trivial do jogo de futebol. Um estudo de caso ao microciclo padrão do escalão sénior do Futebol Clube do Porto*. Dissertação de Licenciatura. Porto: FCDEFUP.

- Ribeiro, P. (2008). Do modelo e conceção de jogo à análise da performance no futebol: o treino enquanto indutor da operacionalização de um modo de jogar específico. Estudo de caso na equipa sub-19 do Futebol Clube do Porto. Monografia de licenciatura apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

- Richard, J. (1990). *Les activités mentales. Comprendre, raisonner, trouve des solutions*. Paris Armand Colin.

- Rocha, J. (2006). *Fontes de Conhecimento e Concepções de Treino dos Treinadores Experts em Basquetebol – Estudo de Caso de 4 Treinadores Portugueses*. Tese de Mestrado apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

- Rodrigues, M., & Silva, R. (2009), A estrutura empresarial nos clubes de futebol. *O&S*, Vol. 16, nº 48, pág. 17 – 37.

- Rosado, A. (2000). Um Perfil de Competências do Treinador Desportivo. In *Formação de Treinadores Desportivos* (21-48). Edições ESDRM. ESDRM-IPS. Rio Maior.

- Rosado, A., & Mesquita, A. (2008). A formação para ser Treinador. In: Tavares, Graça, Garganta & Mesquita (Eds.), *Olhares e Contextos da Performance nos Jogos Desportivos*. Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

S

- Sá, C. (1994). *Representações dos Estudantes do Ensino Superior Politécnico sobre a Formação Inicial*. Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação - Metodologia da Educação Física, UTL-FMH.

- Santos, A. (2003). *Análise da instrução na competição em futebol. Estudo das expectativas e dos comportamentos de treinadores da 2ª divisão B, na preleção de preparação e na competição*. Tese de Mestrado, FMH-UTL, Lisboa.

- Santos, C. (2012). *Modelo jogo - A ferramenta “Maior” do Treinador*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real.

- Sarmiento, P. (1992). Aspectos da Formação de um Treinador. *Revista Horizonte*, 50, 67-70.

- Sarmiento, H. (2012). *Análise do jogo de futebol – Padrões de jogo ofensivo em equipas de alto rendimento: uma abordagem qualitativa*. Tese de doutoramento. Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real.
- Silva, A. (2015). *As Palestras do Treinador de Futebol em Dia de Jogo. Estudo de Caso num Contexto de Selecção Nacional de Sub21*. Dissertação elaborada com vista à obtenção do Grau de Mestre em Psicologia do Desporto. FMH-UTL, Lisboa.
- Silva, J. (1988). Pressupostos para o faseamento na formação do jogador de futebol. *Revista Horizonte*, (V), 25.
- Silva, S. (2001). *Tua imensa torcida é bem feliz: da relação do torcedor com o clube*. Tese de Doutoramento em Estudos do Lazer – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- Silva, M. (2008). *O desenvolvimento do jogar, segundo a Periodização Tática*. Pontevedra: MCSports.
- Silva, L. (2011). *Futebol, Media e Sociedade: um fenómeno de sucesso*. Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa para obtenção do grau de mestre Em Ciências da Comunicação na vertente de Media e Jornalismo.
- Silvério, J., & Srebro R. (2012). *Como ganhar usando a cabeça*. Edições Afrontamento.
- Simão, J. (1998). *A Formação do Treinador – Análise das representações dos treinadores em relação à sua própria formação*. Tese de Mestrado não publicada, UTL – FMH.
- Smith, J. (1995). Semi-structured interviewing and qualitative analysis. In J. Smith, R. Harré, & L. Van Langenhove (Eds.), *Rethinking methods in psychology* (pp. 9-26). London: Sage.
- Smith, R., & Smoll, F. (1997). Coaching the coaches: youth sports as scientific and applied behavioral setting. *Current Directions, Psychological Science*, 6, 16-21.
- Smoll, F. (2000). *A Comunicação do Treinador com os Pais dos Atletas*. Lisboa: Centro de Estudos e Formação Desportiva.
- Soares, J. (2005). *O Treino do Futebolista*. Porto Editora.
- Sousa, A. (2005). *Investigação em Educação*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Souza, A., Primo, C., Santos, R., Conceição, R., & Souza, A. (2011). Análise do futebol no Brasil como um fenómeno sociocultural. *EFDeportes.com, Revista Digital*, 16(159).
- Sousa, J. (2013). *Estilos de Tomada de Decisão do Treinador de Futebol Português*. Dissertação elaborada com vista à obtenção do Grau de Mestre em Gestão do Desporto – Organizações Desportivas. UTL-FMH

T

- Tamarit, X. (2013). *Periodización táctica vs periodización táctica*. [s. l.]: Editorial: MBF.
- Teodurescu, L. (1984). *Problemas de Teoria e Metodologia nos Jogos Desportivos*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Thomas, J., Nelson, J., & Silverman, S. (2007). *Métodos de Pesquisa em Atividade Física*. (5ªed.). Artmed Editora S.A. São Paulo.
- Tuckman, B. (1994). *Manual de Investigação em Educação Como conceber e realizar o processo de investigação em Educação, Serviço de Educação e Bolsas*. (4ª ed.). Fundação Calouste Gulbenkian.

U

Ubiratan, A. (2011). *Imigrantes Bolivianos em São Paulo: A Praça Kantuta e o futebol*. Tese de Doutorado. Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas. Brasil

V

- Valdano, J. (2001). *Apuntes del balón*. Madrid: Marca.

- Valdano, J. (2013). *Los 11 Poderes del Líder*. Barcelona: Conecta.

- Van Lingen, B. (1997). *Coaching soccer. The Official Book of the Dutch Soccer Association*. Spring City, Pennsylvania: Reedswain.

- Vitória, R. (2014). *A arte da guerra para treinadores*. Lisboa: TopBooks.

W

- Weiss, M.R. (1991). Psychological skill development in children and adolescents. *The sport Psychologist*, 5, 335-354.

- Weineck, J. (2002). *Manual do treino ótimo: Teoria de treino da fisiologia da performance desportiva e do seu desenvolvimento no treino de crianças e de adolescentes*. Editor: Instituto Piaget

ANEXOS

Anexo 1: Guião da entrevista

Instituto Politécnico de Castelo Branco
Escola Superior de Educação de Castelo Branco
Mestrado em Atividade Física

Modelo de Jogo para um Clube de Formação no Futebol

Este trabalho insere-se no âmbito do curso de Mestrado em Atividade Física, da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco e tem como objetivo saber o que é o modelo de jogo para os treinadores de futebol das equipas jovens deste Clube de Formação, que participam nos campeonatos distritais e nacionais e como conceptualizam e operacionalizam o seu modelo de jogo.

Daí a necessidade desta entrevista, pois só assim será possível obter dados que possam de alguma forma contribuir para uma melhor conhecimento sobre a ideia dos treinadores de Futebol, sobre a temática relacionada com o modelo de jogo.

Queríamos também acrescentar que não é nosso desígnio avaliar a sua metodologia, motivo pelo qual não existem respostas certas e erradas. Com efeito, pedimos-lhe que responda de forma sincera a todas as questões, garantindo-lhe anonimato e confidencialidade.

IDENTIFICAÇÃO

1. Idade: ____ anos

SITUAÇÃO PROFISSIONAL

2. Experiência enquanto treinador: _____ anos

3. Tem curso de treinador homologado pela Federação Portuguesa de Futebol?

- Sim. Que nível? _____
 Não

4. Na sua formação académica, tem curso superior?

- Sim
 Não

GUIÃO DA ENTREVISTA

Local: _____
 Data: ____ / ____ / _____
 Hora de início: ____h ____
 Hora de fim: ____h ____
 Duração da entrevista: ____h ____

1. O que é para si **um** modelo de jogo (MJ)?
2. Qual é que é o seu MJ?
3. Quais é que são os objetivos na sua opinião que se pretendem alcançar quando se cria MJ na sua equipa?

4. Na sua opinião quem deve participar na formulação e conceção do MJ de uma equipa?
5. Ao formular um MJ quais os aspetos que se devem ter em conta?
6. O contexto do Clube pode influenciar um MJ? Como?
7. Na sua opinião quais é que são os fatores e condicionalismos que podem influenciar um MJ?
8. Na sua opinião o MJ pode ser reajustado em função da prestação da equipa, dos resultados ao longo da época e da evolução dos jogadores? De que forma?
9. É da opinião que se deve alterar o MJ durante a época? Porquê?
10. Considera importante ter mais que um sistema tático idealizado para o MJ? Porquê?
11. O MJ deve ser um elemento orientador do treino e do jogo da equipa? Porquê?
12. Na sua opinião os exercícios de treino devem ser padronizados para as equipas de acordo com o MJ?
13. Na sua opinião as características dos jogadores são importantes para a posição que ocupam no MJ?
14. Na sua opinião quem deve ter conhecimento do MJ adotado da sua equipa? Porquê?

Agradeço bastante a sua participação neste estudo. Obrigado!

Anexo 2: Transcrição das entrevistas

GUIÃO DA ENTREVISTA

Treinador: T1

Local: Castelo Branco
Data: 09 / 02 / 2017
Hora de início: 17h 30m
Duração da entrevista: 15m 10s

1. O que é para si um modelo de jogo (MJ)?

Para mim um modelo de jogo é uma ideia de jogo, é ter no pensamento a nossa forma de jogar e acima de tudo quais são os comportamentos que nós queremos que a nossa equipa tenha nos vários momentos do jogo. Quais são os comportamentos que eu quero que a equipa tenha quando nós temos a posse de bola quando não temos a posse de bola, como nós queremos que a equipa faça a transição e tudo o que seja bola parada, portanto é uma ideia de jogo que faça com que não haja a anarquia dentro de campo.

2. Qual é que é o seu MJ?

É a minha ideia, é o meu pensamento, é aquilo que eu penso do jogo. A minha ideia de jogo parte de grandes princípios: a equipa vale pelo coletivo, não se pode encarar algo como individual, parte do coletivo, embora na minha ideia de jogo que é o que eu transmito aos meus jogadores é que temos de estar todos familiarizados com os comportamentos que passam dentro de campo e que parte de grandes diretrizes: acima de tudo cada jogador tem de se superar, cada um tem que dar o máximo, porque se houver dentro da equipa um jogador que não esteja a contribuir para o máximo da equipa algo está a falhar, portanto parte dessa grande premissa que é o princípio da superação, depois parte do princípio que todos são atacantes e todos são defesas em que cada um tem que saber qual é a sua missão é por isso é que depois parte então a estrutura que é o 4-4-3 que é o modelo adotado pelo clube ou o 4-4-2, depois uma atitude competitiva, agressiva e inconformada com aquilo que está a acontecer, que a equipa encare cada lance como se fosse o último e são estas as grandes diretrizes. Como subprincípios: fazer com que a equipa em posse de bola tenha linhas de passe, cada jogador se mostre para receber a bola e que depois tenha outros princípios que faz com que tenhamos os tais comportamentos mais específicos que são as chamadas rotinas de jogo. Depois no que toca à parte defensiva parte do princípio que todos são defesas e depois há aqueles comportamentos mais específicos, quem é que pressiona, quem é que faz todos os pequenos princípios para defender. No que toca às transições partimos do princípio que é num clique, não há momento para pensar e que se adota uma rápida mudança de atitude em atacar para defender ou vice-versa e depois no que toca às bolas paradas, aos esquemas táticos, todas as formas de lançamentos, pontapés de canto, livres laterais, livres frontais, em que há uma ocupação racional do espaço para tentar atacar o defender a baliza.

3. Quais é que são os objetivos na sua opinião que se pretendem alcançar quando se cria MJ na sua equipa?

Para mim os grandes objetivos são fazer com que haja uma lógica entre aquilo que se pretende no jogo e o treino. Porque não se pode estar a pedir comportamentos no jogo se não se treina, ou seja, treinar em especificidade. Não se pode estar a treinar algo que não acontece no jogo, portanto acima de tudo o modelo de jogo é ter uma ideia de jogo para depois conseguirmos treinar, haver uma identidade coletiva.

4. Na sua opinião quem deve participar na formulação e conceção do MJ de uma equipa?

A estrutura do clube, nomeadamente a parte técnica, coordenação e os treinadores. Como os princípios básicos do modelo de jogo depois logicamente nunca fugindo àqueles que são os grandes princípios do clube do modelo de jogo vem então a treinador, aí sim algo mais específico em função da sua equipa.

5. Ao formular um MJ quais os aspetos que se devem ter em conta?

Na minha opinião o modelo de jogo parte nos grandes comportamentos que queremos que a equipa adote numa forma geral, que sejam comuns tanto a atacar como a defender como a forma de estar. Depois vêm então os vários comportamentos que nós queremos que a equipa tenha nos vários momentos do jogo no processo ofensivo, processo defensivo, transições defesa-ataque ou vice-versa, esquemas táticos, todos eles ofensivos e defensivos, pontapés de canto, lançamentos de linha lateral, livres laterais, livres frontais, bola de saída, pontapés de baliza.

6. O contexto do Clube pode influenciar um MJ? Como?

Pode sem dúvida. Uma coisa é na minha opinião ter um modelo de jogo num Desportivo de Castelo Branco ou então ter um modelo de jogo na Atalaia do campo por exemplo, realidades completamente diferentes em que temos jogadores que já vêm comum processo de formação ao longo de vários anos em que podemos ter ações técnico-táticas individuais ou coletivas muito mais elaboradas ou então numa realidade que tem muito poucos jogadores em que nunca passaram por um processo de formação em que chegam num ano em que não se pode ter uma ideia de jogo nos vários momentos demasiado elaborada quando lhes faltam outras coisas, como por exemplo a relação com a bola. Não podemos pedir movimentos circulares, permutas ou outro tipo de comportamentos quando há muita coisa por trabalhar.

7. Na sua opinião quais é que são os fatores e condicionalismos que podem influenciar um MJ?

A quantidade de jogadores que se tem para treinar, a qualidade dos jogadores, as vivências dos jogadores acima de tudo são esses.

8. Na sua opinião o MJ pode ser reajustado em função da prestação da equipa, dos resultados ao longo da época e da evolução dos jogadores? De que forma?

Pode. Temos de partir do princípio que o modelo de jogo parte de uma ideia, mas no início da época podemos ter uma ideia de jogo e com o decorrer dos jogos posso verificar que esta ideia de jogo neste campeonato não é mais correta, ou seja, tenho que reformular a minha forma de ver em função daquilo que está a acontecer. Portanto o modelo de jogo pode ser alterado ao longo da época, eu posso ter uma ideia de jogo, por exemplo uma equipa que eu gosto de jogar em contra-ataque, mas depois verifico que a nossa equipa jogando em ataque posicional pode ser mais eficaz ou rentabiliza mais jogando nesse método e depois posso estar sistematicamente a treinar de uma forma ou de outra que é subaproveitada no jogo. Portanto o meu modelo de jogo pode ser alterado durante a época em função dos resultados, em função da qualidade, eu não posso exigir na minha equipa que jogam em ataque posicional pois requer jogadores que toquem bem na bola que circulem bem a bola, se eu tiver uma equipa que tem dificuldades de relação com a bola logicamente aí tenho de jogar num processo muito mais simples, muito mais direto. Acho que o modelo de jogo deve ser também em função da evolução dos jogadores.

9. É da opinião que se deve alterar o MJ durante a época? Porquê?

Sem dúvida, claro que sim. Eu tenho a minha ideia, mas só se eu vir que a minha ideia não está a corresponder. Aí tenho de atuar o quanto antes porque eu posso ter um conjunto de jogadores que não se adapta à minha ideia de jogo e o treinador tem que ter o dedo em verificar, em ver se a minha ideia de jogo corresponde aos jogadores que eu tenho.

10. Considera importante ter mais que um sistema tático idealizado para o MJ? Porquê?

Claro que sim, porque acima de tudo a importância é a dinâmica que se dá aos jogadores. Eu posso ter uma estrutura de 4-3-3 ou uma estrutura de 4-4-2, mas posso querer que tanto na estrutura de 4-4-2 em processo ofensivo tenha três homens na frente. O que é importante é a dinâmica que se dá aos jogadores, é a tal ideia de comportamentos ofensivos, defensivos que os jogadores adotem.

11. O MJ deve ser um elemento orientador do treino e do jogo da equipa? Porquê?

Sim, partindo do jogo tem que estar implementado, as nossas ideias e comportamentos que a nossa equipa adote em todos os momentos do jogo, deste modo os feedbacks no decorrer do jogo devem ser em função destas ideias. Para que estes comportamentos sejam colocados em prática têm que se treinar.

12. Na sua opinião os exercícios de treino devem ser padronizados para as equipas de acordo com o MJ?

Na minha opinião tem que haver vários tipos de exercícios, não concordo que haja exercícios padronizados para todas as equipas, mas concordo que haja exercícios chave que adotem comportamentos comuns a todas as equipas. Por exemplo, se eu quero que num clube com uma estrutura, com uma filosofia de jogo haja alguns exercícios chave e comuns, imaginemos no futebol de 11 e de 7, exercícios de iniciação em que se adote comportamentos como, fortes no jogo aéreo, tem que ser assimilado e trabalhado em todos os escalões. Alguns exercícios que adotem comportamentos de agressividade têm que ser assimilados e trabalhados, pode ter o exercício variantes mas faz com que acima

de tudo quando haja transições de um jogador de um determinado escalão se facilite a sua integração.

13. Na sua opinião as características dos jogadores são importantes para a posição que ocupam no MJ?

São importantes as características dos jogadores a partir de um determinado escalão, até determinados escalões é importante ter em consideração as vivências que o jogador tenha por todas as posições inclusive o guarda-redes, mesmo que seja um jogador lento a jogar numa ala, para potenciar em determinadas fases sensíveis essas capacidades. Depois sim adapta-se numa idade mais de especialização, o jogador em função das suas características na posição, mas é importante subdividir o momento em que eles devem familiarizar por todas as posições e depois sim começar a especializá-los em função das suas características.

14. Na sua opinião quem deve ter conhecimento do MJ adotado da sua equipa? Porquê?

Todos, neste caso o treinador-adjunto porque tem que haver sintonia nos comportamentos e nos feedbacks que se dá na equipa técnica e logicamente os jogadores, mas não concordo que se chegue e como se faz em muitos sítios que se entregue um documento em que tem todos os comportamentos que nós queiramos que os jogadores tenham adotado mas sim serem assimilados ao longo do treino, ao longo dos exercícios e ao longo dos jogos. Que seja equipa técnica toda.

GUIÃO DA ENTREVISTA

Local: Castelo Branco
Data: 23 / 02 / 2017
Hora de início: 17h 30m
Duração da entrevista: 8m 41s

Treinador: T2

1. O que é para si um modelo de jogo (MJ)?

É a ideia que nós temos e tentamos construir de comportamentos que a equipa tenha em jogo. É a ideia normalmente que o treinador tem através dos treinos para que depois em determinadas situações os jogadores consigam interpretar e fazer esses comportamentos.

2. Qual é que é o seu MJ?

Para mim o meu modelo de jogo tem de variar sempre de acordo com a equipa que tenho, com o clube em que estou inserido e com os objetivos do clube, com a competição. Não existe um que seja o modelo definido ao certo, a minha ideia varia sempre de acordo com as minhas ideias, a minhas convicções, quer das experiências que já tive normalmente algumas independentemente da equipa são comuns mas normalmente varia sempre.

3. Quais é que são os objetivos na sua opinião que se pretendem alcançar quando se cria MJ na sua equipa?

O objetivo de criar um modelo de jogo é tentar que o jogo, sendo ele aleatório e normalmente varia sempre, tentar tirar imprevisibilidade do jogo, tentar que

nós com as nossas ideias pensamos que é a forma mais correta de obter vantagem e através desses comportamentos nós tentamos obter a máxima vantagem durante o jogo, senão todos os comportamentos que tínhamos seja a defender ou a atacar eram sempre aleatórios e nós tentamos retirar essa aleatoriedade para que seja intencional aquilo nós tentamos fazer seja intencional.

4. Na sua opinião quem deve participar na formulação e conceção do MJ de uma equipa?

Toda a equipa técnica, normalmente quando temos uma equipa técnica deve ser o treinador que tem de interpretar as ideias do clube, o objetivo que ele define para alcançar na época e depois é isso que ele tem de tentar fazer.

5. Ao formular um MJ quais os aspetos que se devem ter em conta?

São os objetivos que nós definimos para alcançar com a equipa, os objetivos que o clube tem normalmente para tentar obter com a formação dos miúdos e depois aquilo que cada um dos miúdos que nós pretendemos que eles alcancem.

6. O contexto do Clube pode influenciar um MJ? Como?

Sim claramente, a ideia dos jogadores que querem formar e os processos que eles devem passar, isso influencia porque todos os clubes têm normalmente identidades e características e tentam diferenciar-se por isso, e então a forma que eles têm para trabalhar e para se distinguir tem que ser diferente, pelo que a forma como o clube tenta influenciar esses modelos de jogo e essa forma de formar tem que ser diferente.

7. Na sua opinião quais é que são os fatores e condicionalismos que podem influenciar um MJ?

Por exemplo lesões e características da equipa, nós podemos ter um modelo de jogo que nós pensamos que seja o mais correto e a nossa equipa não está preparada para jogar dessa forma, não está preparada para fazer aquilo que nós pretendemos ou aquilo que nós idealizámos, portanto há sempre muitos obstáculos que podem influenciar esse modelo de jogo, sejam as características dos jogadores, dos jogos até, se nós vamos jogar em campos que sejam diferentes dos nossos, isso até pode influenciar a nossa ideia de jogo e temos de alterá-la de acordo com aquilo que nós vamos ter de viver na competição.

8. Na sua opinião o MJ pode ser reajustado em função da prestação da equipa, dos resultados ao longo da época e da evolução dos jogadores? De que forma?

Sim tem que ser sempre, acho que o modelo de jogo nem deve ser rígido e definido, tem que ser algo que vai sempre variando com as características dos jogadores. Se eles atingem determinadas metas, nós temos que lhes estabelecer outras diferentes que sejam mais desafiantes para eles e até mesmo a equipa se tiver atingir determinadas coisas, o coletivo pode fazer coisas diferentes sempre, não pode ficar rígido a determinados objetivos que se estabeleçam.

9. É da opinião que se deve alterar o MJ durante a época? Porquê?

Sempre que necessário sim, se o treinador entende que deve reformular, se acha que as coisas não estão a correr como desejam ou se estão a correr como

desejam e podem alcançar coisas diferentes eu acho que deve ser sempre reformulado.

10. Considera importante ter mais que um sistema tático idealizado para o MJ? Porquê?

Sim, porque durante a época há sempre coisas que nós não conseguimos controlar e por veze a equipa deve estar preparada para fazer coisas diferentes e se nós nos focamos apenas numa situação devemos estar preparados para conseguir fazer outras também diferentes, senão é muito redutor nós estarmos só a cingir a uma coisa e depois se tivermos necessidade de pedir outra eles não conseguem reproduzir.

11. O MJ deve ser um elemento orientador do treino e do jogo da equipa? Porquê?

Sim claramente, porque são essas as ideias que nós tentamos que eles concretizem em jogo, nós temos que as praticar no treino e desenvolvê-las no treino para que depois na competição, nós ao exigi-las possam haver bases para que elas aconteçam, senão elas não acontecem.

12. Na sua opinião os exercícios de treino devem ser padronizados para as equipas de acordo com o MJ?

Normalmente os exercícios têm sempre aquela identidade ou cunho pessoal do treinador, até se pode trabalhar diferentes exercícios e ter o mesmo objetivo e atingirem-se os objetivos finais pretendidos através de exercícios diferentes, porque nós não podemos estabelecer em pessoas diferentes e por exemplo se isso for relacionado com o clube nós queremos implementar uma coisa idêntica para todos mesmo estando a trabalhar cada treinador de forma diferente pode estar a atingir os mesmos fins e não tem de ser algo padronizado e rígido porque normalmente até o cunho pessoal dos treinadores é o mais importante.

13. Na sua opinião as características dos jogadores são importantes para a posição que ocupam no MJ?

Sim, normalmente até são as características dos jogadores que definem a posição em que jogam porque há determinadas posições que exigem ou durante o jogo solicitam determinadas características e essas características se são mais rentáveis naquela posição, normalmente são esses jogadores que são escolhidos.

14. Na sua opinião quem deve ter conhecimento do MJ adotado da sua equipa? Porquê?

Todos os intervenientes da nossa equipa, jogadores, toda a equipa técnica, coordenador, todas essas pessoas deve ser conhecedoras do nosso modelo de jogo.

GUIÃO DA ENTREVISTA

Local: Castelo Branco

Data: 16 / 02 / 2017

Hora de início: 17h 30m

Duração da entrevista: 9m 36s

Treinador: T3

1. O que é para si um modelo de jogo (MJ)?

Para mim um modelo de jogo são vários comportamentos que se têm em termos ofensivos e defensivos que devem ser comuns à equipa e que a equipa deve saber quais são e deve saber identificá-los para que as coisas funcionem melhor.

2. Qual é que é o seu MJ?

Tem a ver com aquilo que nós preconizamos para a equipa, tem a ver com determinados comportamentos que queremos que a equipa tenha quando tem bola, quando não tem bola. E é segundo essa metodologia que a equipa se deve comportar e deve saber identificá-los. Temos princípios e subprincípios defensivos, princípios e subprincípios ofensivos que estão identificados na equipa e que são passados para a equipa através dos exercícios que vamos fazendo durante a semana.

3. Quais é que são os objetivos na sua opinião que se pretendem alcançar quando se cria MJ na sua equipa?

Aquilo que nós pretendemos com o modelo de jogo para a nossa equipa é que todos os intervenientes, todos os atletas, sejam eles mais titulares ou menos titulares se identifiquem com esses princípios para que as relações sectoriais intersectoriais se possam desenrolar da melhor maneira e tudo articulado possa levar a um melhor desempenho.

4. Na sua opinião quem deve participar na formulação e conceção do MJ de uma equipa?

Na minha opinião, os treinadores. Serão eles a parte mais visível, juntamente com a coordenação do clube.

5. Ao formular um MJ quais os aspetos que se devem ter em conta?

Quando se pensa em modelo de jogo deve-se ter em atenção o quadro competitivo onde se está inserido e o fundamental são as características e as capacidades dos atletas que formam a equipa que temos à disposição.

6. O contexto do Clube pode influenciar um MJ? Como?

Pode, porque se o clube onde estou inserido é um clube formador, defende alguns princípios de formação que pretende transmitir um futebol positivo, um futebol alegre, um futebol diferente não faz sentido que eu enquanto treinador não vá ao encontro dessa metodologia que o clube pretende. O modelo do clube deve sobrepor-se.

7. Na sua opinião quais é que são os fatores e condicionalismos que podem influenciar um MJ?

Os principais para mim têm a ver com a qualidade dos atletas, com a qualidade da equipa em si e com o quadro competitivo onde se está inserido. Em

campeonatos distritais provavelmente a implementação do modelo de jogo que é defendido pelo clube poderá ser mais fácil de implementar. Em termos de campeonatos nacionais será mais difícil mas não se põe de parte colocá-lo em prática.

8. Na sua opinião o MJ pode ser reajustado em função da prestação da equipa, dos resultados ao longo da época e da evolução dos jogadores? De que forma?

Acho que pode, poderemos eventualmente rever alguns princípios em termos de defensivos e ofensivos fazendo pequenos ajustamentos em termos posicionais, em termos de defender com mais gente ou menos gente, procurar atacar com mais ou menos gente mas o modelo em si não deve sofrer grandes alterações. Poderá eventualmente sofrer pequenos ajustes em função daquilo que é o momento competitivo.

9. È da opinião que se deve alterar o MJ durante a época? Porquê?

Não concordo muito, prefiro fazer alguns ajustamentos do que fazer grandes alterações ao modelo de jogo porque se é um modelo que está trabalhado desde o início, que os atletas se sentem já confortáveis não faz grande sentido estar a alterar tudo em função daquilo que são os resultados. Prefiro fazer pequenos ajustes, pequenas correções do que estar a alterar todo o modelo.

10. Considera importante ter mais que um sistema tático idealizado para o MJ? Porquê?

Considero, considero que é fundamental os atletas estarem preparados para uma estrutura tática diferente daquela que estão habituados, sendo que no fundo os grandes princípios que sustentam o modelo de jogo mantém-se independentemente da estrutura tática apresentada.

11. O MJ deve ser um elemento orientador do treino e do jogo da equipa? Porquê?

Na minha opinião sim, porque é com base nesse modelo de jogo que são idealizados e que são “formados”, conceptualizados os exercícios. Os exercícios que fazemos durante a semana vão ao encontro e têm como base o modelo de jogo que preconizamos.

12. Na sua opinião os exercícios de treino devem ser padronizados para as equipas de acordo com o MJ?

Penso que tem vantagens, porque isso permite aos atletas uma maior rentabilização do treino em termos daquilo que é o tempo do treino, no entanto sou apologista de alguma variabilidade e por vezes não é necessário alterar muito ou fazer exercícios diferentes mas introduzir diferentes condicionantes mas sempre com o modelo de jogo como objetivo do exercício.

13. Na sua opinião as características dos jogadores são importantes para a posição que ocupam no MJ?

Sim, há jogadores e há características que são fundamentais em praticamente todas as posições e eu defendo que essas características são fundamentais no desempenho dos atletas.

14. Na sua opinião quem deve ter conhecimento do MJ adotado da sua equipa? Porquê?

Toda a estrutura do clube, coordenação do clube, treinadores, treinador de guardas-redes e fundamentalmente os atletas para que possam perceber também aquilo que se está a fazer.

GUIÃO DA ENTREVISTA

Treinador: T4

Local: Castelo Branco
Data: 08 / 02 / 2017
Hora de início: 17h 30m
Duração da entrevista: 10m 41s

1. O que é para si um modelo de jogo (MJ)?

Um modelo de jogo é a filosofia da equipa, o modelo de jogo parte do princípio que é todo o processo tático e técnico que a equipa através das capacidades individuais dos jogadores mete em prática coletivamente produzindo assim um modelo de jogo, sendo que esse modelo de jogo é trabalhado (na minha opinião) através da periodização tática ao longo das sessões de treino que depois se constrói um processo onde a equipa tem certas características que vão ao encontro do que se pretende em termos da equipa.

2. Qual é que é o seu MJ?

O meu modelo de jogo varia de acordo com o que se trabalha, com o que se pretende em termos de competição. Por exemplo, se é um modelo de jogo para uma equipa de infantis é mais orientado para o processo, para o desenvolvimento dos atletas no entanto se for um modelo de jogo para os juvenis do nacional já vais ser mais orientado para o resultado mas não só porque se pretende atingir algumas metas. O meu modelo de jogo da minha equipa vai ao encontro do que eu pretendo. Por exemplo, certas características como privilegiar a posse de bola, construção curta para incentivar os atletas a tocarem muita vez na bola, a terem uma aprendizagem maior, identificarem os processos do futebol desde o início sem queimar etapas e acho que o meu modelo de jogo parte por aí, com vista ao desenvolvimento do atleta e a todas as fases do jogo que eles consigam conhecer.

3. Quais é que são os objetivos na sua opinião que se pretendem alcançar quando se cria MJ na sua equipa?

Como disse anteriormente, tendo sempre em vista o processo, o desenvolvimento dos atletas, que eles consigam compreender através do nosso trabalho, consigam atingir o modelo de jogo, parte como princípio o desenvolvimento deles, o conhecimento do jogo, o conhecimento da tática, a utilização da técnica para chegar à tática e acho que é a partir daí que se desenvolve todas essas características que possam chegar ao modelo de jogo de todos os atletas de acordo com as suas características, porque isso é fundamental pois não vale a pena fazermos um modelo de jogo que potencie vários princípios que depois os nossos atletas ainda não têm capacidade de executar e então aí temos de adaptar o nosso modelo ao contexto, tanto aos nossos atletas como às características do campeonato e dos adversários.

4. Na sua opinião quem deve participar na formulação e conceção do MJ de uma equipa?

Em primeiro lugar o treinador, a equipa técnica, envolvendo também o coordenador técnico porque o modelo de jogo de uma equipa (e quando falamos da formação que é nosso caso) deve ir ao encontro da base do clube e de uma forma mais específica ao encontro das características dos atletas.

5. Ao formular um MJ quais os aspetos que se devem ter em conta?

Sempre em princípio o atleta, as suas capacidades as suas características. Depois o que pretendemos da nossa formação, se é orientada para o resultado ou para o processo e partir daí desenvolver todo um conjunto de características e capacidades que podem potenciar um modelo de jogo que seja útil aos atletas e que por si só faça com que a equipa tenha sucesso.

6. O contexto do Clube pode influenciar um MJ? Como?

Sim, sem dúvida. Primeiro quanto as suas características contextuais onde se insere, qual a sua história, qual a sua característica. Por exemplo, o Desportivo de Castelo Branco no distrito de Castelo Branco é sempre um clube com muita história e então temos de desenvolver um modelo de jogo não só orientado para o processo de desenvolvimento dos atletas mas também com alguma ambição porque é um clube com história e um clube que tem sempre devido à sua história, devido ao seu contexto, um clube que deve fazer sempre bons campeonatos. Acho que é esse contexto do clube, todas as capacidades, todas as características mesmo em termos de recursos e materiais que tem, que vão potenciar o modelo de jogo.

7. Na sua opinião quais é que são os fatores e condicionalismos que podem influenciar um MJ?

Os fatores que fomentam o modelo de jogo é a característica do clube, é a característica da equipa, o próprio campeonato onde está envolvido que é o contexto. E o que condiciona de uma forma geral são todas as características dos atletas e a competição onde estão envolvidos.

8. Na sua opinião o MJ pode ser reajustado em função da prestação da equipa, dos resultados ao longo da época e da evolução dos jogadores? De que forma?

Sim, acho que deve ser sempre reajustado, deve ser flexível. Por exemplo, estamos a trabalhar um modelo de jogo com certas características e não estamos a alcançar o nosso objetivo, acho que temos de fazer uma avaliação do que está a correr bem e do que não está a correr bem de forma a otimizar. Não vale a pena termos um modelo de jogo que caracterize muito o processo ofensivo através da lateralização se depois os nossos atletas não conseguem por em prática e isso está a ser prejudicial para eles porque estamos à força a tentar incutir este princípio e eles não conseguem porque ainda não têm determinadas características ou ainda não progrediram nessas características que possam fomentar esse modelo de jogo.

9. É da opinião que se deve alterar o MJ durante a época? Porquê?

Alterar radicalmente não. Mas acho que se o modelo não estiver em prática como deve ser acho que devemos ajustá-lo e reajustá-lo para que consigamos alcançar os objetivos.

10. Considera importante ter mais que um sistema tático idealizado para o MJ? Porquê?

Acho que sim, mas não de forma muito radical. Dois, três sistemas táticos... dois no máximo, um principal e outro alternativo mas que não deva fugir muito daquilo que é o modelo de jogo da equipa. Por exemplo, no campeonato distrital nem tanto, mas num campeonato nacional por vezes devido às nossas limitações vamos encontrar equipas com características muito diferentes e nós vamos ter de alterar não o nosso modelo de jogo mas os nossos objetivos para aquele jogo e como tal acho que devemos reajustar em termos de processo tático aquilo que é a nossa ideologia.

11. O MJ deve ser um elemento orientador do treino e do jogo da equipa? Porquê?

Sim sempre, devido à periodização tática. Devemos trabalhar aquilo que vamos por em prática. Não vale a pena estarmos a trabalhar uma coisa e depois quisermos outra. Então isso é sempre fundamental, o que se treina deve ser igual ao que se joga.

12. Na sua opinião os exercícios de treino devem ser padronizados para as equipas de acordo com o MJ?

Penso que não, os exercícios devem ir de encontro a certos objetivos. Há várias formas de chegar ao mesmo caminho, por exemplo, uma equipa que já tenha características muito evoluídas, para chegar a um determinado objetivo temos de por exercícios mais ambiciosos, mas também podemos chegar por exercícios não tão ambiciosos e conseguimos chegar ao mesmo objetivo. Como tal acho que os exercícios devem ser adequados ao contexto, à idade para chegarmos ao objetivo.

13. Na sua opinião as características dos jogadores são importantes para a posição que ocupam no MJ?

Sim acho que é importante, mas também geralmente tentamos através de uma determinada característica do atleta potenciar para uma determinada posição ou um determinado movimento, mas não devemos limitar os atletas a isto, devemos também fomentar outras posições para desenvolver as capacidades deles em idades mais jovens. Como tal acho que é importante as características e as capacidades dos jogadores.

14. Na sua opinião quem deve ter conhecimento do MJ adotado da sua equipa? Porquê?

Em primeiro lugar sempre os atletas, porque se os atletas não souberem o que nós pretendemos não irão conseguir executar. Acho que é um dos grandes problemas muitas vezes os treinadores e também eu temos uma dada ideia sobre algo que queremos atingir e não transmitimos aos atletas e eles por vezes pensam que é uma coisa e não é isso que queremos trabalhar. Por isso em primeiro lugar sempre os atletas e depois claro a equipa técnica.

GUIÃO DA ENTREVISTA

Local: Castelo Branco
Data: 18 / 02 / 2017
Hora de início: 17h 30m
Duração da entrevista: 8m 27s

Treinador: T5

1. O que é para si um modelo de jogo (MJ)?

São as ideias que nós defendemos e que transmitimos aos atletas para eles porem em prática de maneira a atingirmos um objetivo. O modelo de jogo para mim é por exemplo se queremos jogar mais defensivamente e explorar o contra-ataque, se queremos tomar mais iniciativa de jogo, se queremos dar iniciativa de jogo ao adversário, se preferirmos privilegiar jogar pelas alas, pelo meio.

2. Qual é que é o seu MJ?

Eu não tenho um modelo de jogo, eu acho que acima de tudo temos que ter algumas bases, mas depois temos de ter em conta os atletas que temos e também dependendo dos jogos que temos, qual é que será o melhor modelo de jogo. Na nossa equipa tentamos sempre ter iniciativa de jogo, normalmente jogamos sempre com o mesmo sistema de jogo, também para criar algumas rotinas e visto que a formação no Desportivo quase todas as equipas normalmente têm o mesmo sistema de jogo também para ajudar os atletas a ganharem rotinas e estarem preparados para os próximos anos. Acima de tudo tentamos sempre um futebol bonito com objetivo privilegiando a posse de bola, tentando por em prática todos os princípios do futebol.

3. Quais é que são os objetivos na sua opinião que se pretendem alcançar quando se cria MJ na sua equipa?

Talvez sejam aproveitar todas as características individuais dos jogadores, juntando-as tirando o maior benefício coletivamente dessas características.

4. Na sua opinião quem deve participar na formulação e conceção do MJ de uma equipa?

Eu acho que devem ser todos os treinadores, tentando arranjar o melhor modelo de jogo. Se for a equipa técnica do caso de ser não houver nenhuma obrigação para o modelo de jogo base, no caso de privilegiar-se o modelo de jogo base todos os atletas da formação.

5. Ao formular um MJ quais os aspetos que se devem ter em conta?

As características dos nossos jogadores, qual a maneira que nós treinadores gostamos de jogar e o objetivo que temos em cada jogo.

6. O contexto do Clube pode influenciar um MJ? Como?

Sim, por exemplo se um clube prefere ganhar todos os jogos em vez de ensinar o melhor futebol, isso às vezes pode levar a algumas derrotas, se preferir ganhar todos os jogos independentemente se jogam bem ou se jogam mal isso influencia se tiverem por base incentivar e ensinar o futebol mais coerente.

7. Na sua opinião quais é que são os fatores e condicionalismos que podem influenciar um MJ?

Depende bastante dos jogadores, visto que nós treinadores temos a ideia do modelo de jogo e o que queremos aplicar mas quem vai ter de executar esse modelo de jogo serão os jogadores por isso penso que são os jogadores, os principais que podem influenciar o modelo de jogo.

8. Na sua opinião o MJ pode ser reajustado em função da prestação da equipa, dos resultados ao longo da época e da evolução dos jogadores? De que forma?

Sim, por exemplo nós no princípio da época podemos ter um modelo de jogo definido e queremos transmitir esse modelo de jogo aos jogadores mas se virmos que isso não está a dar resultado e não temos jogadores com características necessárias para que esse modelo de jogo seja o que traga melhores resultados cabe-nos a nós mudar o modelo de jogo adaptando às características dos jogadores de maneira a tirar o melhor partido deles.

9. É da opinião que se deve alterar o MJ durante a época? Porquê?

Não obrigatoriamente, se as coisas tiverem a correr bem, se os atletas se integrarem bem no modelo de jogo e tivermos a tirar frutos desse modelo de jogo acho que não obrigatoriamente, agora ao longo da época há sempre uma ou outra coisa que se vai mudando.

10. Considera importante ter mais que um sistema tático idealizado para o MJ? Porquê?

Sim, porque nós temos o nosso sistema tático que aplicamos normalmente em todos os jogos, mas todos os jogos são diferentes, todos os jogos são uma incógnita, podemos começar a ganhar ou a perder e temos de nos ajustar consoante isso, se tivermos a perder se calhar temos de mudar para um sistema de jogo diferente para um sistema tático com uns princípios diferentes de maneira a conseguir tirar o melhor partido e dar a volta ao jogo.

11. O MJ deve ser um elemento orientador do treino e do jogo da equipa? Porquê?

Sim, no treino devemos treinar esse modelo de jogo realizando exercícios que fomentam esse modelo de jogo que ajudam na perceção dos jogadores o que é que nós treinadores pretendemos para que quando chegar a altura do jogo seja já uma coisa automática e que não seja forçado para facilitar o trabalho dos jogadores.

12. Na sua opinião os exercícios de treino devem ser padronizados para as equipas de acordo com o MJ?

Acho que em todos os escalões deve haver uma parte do treino que siga esse padrão, mas acho que também deve haver autonomia para que cada treinador da equipa consoante o escalão e neste caso o próximo jogo, que tenha a liberdade para fazer exercícios não só dentro do modelo de jogo.

13. Na sua opinião as características dos jogadores são importantes para a posição que ocupam no MJ?

Sim, visto que nós treinadores podemos ter o nosso modelo de jogo mas se os jogadores não compreenderem e não conseguirem pôr em prática esse modelo de jogo, não nos vai levar a lado nenhum.

14. Na sua opinião quem deve ter conhecimento do MJ adotado da sua equipa? Porquê?

Em primeiro lugar a equipa técnica toda deve ter conhecimento do modelo de jogo, visto que somos nós que trabalhamos diretamente com os jogadores, em seguida tentar transmitir esse modelo de jogo aos atletas, explicar sempre que possível, caso seja possível alterar alguma coisa que achamos que não está bem e acho que o mais importante será dentro da equipa para termos o conhecimento e para podermos sabe-lo aplicar.

GUIÃO DA ENTREVISTA

Local: Castelo Branco
Data: 20 / 01 / 2017
Hora de início: 17h 30m
Duração da entrevista: 12m 14s

Treinador: T6

1. O que é para si um modelo de jogo (MJ)?

Um modelo de jogo consiste numa ideia clara de uma globalização de uma estrutura do modelo de jogo, ou seja, quando vamos conceptualizar uma época de futebol temos que ter uma ideia do modelo de jogo e depende das características dos jogadores, depende das características do treinador e depende também das equipas com quem nós vamos jogar, ou seja, pegamos na nossa ideia de modelo de jogo que seja a melhor para enfrentar as várias equipas e o estilo de equipas que vamos jogar. Portanto, na minha maneira de ver se for distrital, há um tipo de modelo de jogo que pode ser mais básico não tão elaborado se for nacional é outro modelo de jogo. Basicamente é defender bem, defender fechados, entreajuda muito grande entre os defesas, sair rapidamente para o contra-ataque sempre que ganhamos a bola, quando é posse de bola e quando por estamos a ganhar não é necessário fazer um contra-ataque rápido, basta trocar a bola entre os jogadores de forma simples.

2. Qual é que é o seu MJ?

O meu modelo de jogo é mais defensivo, é a minha maneira de ver as coisas. Defender bem para poder depois atacar, porque se nós defendermos bem o resultado pode ficar 0-0, não sofremos golos, ou seja, ganhamos 1 ponto. Depois se jogarmos bem no ataque, ataque planeado, contra-ataque não há problema nenhum, portanto se defendermos bem é meio caminho andado para fazer bons resultados.

3. Quais é que são os objetivos na sua opinião que se pretendem alcançar quando se cria MJ na sua equipa?

Para mim o mais importante é disciplina tática. Se os jogadores souberem o que o treinador quiser, ou seja, se cada jogador em cada setor, tanto na defesa, como no meio campo, como no ataque souberem o que têm a fazer, se jogarem

simples, poucas fintas, quando o colega falhar o outro ajuda, se simplificarem os processos é muito mais fácil depois o puzzle se juntar.

4. Na sua opinião quem deve participar na formulação e conceção do MJ de uma equipa?

A equipa técnica, porque uma equipa nunca pode ser só o treinador, tem de ser uma equipa técnica. No entanto hoje cada vez mais as equipas técnicas se trabalham bem e se tiverem bons valores dentro de campo está tudo reunido para se fazer uma boa época. Tem de ser a equipa técnica a discutir entre si os prós e os contras para que as coisas resultem, não pode ser só o treinador a pensar porque pode não estar a fazer bem.

5. Ao formular um MJ quais os aspetos que se devem ter em conta?

Primeiro as infraestruturas, se houver boas infraestruturas. Depois temos os jogadores que temos para trabalhar, as características e os treinadores, bem como a direção, eu acho que são estes os fatores principais.

6. O contexto do Clube pode influenciar um MJ? Como?

Sim pode, porque pode haver por exemplo uma equipa técnica que defenda um modelo de jogo e pode haver diretores e a própria estrutura não estar apetrechada, não estar preparada para que se possa fazer esse modelo de jogo. É uma pergunta muito abrangente pois há muitas situações que poderão levar a que o modelo de jogo possa não ser aquele que se possa utilizar.

7. Na sua opinião quais é que são os fatores e condicionalismos que podem influenciar um MJ?

As características dos jogadores que não permitem que o modelo de jogo que queremos fazer se aplique, lesões, se o campo for mais pequeno ou for maior existem determinados modelos de jogo que não se podem aplicar e depende muito também dos adversários. Qual é a média das equipas adversárias para se aplicar aquele modelo de jogo.

8. Na sua opinião o MJ pode ser reajustado em função da prestação da equipa, dos resultados ao longo da época e da evolução dos jogadores? De que forma?

Sim, se os resultados forem negativos temos que reajustar o modelo de jogo e ver o que é que está mal para que depois venha a correr bem, pelo contrário e se os resultados forem positivos continuar ou melhorar ainda mais os aspetos

9. É da opinião que se deve alterar o MJ durante a época? Porquê?

Sim pode-se alterar, porque por exemplo quando planeamos um modelo de jogo e as coisas não estão a resultar, ou seja, os resultados não aparecem, temos que repensar o modelo de jogo para ver qual é que é o melhor.

10. Considera importante ter mais que um sistema tático idealizado para o MJ? Porquê?

Sim, é conveniente haver no mínimo 1 e no máximo 3 sistemas táticos. Por exemplo se vamos jogar com uma equipa que defende bem, temos que ter uma ideia de jogo, se tivermos uma equipa que ataca bem, temos outro modelo de

jogo, se temos uma equipa que se fecha e parte rapidamente para o contra ataque vamos ter outro, portanto depende e é sempre em função da equipa adversária.

11.0 MJ deve ser um elemento orientador do treino e do jogo da equipa? Porquê?

Sim, porque se temos um modelo de jogo e é aquele modelo de jogo que defendemos ao longo da época, temos que fazer planos de treino, em que os vários exercícios se vão a pouco e pouco encaixando naquele modelo de jogo que pretendemos.

12. Na sua opinião os exercícios de treino devem ser padronizados para as equipas de acordo com o MJ?

Sim, os planos de treino na minha opinião tem de ser padronizados para cada escalão, ou seja, neste caso não são para todas as equipas, se for para iniciados é um plano, se for para infantis é outro, à medida que o escalão vai avançando vamos tendo diferentes, vários e mais complexos os planos de treino e que exija mais do jogador para ele melhorar técnica e taticamente.

13. Na sua opinião as características dos jogadores são importantes para a posição que ocupam no MJ?

Precisamente, as características dos jogadores é que definem se o nosso modelo de jogo é eficaz ou não é eficaz, porque se por exemplo eu preciso de um defesa esquerdo com umas características, mas imaginemos que temos dois defesas esquerdos, qual é que se encaixa melhor no nosso modelo de jogo? Vamos buscar o que se encaixa melhor e para as restantes posições, é muito importante essa situação e para isso é preciso conhecer os jogadores individualmente.

14. Na sua opinião quem deve ter conhecimento do MJ adotado da sua equipa? Porquê?

A equipa técnica, porque a equipa técnica é que se reúne, é que discute quais é que são os aspetos importantes para planear a época pegando no modelo de jogo, nos planos de treino, nos exercícios, todas essas situações têm que ser bem pensadas logo no início para que o modelo de jogo seja aquele que pretendemos.

GUIÃO DA ENTREVISTA

Treinador: T7

Local: Castelo Branco
Data: 10 / 01 / 2017
Hora de início: 17h 30m
Duração da entrevista: 9m 24s

1. O que é para si um modelo de jogo (MJ)?

É um conjunto de comportamentos que queremos implementar e ver uma equipa operacionalizar.

2. Qual é que é o seu MJ?

Eu construo o modelo de jogo a partir da matéria que tenho, os jogadores que tenho, não tenho uma ideia definida à partida sem saber o campeonato, o contexto, os jogadores que vou apanhar e construo a partir daí. Claro que temos

sempre algumas ideias que gostamos de ver reproduzidos mas isso pode não ser possível, tento cruzar aquilo que são as minhas ideias com aquilo que me é possível fazer.

3. Quais é que são os objetivos na sua opinião que se pretendem alcançar quando se cria MJ na sua equipa?

Tentar que se consiga partir daquilo que são os elementos da equipa, quer o treinador quer os jogadores, depois o contexto que envolve a equipa construir um padrão que nos permita comportarmo-nos todos com uma ideia definida e com propósito definido.

4. Na sua opinião quem deve participar na formulação e conceção do MJ de uma equipa?

Acho que a equipa técnica é essencial, o clube tendo uma visão para aquilo que quer do futebol também tem uma palavra a dizer relativamente a esse aspeto, aquilo que significa o clube, aquilo que é cultural relativamente ao clube e depois os jogadores claro, os jogadores são fundamentais.

5. Ao formular um MJ quais os aspetos que se devem ter em conta?

Começando por uma perspetiva mais macro, aquilo que o clube deseja é importante, aquilo que representa o clube é importante porque é partir dessas ideias, desses valores que se pode construir o resto, depois a equipa técnica também á de ter a sua forma de pensar o jogo que também tem interesse na construção do modelo de jogo e depois adaptando àquilo que cada jogador representa e às suas ideias, acho que cada um deve ser parte interessada em dar opinião na construção do modelo de jogo. A partir do modelo de jogo definindo alguns aspetos importantes do jogo, os momentos do jogo, as fases do jogo, aquilo que se pretende para cada uma delas, tentamos definir a partir desses conceitos mais genéricos as questões mais específicas, eu acho que são esses aspetos do jogo que depois temos de ter em conta para conceber algumas ideias para cada um dos momentos.

6. O contexto do Clube pode influenciar um MJ? Como?

Sim. Acho que é muito importante avaliar logo isso à partida para perceber aquilo que podemos ou não fazer e aquilo que se enquadra ou não com a imagem, com os valores, com a visão do clube. Se nós temos o contexto que a nossa realidade permite privilegiar determinadas coisas acho que devemos aproveitar, há sempre vantagens e desvantagens mas acho que o clube influencia muito porque a partir da definição que faça para aquilo que pretende do futebol e aquilo que quer em termos formativos, acho que isso tudo tem peso na construção.

7. Na sua opinião quais é que são os fatores e condicionalismos que podem influenciar um MJ?

Todas as contingências relativamente a estes aspetos que temos vindo a falar são importantes, relativamente ao clube, ao contexto, há fatores no contexto que limitam a própria construção do modelo de jogo ou as potencialidades que pode ter. Os jogadores que podemos ou não ter disponíveis são um aspeto bem exemplificativo do que disse. Depois as condições que o clube ofereça para o

trabalho se poder realizar, acho que isso tudo tem peso naquilo que possamos construir.

8. Na sua opinião o MJ pode ser reajustado em função da prestação da equipa, dos resultados ao longo da época e da evolução dos jogadores? De que forma?

Eu julgo que a construção de um modelo para um jogo como este em que há muita imprevisibilidade, há muitas variações, eu acho que sim, que pode e deve ser um modelo aberto, aberto a algumas alterações, a alguns ajustes que se possam fazer, deve ter flexibilidade para isso. Não acredito em mudanças radicais relativamente que é o modelo na sua essência, não me parece que possa acontecer a não ser que tenhamos errado muito à partida, acredito que haja flexibilidade dentro do próprio modelo para se ir ajustando às condições.

9. É da opinião que se deve alterar o MJ durante a época? Porquê?

Só em último caso ou na questão de percebermos que há que ser feita uma rutura ou que errámos muito à partida. Não sou da opinião que isso deva acontecer, mas pode ter que acontecer devido a fatores extraordinários em situações mais drásticas.

10. Considera importante ter mais que um sistema tático idealizado para o MJ? Porquê?

Sim, quem utiliza esses conceitos e quem utiliza esse tipo de terminologia, acho que é importante ter várias soluções dentro do próprio modelo, o jogo é tão imprevisível, tão aleatório, tão caótico que é possível definir alguns padrões. Eu sou de acordo que haja várias soluções para depois ao longo da época poder enfrentar diferentes problemas e ter diferentes possibilidades de ter sucesso.

11. O MJ deve ser um elemento orientador do treino e do jogo da equipa? Porquê?

Sim claro. Acho que é a base de tudo porque permite-nos também ter alguma coerência naquilo que pedimos aos jogadores, ter alguma coerência naquilo que fazemos como parte integrante dum clube. Porque está em causa a continuidade e o transfere que temos de ter do trabalho.

12. Na sua opinião os exercícios de treino devem ser padronizados para as equipas de acordo com o MJ?

Eu acho que nesse aspeto não acredito que a palavra até pode induzir em erro, a padronização pode induzir em erro. Eu acho que há alguns exercícios que possam ter algumas semelhanças devem ser ajustados consoante o nível, consoante as pessoas que tenhamos à frente, as necessidades que têm que são sempre diferentes mesmo tendo como ideia base um determinado tipo de comportamento, há sempre formas diferentes de o trabalhar e depois as pessoas interpretam de forma diferente, portanto acho que alguns ajustes pode-se fazer de forma rígida, não acredito que tenha assim tanta rentabilidade.

13. Na sua opinião as características dos jogadores são importantes para a posição que ocupam no MJ?

Sim claro. É fundamental, é a partir daí que temos de definir o nosso modelo, é a partir das características das pessoas que encontramos e a forma como eles interpretam também as ideias que temos.

14. Na sua opinião quem deve ter conhecimento do MJ adotado da sua equipa? Porquê?

Todos os elementos que dizem respeito à equipa técnica, à equipa propriamente dita, dos jogadores e também o clube deve ter uma palavra a dizer aí embora se calhar numa vertente menos técnica ou menos específica mas uma vertente mais abrangente em termos dos valores que representa, dos comportamentos que quer ver implementados na equipa e no que quer que a equipa transmita. Acho que é importante que toda a gente tenha conhecimento suficiente para poder intervir a esse nível.

GUIÃO DA ENTREVISTA

Treinador: T8

Local: Castelo Branco
 Data: 07 / 02 / 2017
 Hora de início: 17h 30m
 Duração da entrevista: 12m 02s

1. O que é para si um modelo de jogo (MJ)?

Para mim um modelo de jogo insere-se essencialmente na questão da dinâmica que a equipa consegue imprimir. O treinador delineia um sistema mas depois a forma como a equipa interpreta esse sistema é que dá o modelo de jogo, a forma como a equipa joga e se apresenta em campo. É a dinâmica que equipa no próprio jogo consegue imprimir.

2. Qual é que é o seu MJ?

Procuramos essencialmente pois falamos de formação, que os jogadores comecem a perceber certas e determinadas coisas, por exemplo a questão dos laterais, quando um sobe o outro tem de ficar a fechar, o médio trinco já tem de perceber que serve essencialmente para dar aquela situação das coberturas, os extremos, quando a bola é cruzada de um flanco o outro extremo tem de aparecer ao segundo poste. Como se trata de formação, iniciados, jovens de 13/14 anos nós procuramos que eles comecem a perceber o jogo, não só jogar mas também perceber o que estão a fazer para depois quando chegarem aos juvenis, juniores já tenham um conhecimento mais aprofundado daquilo que está a fazer. Jogar, mas perceber o que está a fazer, não sérum robô.

3. Quais é que são os objetivos na sua opinião que se pretendem alcançar quando se cria MJ na sua equipa?

Para mim como se trata de escalão de formação é que eles comecem a perceber o jogo, que todas as ações individuais se vão inserir numa ação coletiva global e determinados pormenores que eles fruto da idade ainda não possuem e que nós entendemos que eles percebem aquilo que estão a fazer para depois o treinador estar no banco e não ter necessidade de estar sempre a dizer para fazer isto ou aquilo. Eles automaticamente ao perceber vão responder de imediato e é isso que nós pretendemos.

4. Na sua opinião quem deve participar na formulação e conceção do MJ de uma equipa?

Tendo por base os ideais, os valores do clube onde nós estamos inseridos que nos são dados, creio que depois o treinador tem de absorver esses ideais e esses valores e tentar-se adaptar à equipa onde está, ao escalão onde está e ele próprio definir mas tendo sempre como base as indicações que lhe são dadas pelo coordenador técnico, que neste caso é uma figura da estrutura mas que consegue estar presente em todos os aspetos e capítulos do clube e das equipas.

5. Ao formular um MJ quais os aspetos que se devem ter em conta?

Escalão e idade.

6. O contexto do Clube pode influenciar um MJ? Como?

Sim, creio que sim. Falando de clubes, teoricamente os grandes como Benfica, Sporting, Porto, aí parto do pressuposto que os jogadores já chegam aos iniciados com uma perceção diferente do jogo enquanto se calhar em clubes onde temos que lidar com o que nos aparece, a oferta é pouca, nós temos que ensinar, temos que no fundo ser os professores e avaliar no início da época aquilo que os jogadores conseguem fazer e depois suprimir as lacunas. Enquanto que nos clubes onde há mais oferta, os jogadores já chegam aos iniciados, alguns já são taticamente muito evoluídos para além de tecnicamente e se calhar num distrito do interior isso pode interferir um bocadinho, a própria qualidade do jogador e noção que ele tem do jogo.

7. Na sua opinião quais é que são os fatores e condicionalismos que podem influenciar um MJ?

Eu creio que será mesmo aquilo que os jogadores percebem do jogo e a forma como eles interpretam as indicações do treinador.

8. Na sua opinião o MJ pode ser reajustado em função da prestação da equipa, dos resultados ao longo da época e da evolução dos jogadores? De que forma?

Creio que sim, por exemplo quando iniciamos a época com uma ideia de tentar fazer perceber os jogadores de certas e determinadas coisas e eles vão assimilando isso, acho que o papel do treinador tem que ser já passar para uma etapa seguinte. Por exemplo um defesa-esquerdo já percebe automaticamente que tem de fechar ao meio quando o outro lateral sobe, então aí temos que dar mais indicações no sentido de que na posição ele tem que fazer isto mas que no entanto há mais para além disso. Tem que apoiar o extremo, tem que levar a bola, temos que adaptar consoante a época está a correr e consoante a própria evolução dos jogadores.

9. É da opinião que se deve alterar o MJ durante a época? Porquê?

Sim, alterar de um momento para o outro não digo, mas consoante os objetivos que foram definidos no início da época. Uma equipa que quer lutar pela manutenção mas que até consegue estar lá em cima quando começar a disputar campeonatos, então acho que aí devemos ter aquele sentimento de querer fazer algo mais, eles ao perceberem o jogo, ao perceberem as movimentações, os

aspectos individuais que depois se transformam em coletivos, acho que o próprio modelo vai mudar.

10. Considera importante ter mais que um sistema tático idealizado para o MJ? Porquê?

Sim, porque o futebol é rico em circunstâncias que mudam. Por exemplo uma equipa quando sofre uma expulsão tem que saber readaptar, por exemplo 4-4-2 tirar um avançado, ficar com um na frente e esse avançado saber que tem de fazer, saber que tem de ajudar, tem recuar depois tem de jogar em profundidade. O futebol é muito rico e é muito volátil e acho que é ideal ter sempre mais que um sistema tático.

11. O MJ deve ser um elemento orientador do treino e do jogo da equipa? Porquê?

Acho que sim. Na minha conceção acho que devemos idealizar exercícios e formas de estar no treino consoante depois aquilo que nós queremos que os jogadores representem aos fins-de-semana, quer também nos jogos amigáveis e oficiais.

12. Na sua opinião os exercícios de treino devem ser padronizados para as equipas de acordo com o MJ?

Não, deve haver uma ideia geral, mas não deve ser régua e esquadro, ou seja, haver padrões fixos ou rígidos.

13. Na sua opinião as características dos jogadores são importantes para a posição que ocupam no MJ?

Sim. Aquilo que eles conseguem fazer e perceber é importante. No meu caso existem jogadores que sentem desconfortáveis a jogar fora de uma posição base.

14. Na sua opinião quem deve ter conhecimento do MJ adotado da sua equipa? Porquê?

Na minha visão romântica, desde o presidente até coordenadores técnicos, acho que devem ter uma ideia do que o treinador está a querer fazer, no entanto é difícil porque são muitas ideias a canalizar por muitas pessoas, mas todas as pessoas no clube devem saber o que está a ser feito.

GUIÃO DA ENTREVISTA

Treinador: T9

Local: Castelo Branco
Data: 13 / 02 / 2017
Hora de início: 17h 30m
Duração da entrevista: 11m 11s

1. O que é para si um modelo de jogo (MJ)?

Para mim um modelo de jogo é tudo o que faz parte do futebol, a nível de treinos. Introduzir várias situações de jogo, ensinar aos miúdos todos os aspectos sobre o que vai acontecer durante um jogo de futebol, treinar jogo aéreo, treinar passe, treinar desmarcações, treinar tudo. São situações que podem ocorrer no jogo e temos de as treinar antes. Treinamos dois, três esquemas táticos, treinamos maneiras de defender, de atacar e ensinamos aos atletas como se devem comportar nas suas posições ou nas várias posições porque um jogador pode

fazer mais de uma posição por jogo e incidimos mais nas partes que os miúdos têm alguma deficiência.

2. Qual é que é o seu MJ?

O meu modelo de jogo tem sido dedicado mais ao aperfeiçoamento do jogador. A nível de cabeceamentos, posições em campo, técnica e tática, são jogadores muito jovens e têm que aprender essas coisas. Tenho-me dedicado mais ao nível individual, para eles compreenderem o que é o futebol. Ensino-lhes bastantes coisas que vão acontecer, treinamos muitas situações de 1 para 1, situações de 2 para 2, como devem defender, tentar trabalhar o individual em certos jogadores que estão mais atrasados que outros. Quando é a equipa toda temos trabalhado situações defensivas porque é uma equipa que sofre muitos golos, temos trabalhado o aspeto psicológico porque os jogadores vão-se um pouco abaixo psicologicamente quando sofrem um golo.

3. Quais é que são os objetivos na sua opinião que se pretendem alcançar quando se cria MJ na sua equipa?

No individual tentar que cada jogador atinja outros patamares, saiba estar dentro de campo, saiba fazer tudo bem tanto técnica como taticamente. No aspeto coletivo saber que temos de nos ajudar uns aos outros, defensivamente e a atacar. No aspeto defensivo, saber estar no sítio certo, fazer as compensações, fazer coberturas. No ataque, tentar com que os jogadores saibam fazer as suas funções corretamente.

4. Na sua opinião quem deve participar na formulação e conceção do MJ de uma equipa?

Não só os treinadores, mas também temos de ter a ajuda dos jogadores porque eles são a parte mais importante, se não compreenderem o que treinador lhes pede dificilmente se consegue trabalhar corretamente. Também devemos ter o apoio dos pais, como dos diretores para ajudar os miúdos em certos aspetos porque eles muitas vezes vão-se abaixo psicologicamente. Não querem trabalho, faltam muito aos treinos e assim não há modelo de jogo que funcione.

5. Ao formular um MJ quais os aspetos que se devem ter em conta?

Devemos ter em atenção aos jogadores que temos, na minha opinião. Se são jogadores que dá para trabalhar de uma maneira ou dá para trabalhar de outra, porque há certos plantéis que não dá para trabalhar como temos planeado. Quando temos algo em mente depois os jogadores não conseguem expandir aquilo que nós queremos, sai tudo manchado.

6. O contexto do Clube pode influenciar um MJ? Como?

Se o clube tiver boas condições é mais fácil ter um modelo de jogo porque dá para trabalhar tudo o que pensamos. Se for um clube pobre, que não tenha condições, não tenha jogadores de qualidade, claro que vai ter influência.

7. Na sua opinião quais é que são os fatores e condicionalismos que podem influenciar um MJ?

Faltar aos treinos, ter pouca matéria para trabalhar, ter falta de material para trabalhar, porque há clubes que muitas vezes não têm material para trabalhar.

8. Na sua opinião o MJ pode ser reajustado em função da prestação da equipa, dos resultados ao longo da época e da evolução dos jogadores? De que forma?

Sim, acho que pode ser reajustado, porque podemos estar a trabalhar de uma maneira e ao fim de algum tempo reparar que estamos a trabalhar mal ou estamos a trabalhar bem. Ao longo da época há jogadores lesionados, há jogadores castigados, há jogadores que abandonam e há outros que regressam e durante a época temos que ir ajustando as coisas.

9. É da opinião que se deve alterar o MJ durante a época? Porquê?

Não, mas se tiver de ser por causa de certas contingências que possam acontecer durante a época, mas só mesmo em caso de força maior.

10. Considera importante ter mais que um sistema tático idealizado para o MJ? Porquê?

Sou a favor que todas as equipas devem ter pelo menos dois sistemas táticos, porque se há um que não dá, se não temos jogadores para jogar num sistema temos que experimentar outro. Durante o jogo pode haver uma expulsão, pode haver castigos e temos que alterar para outro sistema.

11. O MJ deve ser um elemento orientador do treino e do jogo da equipa? Porquê?

Claro que deve ser um elemento orientador porque costumamos dizer que jogas como treinas e treinas como jogas.

12. Na sua opinião os exercícios de treino devem ser padronizados para as equipas de acordo com o MJ?

Há certos exercícios que sim que devem ser trabalhados para todas as equipas, mas há outros que conforme a necessidade da equipa, temos que ajustar o treino conforme o potencial dos jogadores que temos.

13. Na sua opinião as características dos jogadores são importantes para a posição que ocupam no MJ?

Acho que sim, porque o jogador é o mais importante dentro do campo, dentro do treino dentro do jogo, as características dos jogadores penso que têm muita influência.

14. Na sua opinião quem deve ter conhecimento do MJ adotado da sua equipa? Porquê?

Tirando o treinador que é ele que pensa tudo, penso que os jogadores têm de estar muito dentro e ter conhecimento de tudo o que vamos fazer a nível de treinos. Explicamos o treino que vamos fazer no início do treino. Se vamos fazer uma coisa explicar para que é essa coisa. Para quando os jogadores tiverem de se expressar em campo já saberem mais ou menos as suas funções e o que têm de fazer em campo.

GUIÃO DA ENTREVISTA

Local: Castelo Branco

Data: 15 / 02 / 2017

Hora de início: 17h 30m

Duração da entrevista: 11m 09s

Treinador: T10

1. O que é para si um modelo de jogo (MJ)?

É uma metodologia usada por uma equipa, ou seja, a equipa tem uma ideia de jogo estruturada e usa essa ideia para o jogo. As equipas preparam estratégias para os jogos.

2. Qual é que é o seu MJ?

Na minha metodologia e na minha maneira de ser o meu modelo de jogo passa por pressionar alto, fazer boas circulações de bola, boa circulação táctica, lateralizar bem, ensinar bem as rotinas aos jogadores, usar bastante os flancos nas subidas dos laterais, compensações.

3. Quais é que são os objetivos na sua opinião que se pretendem alcançar quando se cria MJ na sua equipa?

Penso que seja criar rotinas à equipa, ou seja, ensinar as bases para desenvolver as capacidades dos jogadores da melhor forma. Não quer dizer que em todos os jogos tenhamos que seguir esse modelo de jogo porque pode ter que haver alterações consoante o adversário, os resultados às vezes não estão a correr da melhor forma, pode haver imprevistos, uma expulsão e a equipa tem que se saber adaptar a outro tipo de modelo de jogo.

4. Na sua opinião quem deve participar na formulação e conceção do MJ de uma equipa?

Os treinadores e os jogadores como é óbvio. Cada clube deve ter uma metodologia e acho que a direção em conjunto com os treinadores são os que devem formar uma base, criada para depois ser administrada às crianças.

5. Ao formular um MJ quais os aspetos que se devem ter em conta?

A idade das crianças com que estamos a trabalhar, as condições que temos para trabalhar esse modelo de jogo. O meio ambiente onde podemos trabalhar, os recursos materiais.

6. O contexto do Clube pode influenciar um MJ? Como?

Sim, consoante as condições que são que nos são disponibilizadas para trabalhar.

7. Na sua opinião quais é que são os fatores e condicionalismos que podem influenciar um MJ?

Condições climatéricas, espaciais. Se eu gostar de jogar sempre com bola no chão, por exemplo se o clube tiver um pelado e não um sintético dificulta mais essa estratégia. O facto de faltarem jogadores torna-se difícil, por vezes temos o plano de treino já planificado, e faltam jogadores e já temos de estar a adaptar tudo de forma repentina e pode condicionar o trabalho que quero fazer.

8. Na sua opinião o MJ pode ser reajustado em função da prestação da equipa, dos resultados ao longo da época e da evolução dos jogadores? De que forma?

Obviamente que sim. De duas formas: uma coisa é eu ter o meu modelo de jogo planificado e os resultados não estão a surgir, ou seja, alguma coisa no modelo de jogo está mal, temos que pensar e reajustar de forma a inverter a situação. Se as coisas estiverem a correr bem, se os resultados tiverem a surgir, se os atletas tiverem a conseguir concretizar a minha ideia, o meu modelo de jogo, se os objetivos gerais e específicos tiverem a ser concretizados penso que aí pode ter que haver um ajuste porque nem sempre tudo está bem, mas penso que aí não haja grande necessidade de alterar o modelo de jogo uma vez que os objetivos estão a ser cumpridos.

9. É da opinião que se deve alterar o MJ durante a época? Porquê?

Sim se as coisas não estiverem a correr bem. Se estivermos a falar de escalões de formação o modelo de jogo está criado para criar bases aos jogadores, por isso penso que os resultados não sejam tão importantes nos escalões de formação, mas sim a ideia e a metodologia do jogo. Se os jogadores tiverem a realizar as tarefas que lhes são propostas penso que não seja de todo o mais importante, porque o objetivo é criar rotinas e criar bases aos jogadores. Se estivermos a falar de uma equipa profissional, de uma equipa de seniores que exija já resultados se o modelo de jogo não está a resultar, se a equipa não está a ter resultados, acho que a melhor coisa é alterar o modelo de jogo.

10. Considera importante ter mais que um sistema tático idealizado para o MJ? Porquê?

Sim, porque nem sempre o jogo corre de agrado à equipa. Pode haver uma expulsão, a equipa tem que se adaptar a esse fator, pode haver algum resultado adverso para nós e nós precisamos de ganhar e convém sempre que a equipa esteja familiarizada com outras rotinas e com outros sistemas táticos para conseguir responder da melhor forma.

11. O MJ deve ser um elemento orientador do treino e do jogo da equipa? Porquê?

Sim, porque no treino nós aplicamos a nossas ideias e usamos o treino para trabalhar aquilo que se vai passar no jogo. Por isso acho que o modelo de jogo faz todo o sentido estar inserido no treino para criar um ambiente mais familiarizado daquilo que se vai passar durante a competição.

12. Na sua opinião os exercícios de treino devem ser padronizados para as equipas de acordo com o MJ?

Não, porque estamos a falar de vários escalões. Penso que cada escalão vai tendo a sua evolução, ou seja, não podemos exigir um modelo de jogo nos juniores que exigimos por exemplo a uma equipa de iniciados porque os jogadores não têm ainda essa capacidade física e psicológica para entender algumas ideias do modelo de jogo. Claro que devemos criar um modelo de jogo adequado às idades e ir aumentando a exigência consoante os atletas vão subindo de escalão.

13. Na sua opinião as características dos jogadores são importantes para a posição que ocupam no MJ?

Sim obviamente. Como estamos a falar de muitos escalões de formação e eu como treinador tentamos sempre ao máximo fortalecer a nossa equipa, por exemplo nunca vou por um jogador que tenho menos corpo a fazer uma marcação em contacto físico com um atleta que seja maior porque obviamente vai perder a maior parte dos duelos e depois vai-se tornar mau para esse jogador porque vai abaixo pois vê que não consegue ganhar bolas e entra num estado de desmotivação grande. Convém sempre arranjar forma com que esse jogador nos mais rendimento consoante as suas características.

14. Na sua opinião quem deve ter conhecimento do MJ adotado da sua equipa? Porquê?

A direção porque é a responsável pelo clube e depois quem trabalha comigo, preparadores físicos, treinador adjunto e por último os atletas.

GUIÃO DA ENTREVISTA

Treinador: T11

Local: Castelo Branco
Data: 14 / 02 / 2017
Hora de início: 17h 30m
Duração da entrevista: 10m 01s

1. O que é para si um modelo de jogo (MJ)?

Para mim um modelo de jogo tem a ver com as aspetos técnicos e com o que se quer da equipa. Tem que se ter em atenção à competição em que se está, se é distrital se é nacional e as táticas que se vão utilizar, podendo-se utilizar mais do que uma e ter em atenção aos jogadores que se tem.

2. Qual é que é o seu MJ?

O meu modelo de jogo seria um jogo mais direto, não demasiado elaborado, seria conciso e forte na frente com uma defesa sólida.

3. Quais é que são os objetivos na sua opinião que se pretendem alcançar quando se cria MJ na sua equipa?

Não sofrer golos e marcar, ter uma equipa que consiga marcar golos e não sofrendo. Ser uma equipa agressiva, que saiba o que está a fazer dentro do campo, ou seja, cada jogador sabe na sua e nas outras posições o que pode e não pode fazer e quais são as jogadas que estão definidas para aquela posição.

4. Na sua opinião quem deve participar na formulação e conceção do MJ de uma equipa?

Tem a ver com a equipa técnica, se tivermos adjunto, preparador físico, treinador de guarda-redes. Acho que deve ser uma conversa, mas claro que o treinador principal terá a última palavra a dizer consoante aquilo que quer ou não quer.

5. Ao formular um MJ quais os aspetos que se devem ter em conta?

A competição em que se está inserido, o tipo de jogadores que temos, o calendário que se vai ter.

6. O contexto do Clube pode influenciar um MJ? Como?

Pode, porque há clubes que têm definido quais os modelos ou as regras de jogo que querem seguir, podendo claro dentro desses modelos arranjar alternativas mas tendo sempre uma base a seguir, metas a seguir, objetivos a seguir.

7. Na sua opinião quais é que são os fatores e condicionalismos que podem influenciar um MJ?

Os jogadores em si, dependendo da equipa que temos, as condições de trabalho. Se uma equipa estiver só a treinar em meio campo é diferente de estar a treinar no campo inteiro.

8. Na sua opinião o MJ pode ser reajustado em função da prestação da equipa, dos resultados ao longo da época e da evolução dos jogadores? De que forma?

Claro que sim, pode e deve. Avaliando a equipa ao longo dos jogos, falando com o treinador adjunto, ou se tiver observadores, irem vendo o que está bem e o que está mal. Se tiverem possibilidade de filmarem os jogos têm uma melhor perceção do se está a passar e do não se está a passar e perspetivas diferentes. Um treinador está ver ao nível do campo e se a filmagem for por cima é diferente.

9. É da opinião que se deve alterar o MJ durante a época? Porquê?

A meio de uma prova se calhar não é o ideal, mas no início. Pode haver ali dois ou três jogos se há ali um aspeto ou outro que a equipa não consegue mesmo, claro que se deve mudar.

10. Considera importante ter mais que um sistema tático idealizado para o MJ? Porquê?

Sim claramente, porque primeiro temos que ver que as equipas adversárias não jogam todas iguais, ou seja temos que ver qual é o sistema que a outra equipa vai jogar e ter um sistema forte mas ter alternativas para poder superar a tática do adversário.

11. O MJ deve ser um elemento orientador do treino e do jogo da equipa? Porquê?

Sim claramente, porque o modelo de jogo é o que vai ditar o que a equipa vai fazer e os aspetos que deve seguir para ter um bom sucesso.

12. Na sua opinião os exercícios de treino devem ser padronizados para as equipas de acordo com o MJ?

Não acho, pode haver sim uma bateria de exercícios em que depois o treinador tem acesso, pode usar os que quer, mas tem que ter liberdade para poder escolher aqueles que acha mais adequados para chegar àquele objetivo do modelo de jogo.

13. Na sua opinião as características dos jogadores são importantes para a posição que ocupam no MJ?

Claramente, quer sejam características técnicas, como psicológicas, como físicas, porque se não há aspetos no modelo de jogo que se um jogador não conseguir cumprir, pode prejudicar o modelo de jogo.

14. Na sua opinião quem deve ter conhecimento do MJ adotado da sua equipa? Porquê?

Claramente os jogadores, a equipa técnica, o coordenador e presidente.